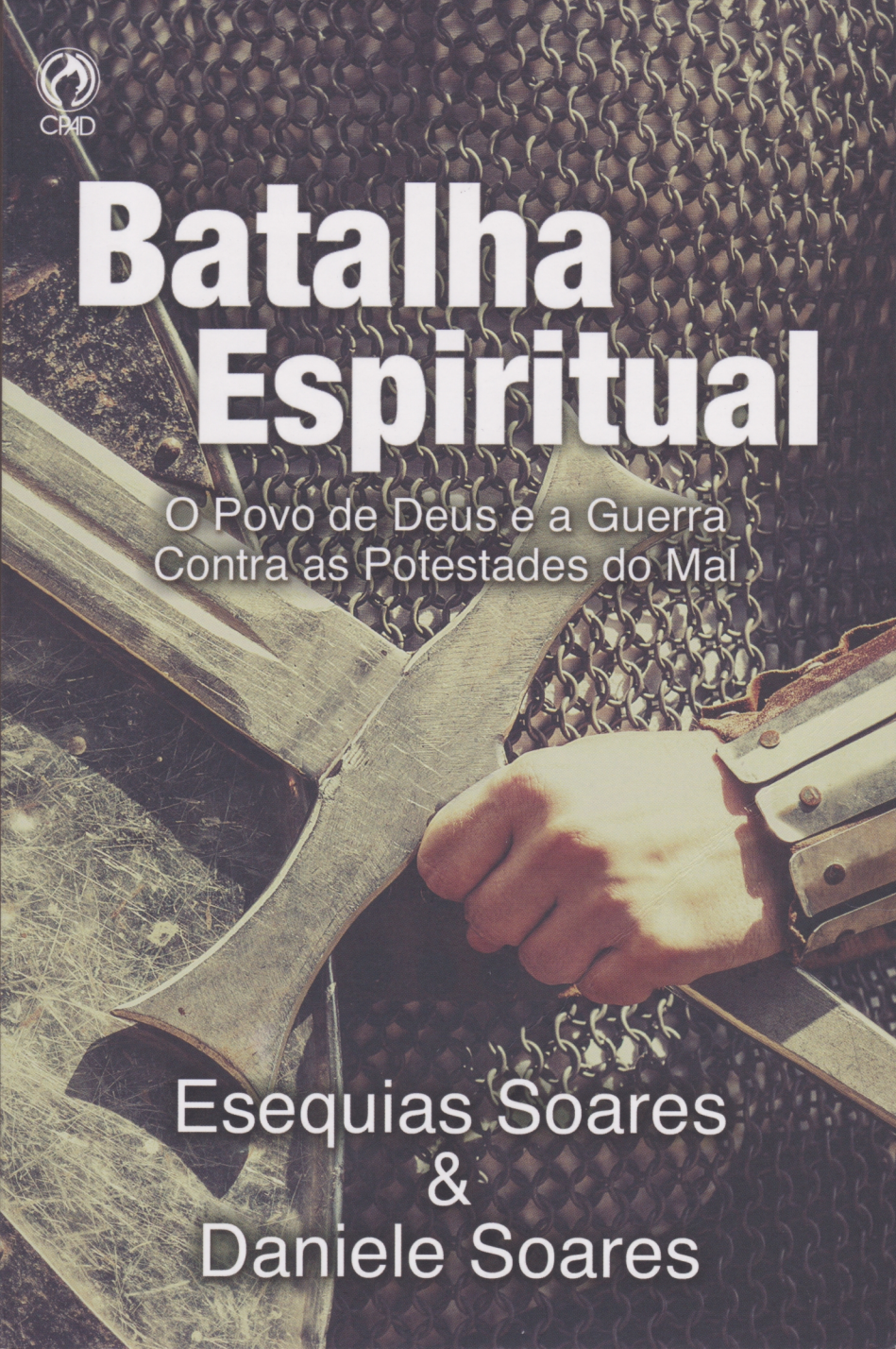

CPAD
Batalha Espiritual
O Povo de Deus e a Guerra Contra as Potestades do Mal
Esequias Soares
&
Daniele Soares

Batalha Espiritual

A expressão *Batalha Espiritual* traz, para muitas pessoas, a ideia de que seres invisíveis estão em constante movimento no campo de operações espirituais para fazer cumprir ou atrapalhar os planos de Deus. Muito se tem ensinado, de forma equivocada, sobre esse assunto, e muita confusão tem sido feita exaltando os poderes das trevas, colocando-os em igualdade ao poder de Deus.

O objetivo do presente livro, *Batalha Espiritual – O Povo de Deus e a Guerra Contra as Potestades do Mal,* é mostrar e explicar, com base bíblica e histórica, a realidade da batalha espiritual nos seus vários aspectos. Com isso, confrontamos o movimento que também se denomina "Batalha Espiritual", mas que traz no seu bojo uma coleção de crendices e especulações completamente destituídas de fundamentação bíblica. Esta mostra quem são os seres espirituais, como agem, a importância da armadura de Deus e a necessidade de viver em constante vigilância e oração, entre outros assuntos. A sujeição à vontade de Deus e a renovação da forma de pensar também fazem parte dessa batalha constante.

ESEQUIAS SOARES é pastor da Assembleia de Deus em Jundiaí-SP. Graduado em Letras Orientais – Hebraico, pela Universidade de São Paulo, e Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, é professor de Hebraico, Grego e Apologia Cristã, bem como comentarista de *Lições Bíblicas* da Escola Dominical, autor de diversos livros, presidente da Comissão de Apologética Cristã da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil).

DANIELE SOARES é professora e membro da AD de Jundiaí, SP, tem mais de 15 anos de experiência com revisão e edição de textos teológicos. É graduada em Economia (Universidade Mackenzie) e Ciências Sociais (USP), com mestrado em Economia (PUC-SP) e Teologia com ênfase em línguas bíblicas (Fuller Theological Seminary, Pasadena, CA, EUA). Tem se dedicado ao estudo das práticas culturais e da relação entre cultura e cristianismo.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-263-1737-6



Batalha Espiritual

O POVO DE DEUS E A GUERRA CONTRA AS POTESTADES DO MAL

Esequias Soares
&
Daniele Soares

Escriba digital

Batalha Espiritual

O POVO DE DEUS E A GUERRA CONTRA AS POTESTADES DO MAL

Esequias Soares
&
Daniele Soares

1ª edição

CPAD

Rio de Janeiro
2018

Todos os direitos reservados. Copyright © 2018 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Capa: Wagner de Almeida
Projeto gráfico e editoração: Paulo Sérgio Primati
Revisão: Lettera Editorial

CDD: 240 - Moral Cristã e Teologia Devocional
ISBN: 978-85-263-1737-6

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401 - Bangu - Rio de Janeiro - RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: Outubro/2018
Tiragem: 38.000

Sumário

ABREVIATURAS 7

INTRODUÇÃO 9

Capítulo 1 | BATALHA ESPIRITUAL: UMA REALIDADE QUE NÃO PODE SER SUBESTIMADA 13
A realidade da batalha espiritual 14
As extravagâncias da suposta batalha espiritual 15

Capítulo 2 | NOSSA LUTA NÃO É CONTRA CARNE E SANGUE 27
Uma linguagem militar carregada de metaforismo 28
Este mundo tenebroso 30
Contra os poderes das trevas 34

Capítulo 3 | A NATUREZA DOS ANJOS 37
Definindo os termos 38
Desenvolvimento da angelologia 40
Anjos na Declaração de Fé das Assembleia de Deus no Brasil 46
A confusão com o arcanjo Miguel no mundo contemporâneo 46
Representação nas pinturas 48
Os anjos e a batalha espiritual 49

Capítulo 4 | A NATUREZA DOS DEMÔNIOS 51
Imaginário sobre os seres espirituais no período interbíblico 52
Demônios na visão bíblica 54
O desenvolvimento da demonologia 58
Os demônios e a batalha espiritual 61

Capítulo 5 | POSSESSÃO DEMONÍACA E A AUTORIDADE DO NOME DE JESUS 63
Um homem possesso de demônios 64
O poder de Jesus sobre todo o reino das trevas 64
A libertação do gadareno e as consequências 69
Uma explicação sobre a região de decápolis 71
A reflexão sobre a batalha espiritual com base na passagem do gadareno 72

Capítulo 6 | UM INIMIGO QUE PRECISA SER RESISTIDO 75
Resistindo o inimigo 76
Contra a contenda 77
Contra o mundanismo 78
Contra a insubmissão a Deus 80
Contra a maledicência 81
O trato com as outras pessoas e a batalha espiritual 83

Capítulo 7 | QUEM DOMINA A SUA MENTE? 85
Lendo Filipenses 4.4-9 86
A mente de quem está em Cristo 92
O uso do intelecto e a batalha espiritual 95

Capítulo 8 | TENTAÇÃO: A BATALHA POR NOSSAS ESCOLHAS E ATITUDES 97
Tentação 98
A tentação de Jesus 100
A peregrinação de Israel no deserto e a tentação de Jesus 103
A tríplice tentação 105
Vencendo as tentações 110

Capítulo 9 | CONHECENDO A ARMADURA DE DEUS 113
Elementos usados nas ilustrações 114
Partindo do genérico para o específico 117

Capítulo 10 | PODER DO ALTO CONTRA AS HOSTES DA MALDADE 121
O poder do alto 122
Filipe em Samaria 123
Simão, o mágico ou Simão Mago 126

Capítulo 11 | DISCERNIMENTO DO ESPÍRITO: UM DOM NECESSÁRIO 131
O que é discernimento 132
A mente renovada e o discernimento 134
O discernimento na prática 136
O discernimento e a batalha espiritual 137

Capítulo 12 | VIVENDO EM CONSTANTE VIGILÂNCIA 139
Atentos para a vinda de Jesus 140
Exortação à vigilância 142
A vigilância em relação à doutrina 144

Capítulo 13 | ORANDO SEM CESSAR 147
A oração dos primeiros cristãos 148
O que aprendemos com os primeiros cristãos para lidar com a batalha espiritual 154

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 157

Abreviaturas

ARA Versão de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.

ARC Versão de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Corrigida. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

NAA Nova Almeida Atualiza. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

NTLH Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

NVI Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

NVT Nova Versão Transformadora. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016.

TB Tradução Brasileira - Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

ANTIGO TESTAMENTO

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1 Sm	1 Samuel
2 Sm	2 Samuel
1 Rs	1 Reis
2 Rs	2 Reis
1 Cr	1 Crônicas
2 Cr	2 Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cantares
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações de Jeremias
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias
Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1 Co	1 Coríntios
2 Co	2 Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1 Ts	1 Tessalonicenses
2 Ts	2 Tessalonicenses
1 Tm	1 Timóteo
2 Tm	2 Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemon
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1 Pe	1 Pedro
2 Pe	2 Pedro
1 Jo	1 João
2 Jo	2 João
3 Jo	3 João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

Introdução

À luz de Efésios 6.10-17, existe um mundo espiritual e invisível habitado por seres malignos que conspiram contra Deus e contra os seres humanos. O ensino apostólico nos exorta a combater essas forças demoníacas pelo poder que o Senhor Jesus conferiu aos crentes (Mc 16.17, 18; Lc 10.17-19) com oração e uma vida de santidade. Esse conjunto de fatores é chamado de batalha espiritual. Trata-se de uma realidade bíblica e manifestada na vida da Igreja ao longo dos séculos.

Como acontece em todas as religiões e crenças, há sempre desvios e especulações, buscas de explicações e tentativas de acertos. No campo teológico da angelologia, demonologia e satanalogia não foi diferente. Na década de 1960, surge o movimento com grande aceitação entre os neopentecostais e que respinga também entre nós. Esse movimento se denomina batalha espiritual, mas suas raízes vêm desde James Ostram Fraser (1886-1938). Segundo o *Dicionário do Movimento Pentecostal*, da autoria de Isael de Araujo, Fraser serviu como missionário na China, mas a conversão dos chineses não aconteceu como ele esperava. Então, desapontado, ele deixou de lado a Bíblia e criou o ministério ekbalístico, do verbo grego *ekbállo*, "expulsar,

expelir, lançar fora". Segundo Fraser, tudo o que aflige o mundo, a Igreja e a sociedade é por interferência direta dos demônios, e a única solução é "amarrá-los, controlá-los, proibi-los, repreendê-los etc." (p. 627). Segundo o movimento de Fraser, os demônios estão instalados em posições estratégicas e geográficas e por isso as igrejas precisam ir a esses demônios para neutralizar a ação deles e "amarrar o valente". Inventaram até nomes para os demônios ou copiaram dos antigos. Desde o período interbíblico já havia muitas invenções desse tipo, principalmente na literatura apocalíptica apócrifa e pseudoepígrafa, e dela surgiram muitas crenças que contribuíram para o imaginário popular. De lá surgiram nomes de anjos e demônios.

O objetivo do presente livro *Batalha Espiritual - O Povo de Deus e a Guerra Contra as Potestades do Mal* é mostrar e explicar com base bíblica e histórica a realidade da batalha espiritual nos seus vários aspectos. Com isso, confrontamos o movimento que também se denomina "Batalha Espiritual", mas que traz no seu bojo uma coleção de crendices e especulações completamente destituídas de fundamentação bíblica. Os irmãos e as irmãs precisam conhecer as duas doutrinas para não se tornarem céticos ou indiferentes nem excessivamente crédulos. Não é por causa das aberrações doutrinárias que vamos deixar de acreditar nas manifestações do Espírito Santo. Isso porque as crendices do tal movimento têm levado alguns ao ceticismo e outros ao fanatismo. Somos pentecostais e cremos na atualidade dos dons espirituais, mas discernimos muito bem quando a manifestação é de Deus ou de fogo estranho. Religião sem sobrenatural é mera filosofia.

A obra esclarece os vários aspectos da batalha espiritual, como a realidade dos anjos, dos demônios e seu maioral, o diabo,

da tentação, do poder de Jesus e a sua vitória sobre todo o reino das trevas e sobre a força do mal. Esses capítulos falam sobre o discernimento e a mente de Cristo, e sobre assuntos práticos do dia a dia, como a vigilância e a oração. Assim esperamos contribuir e ajudar os irmãos e as irmãs no conhecimento bíblico e também na sua edificação espiritual para que cada um tenha uma vida vitoriosa em Cristo.

1

Batalha espiritual: uma realidade que não pode ser subestimada

A análise do tema "batalha espiritual" no presente capítulo enfoca o conjunto de crenças e práticas neopentecostais que alcançou espaço considerável em nosso meio. Trata-se da doutrina da maldição hereditária, da teoria dos espíritos territoriais e da ideia de expulsar demônios dos próprios crentes em Jesus. São inovações provenientes de várias fontes: erros de interpretação de textos bíblicos, experiências pessoais e revelações de origem estranha. Trata-se de distorção doutrinária que está muito em voga na mídia evangélica e nos últimos anos vem recebendo aceitação de muitos líderes desavisados.

A REALIDADE DA BATALHA ESPIRITUAL

A autêntica batalha espiritual tem fundamentos bíblicos: "todo o mundo está no maligno" (1 Jo 5.19). Mas nem tudo o que se diz ser batalha espiritual tem sustentação bíblica. Por isso a necessidade de entender como o assunto é apresentado na Bíblia. Como veremos, há passagens que descrevem esse tipo de batalha no Antigo e no Novo Testamento.

No Antigo Testamento, o relato que trata da deliberação sobre a guerra contra Ramote-Gileade registrado em 1 Reis 22.10-28, e a passagem paralela de 2 Crônicas 18.5-27 mostra uma cena dramática do embate entre o falso profeta Zedequias liderando um grupo de 400 falsos profetas e o profeta de Deus, Micaías. Era uma batalha espiritual, uma disputa do reino das trevas contra o reino da luz.

Os três capítulos iniciais do livro Jó revelam outra batalha: o próprio Satanás ousa desafiar Deus usando o patriarca Jó. Não que o diabo tenha poder para medir forças com Deus; esse dualismo não existe na Bíblia entre Deus e Satanás. Mas Deus permitiu a Satanás tirar tudo de Jó, desde os filhos até os bens materiais e por fim até mesmo a saúde. Satanás está vivo e ativo no planeta Terra, mas Deus tem testemunhas fiéis que limitam essa atuação satânica. Jó é um exemplo clássico dessa realidade.

No Novo Testamento, o exemplo mais conhecido é a tentação de Jesus no deserto registrada nos evangelhos sinóticos (Mt 4.1-11; Mc 1.12, 13; Lc 4.1-13). Situação dessa natureza aparece com certa frequência nos evangelhos (Mt 12.22; 17.19, 21). O apóstolo Pedro teve de enfrentar Simão, o mágico em Samaria (At 8.9-24), e da mesma forma o apóstolo Paulo enfrentou várias

vezes essas hostes malignas (At 13.8-11; 16.16-22; 19.11-19). Paulo fala sobre a existência de um mundo espiritual da maldade sob o domínio do príncipe das trevas (Ef 2.2; 6.10-12).

Esses exemplos são suficientes para apontar a existência da batalha espiritual nas Escrituras Sagradas. Como contextualizamos o assunto, então? Trazendo a realidade para nossos dias, a batalha espiritual consiste na oposição dos cristãos às forças malignas pela pregação do evangelho, pela oração e pelo poder da Palavra de Deus. Essa peleja vai continuar até a vinda de Jesus.

É verdade que no trabalho da pregação do evangelho ocorrem muitos fenômenos inexplicáveis. Reconhecemos que os demônios existem, são reais e se manifestam de várias maneiras, principalmente nas pessoas possessas. Tais espíritos precisam ser expulsos. É verdade que oração e jejum são indispensáveis e muito importantes na vida do crente, principalmente quando nos encontramos numa situação como essa. Nesse aspecto, a teologia da batalha espiritual está de acordo com as Escrituras Sagradas. Os fatos estão registrados na Bíblia, e nenhum cristão ousa negar essa realidade.

AS EXTRAVAGÂNCIAS DA SUPOSTA BATALHA ESPIRITUAL

Existe uma onda extravagante surgida na década de 1960 que tenta se passar por batalha espiritual. Infelizmente essa inovação ainda não foi erradicada de nosso meio. O que se vê nesse novo movimento é uma aberração doutrinária que tem levado muitos à incredulidade e outros ao fascínio quase esotérico. São crenças e práticas muito próximas do esoterismo e do ocultismo.

A doutrina da maldição hereditária

Os expositores dessa doutrina afirmam que seus ensinos têm apoio bíblico e pinçam a Bíblia em busca de versículos aqui e acolá na tentativa de consubstanciar as novidades apresentadas ao povo. A doutrina resume-se nisso: se alguém tem problemas com adultério, pornografia, divórcio, alcoolismo ou tendência suicida, é porque alguém de sua família, no passado, não importa se avós, bisavós, tataravós, teve esse problema.

Segundo essa doutrina, a pessoa afetada pela maldição hereditária deve, em primeiro lugar, descobrir em que geração seus ancestrais deram lugar ao diabo. Uma vez descoberta tal geração, pede-se perdão por ela, e, dessa forma, a maldição de família será desfeita. Uma espécie de perdão por procuração, muito parecido com o batismo pelos mortos praticado pelos mórmons.

Basta uma leitura na Bíblia, ainda que superficial, para ver com clareza a fragilidade dessa doutrina, a começar pela história de Caim e Abel. Ambos eram filhos dos mesmos pais, receberam a mesma educação religiosa, entretanto um era fiel, e o outro, ímpio (1 Jo 3.12). O que dizer de Jacó e Esaú, irmãos gêmeos, educados no mesmo lar? Aquele recebeu a bênção porque este a trocou por um prato de comida (Ml 1.2; Hb 12.16, 17). Não existe na Bíblia registro de profeta ou apóstolo praticando ou ensinando orações ou atos litúrgicos para quebrar a maldição de Caim ou de Esaú.

A Bíblia revela que nem sempre o filho assimila o pecado do pai. Há muitos exemplos na história dos reis de Israel e de Judá registrados nos livros dos Reis e das Crônicas. O rei Amom "fez o que era mal aos olhos do SENHOR" (2 Cr 33.22); no entanto, o rei Josias, seu filho: "[...] fez o *que era* reto aos olhos do SENHOR e andou nos caminhos de Davi, seu pai, sem se desviar *deles* nem para a direita nem para a esquerda" (2 Cr 34.2).

Os principais expoentes dessa doutrina apresentam uma roupagem aparentemente bíblica. Eles citam a Bíblia fora do contexto para adaptá-la aos seus ensinos. O uso do segundo mandamento do Decálogo é um desses exemplos:

> Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos (Êx 20.4-6).

Os promotores da doutrina da maldição hereditária se apegam à frase explicativa do segundo mandamento: "que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem" (v. 5). A alegação é a seguinte: "A sua Palavra declara que uma maldição pode ser transmitida de geração a geração (Êx 20.3-5)" (HICKEY, 1993, p. 21).

O objetivo dessas palavras explicativas do segundo mandamento do Decálogo é contrastar o castigo para "a terceira e a quarta geração" com o propósito de Deus de abençoar a milhares de gerações, considerando que a "terceira e a quarta geração" representam o número máximo de gerações que vivem juntas na extensão de uma família. O contexto desse preceito é a idolatria, pois o mandamento começa com as palavras: "Não farás para ti imagem de escultura, [...] Não te encurvarás a elas nem as servirás". Logo, as ameaças sobre as gerações daqueles que aborrecem a Javé são para os descendentes que continuam

envolvidos na idolatria dos pais. Quando alguém se converte a Cristo, deixa de aborrecer a Deus; logo, essa passagem bíblica não pode se aplicar aos crentes nascidos de novo (Rm 5.8-10), pois eles se tornaram novas criaturas, "as coisas velhas já passaram, e eis que tudo se fez novo" (2 Co 5.17).

Havia em Israel um provérbio muito antigo: "Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram?" (Ez 18.2). Essa máxima parece estar arraigada no segundo mandamento. Esse dito popular refletia o ceticismo dos exilados na Babilônia, pois se consideravam injustiçados, ou seja, estavam sendo condenados e punidos por causa do pecado dos seus antepassados. Era uma crítica à justiça divina. "Uvas verdes" são os pecados, e os "dentes embotados" são a consequência deles. Essa máxima aparece de forma literal em Lamentações: "Nossos pais pecaram e já não existem; nós levamos as suas maldades" (5.7).

O conceito de responsabilidade continuada pelos pecados ancestrais era herança do segundo mandamento, uma vez que a continuidade das gerações humanas impede que a pessoa se isole do grupo. Os pecados do povo foram acumulados geração após geração, mas o castigo do cativeiro era responsabilidade daquela geração. O profeta Jeremias exortou a casa real com todos os seus príncipes, os sacerdotes e o povo ao arrependimento, e isso ele fez durante mais de quarenta anos. Sua mensagem foi rejeitada: "E fez o que era mau aos olhos do SENHOR, seu Deus; nem se humilhou perante o profeta Jeremias, que falava da parte do SENHOR" (2 Cr 36.12). Era uma rebelião generalizada contra Deus (2 Cr 36.15, 16). Os profetas Jeremias e Ezequiel rejeitaram esse ditado do povo, mostrando que a responsabilidade é pessoal. Jeremias anunciou que na Nova Aliança nunca mais dirão: "Os pais comeram uvas verdes, mas foram os dentes dos

filhos que se embotaram" (Jr 31.19). Note que até em Jerusalém esse dito se propagava. Mas a palavra profética em Ezequiel proíbe desde então esse provérbio, e não no futuro: "Vivo eu, diz o Senhor Deus, que nunca mais direis esta parábola em Israel" (Ez 18.3). Todo o capítulo 18 de Ezequiel gira em torno da responsabilidade individual de cada pessoa diante de Deus: "A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele" (Ez 18.20). Não há espaço no cristianismo para essa crença estranha da maldição de família.

Não há contradição alguma entre o segundo mandamento e Deuteronômio 24.16. Em Êxodo, trata-se da administração da justiça divina, ao passo que, em Deuteronômio, o propósito é instruir a sociedade israelita sobre os abusos de não condenar nem punir inocentes por causa dos pecados dos pais culpados: "Os pais não morrerão pelos filhos, nem os filhos, pelos pais; cada qual morrerá pelo seu pecado" (Dt 24.16). Esse preceito é aplicado na vida prática posteriormente (2 Rs 14.5, 6).

Outra tentativa para dar roupagem bíblica a essas inovações é a interpretação errônea da expressão "espíritos familiares". O argumento é o seguinte: "Há uma nova vida, uma nova natureza em você. Mas seus filhos podem herdar seu ponto fraco. Sua geração foi purificada, mas eles têm de purificar-se também! A maldição precisa ser quebrada neles, ou eles herdarão sua fraqueza, que veio de seu pai e, antes dele, de seu avô e seu bisavô" (HICKEY, 1993, p. 61). Em seguida, aparecem duas citações bíblicas para fundamentar a sua declaração: "Não vos virareis para os adivinhadores e encantadores; não os busqueis, contaminando-vos com eles. Eu sou o SENHOR, vosso Deus...

Quando uma alma se virar para os adivinhadores e encantadores, para se prostituir após eles, eu porei a minha face contra aquela alma e a extirparei do meio do seu povo" (Lv 19.31; 20.6). O termo "adivinhadores" é substituído por "espírito familiares", pois a citação é da versão inglesa, a *King James Version*. Uma vez apresentadas as referências bíblicas, vem a definição de "espíritos familiares": "São maus espíritos decaídos que se tornaram familiares numa família" (HICKEY, 1993, p. 62).

O termo hebraico usado nas passagens bíblicas citadas aqui para "espírito familiares" é *obh*, ou *obhoth*, no plural, que os dicionários e léxicos hebraicos traduzem por "médium, espírito, espírito de mortos, necromante e mágico" (HARRIS e ARCHER, 1998, p. 24); "médium, adivinho, necromante, feiticeiro, espírito dos mortos, fantasma" (VANGERMEREN, vol. 1, 2011, p. 294); "espírito de morto, vaticinador" (HOLLADAY, 2010, p. 7). O homônimo de *obh*, palavra de mesma grafia com significado diferente, é "odres" (Jó 32.19). Essa palavra é traduzida apenas uma vez por "espírito familiar" na ARC (Is 8.19) e nenhuma vez na ARA. Trata-se de um termo muito disputado, o que já sinaliza a fragilidade em desenvolver uma doutrina baseada em passagens controversas.

É o relato do encontro de Saul com a médium de En-Dor (1 Sm 28.5-19) que lança luz sobre o significado do termo. Os lexicógrafos mais respeitados e mundialmente reconhecidos como Gesenius, Koehler Baumgartner, David J. A. Clines, entre outros, seguem nessa mesma linha. O termo *obh*, seja no singular ou no plural, *obhoth*, aparece 16 vezes no Antigo Testamento hebraico, assim traduzido na ARC: "adivinhadores" (Lv 19.31; 20.6); "espírito adivinho" (Lv 20.27); "espírito adivinhante" (Dt 18.11); "adivinhos" (1 Sm 28.3, 9; 2 Rs 21.6; 23.24; 2 Cr 33.6; Is

19.3); "espírito de feiticeira" (1 Sm 28.7, 8); "adivinhadora" (1 Cr 10.13); "espíritos familiares" (Is 8.19) e "feiticeiro" (Is 29.4).

A expressão "espírito familiar" aparece cinco vezes na TB para traduzir o hebraico *yddeoni*, "espírito dos mortos, adivinhador", que aparece 11 vezes no Antigo Testamento, todas elas combinadas com o substantivo *obh* (2 Rs 21.6; 23.24; 2 Cr 33.6; Is 8.19; 19.3) A TB, então, combina os termos, traduzindo-os por "espírito familiares e feiticeiros".

A Septuaginta traduz *obh* e *obhoth* 12 vezes por *engastrí-mythos*, "adivinho, adivinhador", literalmente, "ventríloquo", aquele que faz predições desde o ventre usando a ventriloquia (Lv 19.31; 20.6, 27; Dt 18.11; 1 Sm 28.3, 7 [duas vezes], 8, 9 [duas vezes]; 1 Cr 10.13; 2 Cr 33.6; Is 8.19; 19.3). A expressão "espírito familiar", ou "espírito familiares", é uma tradução pouco usada e de origem desconhecida. Muitos dicionários e léxicos não usam a expressão, e pouquíssimos fazem menção dela com ressalva, como "provavelmente chamado 'familiar' porque era... como um servo..." (ORR, 1996, vol. II, p. 1094).

O mapeamento espiritual

Esse novo movimento, cujos líderes chamam de batalha espiritual ou guerra espiritual, acrescenta ainda no seu bojo a doutrina dos espíritos territoriais. Seus expositores fundamentam essa crença em experiências humanas, nos relatos de missionários, e não na Palavra de Deus. Peter Wagner, no capítulo 3 do livro *Espíritos Territoriais*, demonstra isso. Em resumo, a doutrina consiste na crença de que Satanás designou seus correligionários para cada país, região ou cidade. O evangelho só pode prosperar nesses lugares quando alguém, cheio do Espírito Santo, expulsar esse espírito maligno. Em decorrência, surgiu a necessidade de uma geografia

espiritual, daí o mapeamento espiritual. Os espíritos territoriais são identificados por nomes que eles mesmos teriam revelado com suas respectivas regiões que supostamente comandam.

Para sustentar a ideia de que há uma organização territorial, é citada a passagem do apóstolo Paulo: "o deus desse século cegou o entendimento dos incrédulos" (2 Co 4.4). Peter Wagner usa o mesmo método das seitas no sentido de tirar conclusões em mera possibilidade. Ele julga ser possível considerar o termo "incrédulos" como "territórios", incluindo "nações, estados, cidades, grupos culturais, tribos, estruturas sociais" (p. 72) e, sobre essa falsa premissa, constrói seu pensamento doutrinário.

Ainda de maneira sutil, o autor procura fundamentar sua ideia nas palavras: "príncipe do reino da Pérsia" (Dn 10.13), "príncipe da Grécia" (v. 20), para justificar o mapeamento espiritual. O capítulo 3 da citada obra apresenta até nomes desses supostos espíritos territoriais, os quais teriam revelado a si mesmos como Tata Pembele, Guarda dos Antepassados e Espírito de Viagens, entre outros. Narai seria o espírito chefe na Tailândia. Isso evidencia que os defensores da crença dos espíritos territoriais creem na mensagem demoníaca, e isso é muito perigoso, pois Satanás é o pai da mentira (Jo 8.44).

Não existe vínculo entre a doutrina do mapeamento espiritual e a passagem de Daniel 10.13, 20, pois o texto sagrado trata de guerra angelical, e não há indícios da presença humana. O profeta está completamente alheio a essa batalha, pois seu papel é outro.

Os promotores da doutrina dos espíritos territoriais costumam, também, citar a passagem do endemoninhado gadareno (Mc 5.10), quando o demônio, porta-voz da legião, "rogava muito que os não enviasse para fora daquela província". Isso faz parecer, à primeira vista, que os promotores do tal ensino estão certos.

Mas o texto deve ser interpretado à luz do contexto. A passagem paralela mostra que tal pedido aconteceu porque Jesus havia mandado os tais espíritos para o abismo: "E rogavam-lhe que não os mandasse para o abismo" (Lc 8.31), e por isso eles pediram para ficar na região; não se trata, portanto, de espíritos territoriais. Essas inovações são perturbadoras e destoam completamente do pensamento do Novo Testamento.

Existe cristão endemoninhado?

Os pregadores de libertação baseiam os seus ensinos nas experiências vindas do campo missionário. A Bíblia fica em segundo plano, pois eles pinçam as Escrituras aqui e ali, com interpretações peculiares contrárias à hermenêutica bíblica e aplicando uma exegese ruim. Paulo Romeiro, em sua obra *Evangélicos em Crise*, cita diversas fontes desses relatórios missionários (p. 120-123).

Para justificar a ideia de que um crente, mesmo cheio do Espírito Santo, pode ser *endemoninhado*, tais pregadores costumam apresentar o seguinte argumento: "A palavra traduzida 'possuído', na versão bíblica feita pelo rei Tiago da Inglaterra (KJV), e a palavra grega *daimonizomai*. Muitas autoridades em língua grega dizem que esta tradução está errada. Ela deveria ser traduzida por 'endemoninhado' ou 'ter demônios'" (HAMMOND, 1973, p. 11); "esta palavra 'possessão' teologicamente é inadequada e enganosa. A expressão correta deve ser *endemoninhado*. O grego usa a palavra *daimonizomenos*, significando endemoninhado, ou *echon daimonia*, significando 'ter demônios' ou 'estar com demônio'" (ITIOKA, 1991, p. 171). Tudo isso é para dizer que o espírito imundo pode habitar no corpo do cristão, mas não no espírito: "enquanto o Espírito Santo pode habitar no espírito, os demônios

podem habitar na carne... Eles se escondem em algum lugar nos cantos" (MILHOMENS, s/d, p. 54, apud ROMEIRO, 1995, p. 128).

Esses argumentos são de uma fragilidade exegética assustadora. Poderia ser citada uma lista considerável de dicionários e léxicos que não sustentam tais ideias, como os léxicos Liddell & Scott e Walter Bauer's; o *Léxico Grego do Novo Testamento*, de Edward Robinson, edição da CPAD, e o *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, de Verlyn D. Verbrugge, da Vida Nova, entre muitos outros. Quanto à exegese, Mateus e Marcos empregam *daimonizomai* para os endemoninhados gaderenos (Mt 8.28; Mc 5.15) e Lucas utiliza *echon daimonia* (Lc 8.27). A descrição do gadareno em Mateus, Marcos e Lucas mostra que ele estava completamente dominado pelos demônios, e isso evidencia que não há diferença entre "endemoninhado" e "possuído pelo demônio".

Outro meio de justificar a ideia de que o crente pode ser endemoninhado é desenvolvendo uma nova antropologia. Eles argumentam ainda que o homem "é um espírito - tem alma – e vive num corpo" (HAGIN, 1988, p. 89). Esse conceito é defendido também pela Confissão Positiva. Partindo desse falso conceito, afirmam que o Espírito Santo habita no espírito humano, na salvação, e os espíritos imundos "estão relegados à alma e ao corpo do cristão" (HAMMOND, 1973, p. 132).

À luz da Bíblia, o ser humano é um ser metafísico e moral, feito à imagem e semelhança de Deus, constituído de corpo alma e espírito (Gn 1.26; 2.7; 1 Ts 5.23). Alma e espírito são entidades imateriais, distintos um do outro, embora inseparáveis. O corpo é o invólucro material da alma e do espírito, pois existe uma "divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas" (Hb 4.12). Isso refere-se às três partes distintas da constituição

humana. Fazer jogo de palavras envolvendo corpo, alma e espírito para redefinir teologicamente o ser humano, afirmando ser ele um "espírito que tem alma e habita num corpo", facilita a manipulação do texto para adulterar o pensamento bíblico. A constituição bíblica do ser humano contraria o falso conceito da presença dos demônios no corpo e na alma do cristão.

Outros citam, ainda, passagens bíblicas, como "o mau espírito da parte de Deus, se apoderou de Saul" (1 Sm 18.10) e fraseologia similar (1 Sm 19.9), além de Judas Iscariotes (Lc 22.3) e Ananias e Safira (At 5.1-10). Essas três passagens são interpretadas por eles de maneira distorcida. O argumento sobre o estado espiritual e psicológico de Saul precisa ser analisado com muito cuidado: "E o Espírito do SENHOR se retirou de Saul, e o assombrava um espírito mau, da parte do SENHOR" (1 Sm 16.14); "Porém o espírito mau, da parte do SENHOR, se tornou sobre Saul" (1 Sm 19.9); "o mau espírito, da parte de Deus, se apoderou de Saul" (1 Sm 18.10). Antes de tudo, convém salientar que Saul já estava desviado e havia sido rejeitado por Deus (1 Sm 15.23; 16.1). Então, essa passagem não ajuda em nada na possibilidade de um crente fiel ter demônios. O que aconteceu com Saul é que o Espírito Santo se apoderou dele por ocasião de sua unção para reinar sobre Israel (1 Sm 10.6, 10; 11.6). Uma vez que "o Espírito do SENHOR se retirou de Saul", isso indica não ser ele mais o escolhido para reinar, e dessa forma Deus enviou o "espírito mau" para o assombrar e o atormentar. Trata-se de um espírito da parte de Deus, e não de Satanás.

O exemplo de Judas Iscariotes é inconsistente, pois está escrito que "Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes" (Lc 22.3, ARA), mas Jesus havia dito antes que Judas era "um diabo" (Jo 6.70). Assim, "dizer que ele foi um cristão é forçar demais o texto

bíblico, e nem foi essa a opinião do Senhor sobre ele" (ROMEIRO, 1995, p. 125).

A passagem de Ananias e Safira (At 5.1-11) não confirma sua doutrina, pois o texto sagrado declara que Ananias e Safira mentiram ao Espírito Santo, ou seja, mentir à Igreja é mentir a Deus. Não está escrito que ambos ficaram possessos ou endemoninhados. Eles foram incapazes de discernir o Espírito Santo na vida da Igreja. O acontecido é que eles não vigiaram e por isso agiram sob influência de Satanás, mentindo ao Espírito Santo (v. 3). Isso pode acontecer com um cristão vacilante, e não é possessão maligna, por isso devemos orar e vigiar, para não cairmos em tentação. Jesus disse: "o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41). Não está escrito que Pedro expulsou o "demônio" de Ananias e Safira.

O Senhor Jesus afirmou que todos os espíritos demoníacos deixam o corpo da pessoa que se converte ao seu evangelho (Lc 11.24). Tal corpo fica varrido e adornado, como obra do Espírito Santo (v. 25). A Bíblia, ensina ainda, que o corpo do cristão é templo do Espírito Santo (1 Co 6.19) e que o corpo, a alma e o espírito do cristão "pertencem a Deus" (v. 20). Temos promessas de Deus de que o maligno não nos toca: "o que de Deus é gerado conserva-se a sim mesmo, e o maligno não lhe toca" (1 Jo 5.18). O cristianismo baseia-se na Bíblia, e não em experiências humanas contrárias às Escrituras Sagradas.

A doutrina da maldição hereditária, a teoria dos espíritos territoriais e a ideia de expulsar demônios dos próprios crentes em Jesus mostram-se práticas que destoam do ensino bíblico. Isso atrapalha o crescimento espiritual dos crentes, que ficam presos a ritos e crendices em vez de se fortalecerem na oração e na Palavra de Deus para proclamarem as boas-novas de Jesus Cristo.

2

Nossa luta não é contra carne e sangue

Existe um mundo habitado por seres malévolos e invisíveis que se opõem à Igreja e às obras de Deus. São os poderes ocultos das trevas dos quais os crentes devem se proteger pela força do poder de Deus. A Igreja está em contínua batalha contra o reino das trevas, contra Satanás e seus correligionários, os demônios. O engano, a mentira e o disfarce são especialidades do diabo; ele é o pai da mentira (Jo 8.44). As hostes infernais dominam com muita facilidade as pessoas que não conhecem o evangelho. Nenhuma força humana é capaz de vencê-los. Jesus disse: "porque sem mim nada podereis fazer" (Jo 15.5).

No último capítulo de Efésios, nos versículos 10, 11 e 12, antes de explorar as características da armadura de Deus, o apóstolo Paulo aborda a natureza da batalha espiritual, enfatizando que só em Cristo é possível combater os poderes demoníacos e ter vitória.

UMA LINGUAGEM MILITAR CARREGADA DE METAFORISMO

Os seis capítulos de Efésios são seis partes iguais. Os três capítulos iniciais são teológicos, e os outros três são práticos, em uma perfeita combinação de doutrina cristã e dever cristão, de fé cristã e vida cristã. Os três primeiros capítulos se referem à riqueza do cristão em Cristo, e os outros três falam sobre o andar em Cristo. Ao se aproximar da conclusão, o apóstolo introduz um "no demais" (Ef 6.10), para se referir a uma realidade espiritual muito importante. Paulo não apresenta a origem nem a biografia do príncipe das trevas; no entanto, ensina ser importante conhecer as astutas ciladas do nosso inimigo. A epístola termina com uma exortação para a luta contra as astutas ciladas do diabo.

O apóstolo Paulo empregou a expressão grega *tou loipou* ou *to loipon*, traduzida por "no demais" (Ef 6.10)? Ambas aparecem nos manuscritos e nos textos impressos do Novo Testamento grego. Mas, as edições de Westcott & Hort, Aland Nestle e das Sociedades Bíblicas Unidas escolheram *tou loipou*; o *Textus Receptus* e o texto de Scriviner optaram por *to loipon*, o uso adverbial do adjetivo *loipós*, "resto, restante, outro, demais". O que parece ser apenas um detalhe, à primeira vista pela grafia, faz, contudo, diferença no significado. *Tou loipou*, significa, "do restante, daqui para frente" (Gl 6.17); e to loipon, "ademais, quanto ao mais, resta, no demais, finalmente" (2 Co 13.11; Fp 3.1; 4.8; 2 Ts 3.1). O "no demais, finalmente" ou qualquer expressão similar significa que

o apóstolo está introduzindo uma seção para finalizar a epístola. O "daqui para frente" ou "desde agora" indica que Paulo está dizendo que daqui para frente o conflito contra o reino das trevas será contínuo até o retorno de Cristo, desde a sua ascensão até a sua volta. As nossas versões seguiram Efésios 6.10 conforme o *Textus Receptus*: "No demais" (ARC), "Quanto ao mais" (ARA), "Finalmente" (TB) e "uma palavra final" (NVT). Não há problema em nenhuma dessas interpretações, pois nenhuma delas está fora do contexto. O importante é notar que o tema dessa passagem é atual, e a peleja da Igreja continua contra as hostes infernais.

A exortação apostólica: "fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder" (Ef 6.10) diz que os crentes devem buscar essa força não neles mesmos, mas no Senhor Jesus; por essa razão, o apóstolo Paulo emprega o verbo grego na voz passiva, *endynamousthe*, "sede dotados de força em, sede fortalecidos", do verbo *endynamoo*, "fortalecer em". Esse poder não vem de nós mesmos, mas de uma força externa, do próprio Deus. Jesus disse: "sem mim nada podereis fazer" (Jo 15.5). A combinação pleonástica, "força do seu poder", dá mais relevo ao pensamento, uma expressão que Paulo já havia usado antes na epístola (1.19). Ele está falando sobre força e poder no campo espiritual, não sobre força física (2 Co 10.4). O Senhor Jesus capacitou os cristãos, pelo Espírito Santo, para vencer todo o mal e toda a tentação interna, os desejos da carne, e toda a tentação externa, tudo aquilo que vem diretamente do poder das trevas. Essa capacitação envolve o discernimento para compreender as astúcias malignas (2 Co 2.11) e também o poder sobre os demônios (Lc 10.17, 19).

O apóstolo Paulo vê os cristãos empenhados numa fileira de batalha espiritual contra grande número de inimigos poderosos e cheios de sutilezas: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus,

para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo" (Ef 6.11). O termo grego que ele usa para "armadura" é *panoplía*, que significa "armadura completa, panóplia". Panóplia é o nome que se dá à armadura completa do cavaleiro europeu na Idade Média e também se refere hoje a coleções de armas exibidas para decoração. A "armadura de Deus" é uma metáfora que o apóstolo usa para ensinar uma verdade espiritual utilizando uma linguagem militar bem conhecida dos seus leitores originais. Mas adiante, ele descreve algumas armas dessa panóplia com aplicação espiritual (Ef 6.13-17). São armas pesadas usadas pelos gregos e romanos em batalhas ferrenhas. O propósito dessa armadura espiritual é fortalecer os crentes para uma batalha terrível, contra o diabo e suas astúcias. Por isso precisamos estar revestidos dela. "Revestir" significa "vestir novamente" a fim de nos tornarmos firmes e resistentes para desmantelar todos os diversos meios, planos, esquemas e toda a sorte de maquinações do diabo que Paulo chama de methodeia, "maquinação, cilada, astúcia".

ESTE MUNDO TENEBROSO

Depois de mostrar a necessidade do revestimento do poder de Deus na vida do cristão para destruir todas as maquinações do diabo, o apóstolo explica contra quem devemos lutar: "porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12). Trata-se de um conflito espiritual e sobrenatural cujos inimigos a serem vencidos são descritos pelo apóstolo.

O termo "carne" tem vários significados na Bíblia, mas a combinação "carne e sangue" é um hebraísmo para indicar o

ser humano e só aparece mais duas vezes no Novo Testamento: "porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus" (Mt 16.17); "carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus" (1 Co 15.50). Essas palavras aparecem juntas, porém, quando flexionadas de outra maneira "não consultei carne nem sangue" (Gl 1.16); "participam da carne e do sangue" (Hb 2.14). Tal combinação diz respeito à pessoa, ao ser humano, à gente, que pode ser o outro ou nós mesmos no conflito interno no sentido: "a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis" (Gl 5.17).

Os termos principados e potestades, *archai* e *exoussíai*, forma plural de *arché* e *exoussía*, aparecem juntos cerca de 10 vezes no Novo Testamento. *Arché*, "início, causa", "denota o ponto inicial, a primeira causa e poder, autoridade ou governo" (VERBRUGGE, 2018, p. 91). É usado na *Septuaginta* para traduzir pelo menos 25 termos hebraicos, entre eles *ro'sh*, "cabeça, principal, chefe", e *memshalah*, "domínio, autoridade, força militar". No Novo Testamento, *arché* é usado como "princípio" (Jo 1.1); "poder, autoridade, governante humano" (Lc 20.12, 20; Tt 3.10) e "poder angelical" (Cl 1.16). *Exoussía*, "liberdade de escolha, direito, poder, autoridade, poder governante", é usado no sentido secular com relação às autoridades humanas (Lc 7.8; 19.17; 23.7; Rm 13.1); mas se refere à autoridade e ao poder de Jesus (Mt 28.18; Lc 4.36) e do Pai (At 1.7). Os anjos são assim chamados (Cl 1.16), e o Senhor Jesus conferiu esse poder aos crentes (Lc 9.1; 10.17, 19).

Com os "principados", *archai*, a ideia é de primazia no poder; as "potestades", *exousías*, denotam liberdade para agir. O apóstolo Paulo emprega o termo tanto para os anjos (Rm 8.38; Cl 1.16) como para os demônios (1 Co 15.24; Cl 2.15) investidos de poder.

Desse modo, a expressão se refere a governos ou autoridades tanto na esfera terrestre quanto na esfera espiritual. Em Efésios 6.12, o conflito não é humano, mas se refere a seres espirituais, líderes de anjos decaídos sob as ordens de Satanás.

A frase "contra os príncipes das trevas deste século" é traduzida pela ARA como: "contra os dominadores deste mundo tenebroso"; e isso podemos traduzir como "contra as potências cósmicas dessas trevas". A ARC emprega o termo "príncipes" para *kosmokrátoras*, de *kosmos*, "mundo", e *krateo*, "dominar", portanto "regente do mundo, monarca do mundo". Essa palavra só aparece em Efésios 6.12 e em nenhum outro lugar do Novo Testamento, referindo-se aos dominadores cósmicos, os espíritos malignos. Esse termo é usado com mais frequência nos séculos 1 e 2 d.C. na literatura da magia e da astrologia. Nos papiros do século 4, a palavra *kosmokrátor* aparece como título de divindades pagãs como Hélios, na astrologia, o mestre dos planetas no universo; Zeus, Hermes, Serápis. A literatura judaica do século 2 emprega esse vocábulo para "príncipe do mundo das trevas". O uso plural revela que muitos desses dominadores ou príncipes estão sob comando de Satanás. É possível que o apóstolo Paulo esteja se referindo à Diana, deusa dos efésios (At 19.34), que os romanos chamavam de Ártemis, além de se referir às demais divindades pagãs que representavam os demônios (1 Co 10.19-21). É verdade que os pesquisadores nunca encontraram nenhum documento da época que identifique *kosmokrátor* com Diana, porém silêncio nem sempre é sinônimo de negação.

O termo grego mais usado para "príncipe" é *archon*, que aparece 37 vezes no Novo Testamento, traduzido também como "governador" humano. É usado para se referir a Belzebu, "príncipe dos demônios" (Mt 12.24); para Satanás como "príncipe deste

mundo" (Jo 12.31; 14.30; 16.11); e, ainda, ao "príncipe das potestades do ar" (Ef 2.2). Mas não é esse o termo usado em Efésios 6.12.

O termo grego, *skotos*, "trevas, escuridão", é usado também na literatura clássica dos gregos para "morte" e "submundo". A *Septuaginta* emprega a palavra 75 vezes para traduzir o vocábulo hebraico, *hoshech*, "trevas, escuridão", e seus derivados no Antigo Testamento. Os termos hebraico e grego aparecem no sentido físico (Gn 1.2-5) e também com conotação teológica, como o lugar em que Deus não está, como mal, iniquidade, pecado, desobediência e cegueira espiritual (Jó 19.8; Sl 82.5; 107.10; Is 9.2). A mesma coisa acontece no Novo Testamento: as trevas podem ser no sentido físico como na crucificação de Jesus (Mt 27.45; Mc 1.33; Lc 23.44), mas na maioria das vezes se referem ao pecado e à ignorância (Jo 3.19; 2 Co 6.14; Ef 4.18; Cl 1.13; 1 Jo 2.8).

O apóstolo Paulo emprega *skotos* para se referir ao reino satânico. Ele especifica os principais agentes no reino das trevas e conclui dizendo que eles formam "as hostes espirituais da maldade" (Ef 6.12). Essa expressão refere-se aos "espíritos malignos", um termo presente no pensamento judaico e também no Novo Testamento. Essas hostes são os comandantes do exército de Satanás: principados, potestades e dominadores deste mundo tenebroso, contra quem temos de lutar fortalecidos no Senhor e na força do seu poder e revestidos da armadura completa de Deus (Ef 6.10, 11).

A expressão "lugares celestiais" ou "regiões celestiais" no presente contexto nos chama atenção, pois parece indicar o céu, o lugar onde Cristo habita, a morada dos crentes. No entanto, o apóstolo escreve: "contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais", termo que aparece cinco vezes em Efésios e em nenhum outro lugar no Novo Testamento (1.3, 20; 2.6; 3.10;

6.12). No mundo antigo, as pessoas acreditavam que o céu tinha diferentes níveis, ocupados por uma diversidade de seres espirituais. No nível mais elevado, habitava Deus com os seres mais puros. Ou seja, as "regiões celestiais" podem significar onde Deus está ou onde estão os poderes espirituais. O sentido dessas palavras depende do contexto em que elas aparecem. Uma referência à esfera onde o Senhor Jesus ressurreto está assentado (1.20); onde os crentes desfrutarão da comunhão com Jesus (2.6). Uns acreditam que não significa ser o próprio céu, mas a região do conflito. Outros creem designar o céu onde Cristo está sentado à destra de Deus, onde os salvos estão com Cristo (1.3, 20) e onde habitam os anjos eleitos (3.10). A melhor explicação é que se trata da esfera supraterrestre (Ef 2.2).

CONTRA OS PODERES DAS TREVAS

A realidade da batalha espiritual está invisível aos olhos humanos. Para enxergá-la e enfrentá-la, é necessário que o crente esteja firmado em Cristo e seja conduzido pelo Espírito Santo. Não podemos esquecer que Deus é soberano inclusive sobre as atividades malignas, por isso não há espaço para medo. É importante que sejamos sábios em perceber a atuação do inimigo, não lhe dando poder demais nem subestimando sua força. Nem sempre um problema existe por causa demoníaca; às vezes é a consequência de uma má escolha ou decisão. É fácil atribuir culpa aos espíritos maus quanto aos infortúnios da vida e desconsiderar o peso da responsabilidade pessoal.

A cegueira espiritual e a falta de discernimento são desafios para os servos de Deus. No contexto da cultura brasileira, em que as manifestações de espíritos acontecem em diversos cultos

religiosos, o assunto de batalha espiritual não parece estranho às pessoas porque é algo que se vê. Assim, os crentes identificam com facilidade quando há uma atuação demoníaca. Mais difícil, no entanto, é perceber a atuação do inimigo no sistema de ideias e nas estruturas que estão fundamentadas na injustiça e no pecado. Peçamos sabedoria a Deus para ver o mundo espiritual de forma que possamos agir a fim de que o nome de Jesus seja glorificado.

3

A natureza dos anjos

Os anjos são seres espirituais que aparecem em toda a Bíblia. Ora atuam no céu, ora na terra. Aparecem glorificando ao Senhor, mas também interagindo com os seres humanos. Embora estejam presentes em diversas passagens bíblicas, as informações disponíveis não oferecem tantos detalhes sobre a hierarquia dos anjos. Sabemos que são seres espirituais, assexuados e habitantes do céu. Os anjos fazem parte da corte celeste, adorando a Deus; como ministros de Cristo, servem para entregar mensagens divinas aos seres humanos e também os auxiliam e os protegem.

Este capítulo explora de maneira sucinta o desenvolvimento da teologia dos anjos, a angelologia, pelos pais da Igreja e qual a posição das Assembleias de Deus no Brasil sobre o assunto.

DEFININDO OS TERMOS

O termo "anjo" na Bíblia pode ser tradução de *malakh*, do hebraico, ou de *angelos*, do grego. O significado é mensageiro. A Bíblia refere-se àquela criatura que traz uma mensagem divina ao ser humano. De início, "anjo" poderia se referir tanto a seres humanos quanto a seres espirituais, bons ou maus, ou seja, anjos de Deus ou demônios. Na história dos três anjos que visitam Abraão, são três homens que apareceram (Gn 18.2). No entanto, em algumas passagens é difícil identificar se o mensageiro é humano ou divino (Gn 19.1-22; Lc 24.4). É na literatura tardia do Antigo Testamento e no Novo Testamento que *malakh* e *angelos* passaram a ser usados de maneira genérica para os assistentes de Deus. Foi com os escritos apocalípticos do período interbíblico, a literatura apócrifa e pseudoepígrafa, como os livros de 1 e 2 Enoque, os Oráculos Sibilinos e o livro de Tobias, que o tema ganhou destaque. Foi com o tempo, então, que "anjo" passou a descrever somente os seres espirituais no sentido que usamos hoje.

A percepção dos antigos israelitas sobre a dimensão espiritual não é semelhante à nossa de hoje. Segundo o *Dicionário de Deidades e Demônios da Bíblia* (DDDB), um israelita do período monárquico não confundiria um "anjo", um mensageiro de Deus, com um querubim ou um serafim. Isso porque a descrição dessas duas criaturas seria assustadora (Is 6; Ez 10), o que os desqualificaria como mensageiros divinos. É interessante

observar que não há passagem bíblica de querubim e serafim agindo nessa função. Querubim aparecem como guardiões da árvore ou do trono (Gn 3.24; 1 Sm 4.4; 1 Rs 6.29-35; Ez 10.1, 20; 41.18-25). Serafim aparecem em Isaías 6 como os seres de asas que cantam a Javé, o Deus de Israel.

No Antigo Oriente Próximo, o papel do mensageiro não era apenas transmitir a mensagem; ele também guardava os viajantes durante a jornada. Essa tarefa aparece no texto bíblico relacionada ao "Anjo do Senhor" (Gn 24.7, 40; Êx 14.19; 23.20-23; 32.34; 33.2), expressão usada para se referir ao próprio Deus e interpretada como uma pré-encarnação de Jesus. Além disso, era tarefa do mensageiro ir à frente e anunciar antecipadamente a chegada do viajante ao anfitrião. Esse caso só aparece uma vez no Antigo Testamento, em Malaquias 3.1, no contexto profético que se torna importante para as discussões teológicas de judeus e cristãos. É interesse notar que transmitir uma mensagem implicava interagir com o receptor, ou seja, muitas vezes era necessário responder perguntas e esclarecer dúvidas. E isso aparece no texto bíblico (Zc 1.9).

As Escrituras atribuem outras atividades aos anjos, *malakh* e *angelos*, além de mensageiros. Existem muitos deles e circulam entre céu e terra (Gn 28.12; 32.1). São adoradores de Deus (Sl 103.20; 148.2). Guardam e protegem a vida dos que servem a Deus (1 Rs 19.5; Sl 91.11, 12; At 12.11). Dão instruções e ajudam os fiéis (Dn 8.16; 9.20-27; At 8.26; 10.3, 22). São executores do juízo divino (Ap 14.14-20).

Só aparecem dois nomes de anjos no texto bíblico. São eles Miguel (Dn 10.13; Ap 12.7) e Gabriel (Dn 8.16; 9.21; Lc 1.19, 26). No entanto, posteriormente, a literatura extrabíblica menciona diversos nomes de anjos.

DESENVOLVIMENTO DA ANGELOLOGIA

O desenvolvimento da teologia dos anjos, ou angelologia, deu-se logo no início da história da Igreja, condicionado pelo crescimento das igrejas e da necessidade de esclarecimento de pontos doutrinários da fé cristã. Os principais eventos que motivaram a discussão do assunto foram o problema da influência da angelologia judaica, do imaginário popular quanto à dimensão espiritual, do culto aos anjos e das ideias gnósticas. O resultado foi a afirmação da transcendência absoluta do Deus Criador, dos anjos como criaturas e da distinção entre os anjos de Jesus Cristo e o Espírito Santo.

A tradição judaica influenciou a teologia cristã nos primeiros séculos do cristianismo, em parte porque os escritores do Novo Testamento estavam vinculados ao mundo judaico e também porque os primeiros pensadores e líderes cristãos ou eram judeus ou haviam estudado segundo a linha do pensamento judaico. Alguns livros apócrifos e pseudoepígrafos trazem informações sobre a crença nos anjos naquele período. Os anjos eram entendidos como ministros de Deus, que executavam os desígnios divino no mundo. Alguns foram nomeados, como Uriel (1 Enoque 75.3). E apareceram sete arcanjos em Tobias 12.15. Em 1 Enoque 20.1-8 apresenta os nomes dos sete arcanjos: Uriel, Rafael, Raquel, Miguel, Saracael, Gabriel e Remiel. Em Apocalipse de Moisés 33-35, os anjos Miguel e Gabriel chegam a ser retratados como intercessores pelos seres humanos diante do trono de Deus.

O conteúdo dos livros apócrifos e pseudoepígrafos estava bem presente no imaginário dos primeiros cristãos, e esses livros tratam de assuntos envolvendo anjos. A ideia de que

Jesus era um anjo mais elevado pode ser lida em *O Pastor* de Hermas (150). A teologia do livro é controversa, pois primeiro trata o Filho de Deus e o Espírito Santo como sendo os mesmos: "quero mostrar-te outra vez tudo o que te mostrou o Espírito Santo, que falou contigo sob a figura da Igreja; porque aquele Espírito Santo é o Filho de Deus" (Parábola IX.1). Segundo, a imagem de Miguel se assemelha à de Jesus. Miguel aparece com poder sobre o povo de Deus e autoridade para pronunciar juízo (Parábola VIII.69). Pela leitura do texto, a identidade do arcanjo Miguel confunde-se com a do Filho de Deus. Essa confusão ainda sobrevive no pensamento de alguns grupos contemporâneos como os adventistas do sétimo dia e as testemunhas de Jeová.

O gnosticismo foi um fenômeno cristão dividido em diversas seitas e escolas de pensamento nos primeiros séculos. Claudio Moreschini, estudioso da história do pensamento pagão e cristão tardio-antigo, em *História da filosofia patrística*, define gnosticismo como:

> Qualquer movimento de pensamento segundo o qual a verdade divina de salvação está contida numa revelação acessível somente a poucos eleitos, os quais podiam obtê-la ou por meio da experiência direta da revelação ou mediante a iniciação à tradição secreta e esotérica de tais revelações (p. 43).

Segundo o gnosticismo, o mundo consiste na dimensão material e na dimensão espiritual, sendo mau tudo aquilo que é material porque é criação de um deus inferior, o Deus de Gênesis, que surgiu da ruptura do domínio maior do Deus verdadeiro,

o Pleroma. Além dos seres humanos, uma variedade de seres habita o espaço entre o Pleroma e o mundo material. Os anjos, então, seriam esse tipo de criatura, os demiurgos e as emanações de eones superiores. Alguns nomes ligados à teologia gnóstica incluem Marcião, Valentim, Basilides.

Irineu (130-202) foi o primeiro a sistematizar uma doutrina sobre os anjos, segundo Basilio Studer (DPAC). Em *Contras as heresias*, Irineu respondeu:

> [...] aquele que fez todas as coisas é o Deus único, o único Onipotente, o único Pai, [...] Com o Verbo de seu poder tudo compôs e tudo ordenou por meio da sua Sabedoria; ele que tudo contém e que nada pode conter. Ele é o Artífice, o Inventor, o Fundador, o Criador, o Senhor de todas as coisas e não existe outro fora e além dele, nem a Mãe que eles se arrogam, nem o outro deus que Marcião inventou, nem o Pleroma dos 30 Éões [...] Só um é o Deus Criador que está acima de todo Principado, Potência, Dominação e Virtude [...] ele é o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus dos viventes, anunciado pela Lei, pregado pelos profetas, revelado por Cristo, transmitido pelos apóstolos, crido pela Igreja; ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo [...] O Filho que está sempre com o Pai e que desde o princípio sempre revela o Pai aos Anjos e Arcanjos, às Potestades e Virtudes e a todos a quem Deus quer revelar (Livro II.30.9).

Assim, contra a teologia gnóstica escreveram os pais da Igreja, afirmando que o Deus da Bíblia é o verdadeiro e o Criador do mundo material. Portanto, são os anjos criaturas de Deus.

A problemática dos anjos entrou na grande discussão teológica sobre a Trindade, quando se formalizava Deus como três pessoas distintas de uma mesma substância. Assim, a ideia de que Jesus e o Espírito Santo eram um tipo de anjo logo foi refutada. O contexto antiariano deu espaço para diferenciar os anjos de Jesus.

Alguns confundiam o Espírito Santo com anjo. O grupo dos chamados "tropicianos", em Tmuis, Egito, dizia que o Espírito foi criado do nada e era um anjo superior aos outros.[1] Eles usavam Hebreus 1.14 para sustentar essa ideia, classificando o Espírito como um dos "espíritos ministradores", e também Amós 4.13, Zacarias 1.9 e 1 Timóteo 5.21. Atanásio (296-373) refutou essa ideia, na epístola dirigida a Serapião, bispo de Tmuis, defendendo que o Espírito não é criatura, mas sim uma pessoa que compartilha da mesma substância indivisível do Pai e do Filho: "A santa e bendita Trindade é indivisível e uma em si mesma. Quando se faz menção do Pai, o Verbo também está incluído, como também o Espírito que está no Filho. Se o Filho é citado, o Pai está no Filho, e o Espírito não está fora do Verbo. Pois há uma só graça que se realiza a partir do Pai, por meio do Filho, no Espírito Santo" (*Epístola a Serapião sobre o Espírito Santo*, livro I 14.4).

Basílio de Cesareia (330-379) explicou que a comunhão entre Pai, Filho e Espírito Santo pode ser vista nos seres criados – todas as coisas visíveis e invisíveis – desde o princípio. Em *O Espírito Santo*, ele escreveu: "de modo que os espíritos com missão de serviço subsistem pela vontade do Pai, existem

1 Os tropicianos eram uma seita do Egito; o nome vem de tropos, "figura". Atanásio assim o denominou por causa da exegese figurada deles. Eles diziam ser o Espírito Santo um anjo e uma criatura.

pela ação do Filho e se aperfeiçoam pela presença do Espírito" (16.38). A perfeição dos anjos é entendida como "a santidade e sua permanência nela" (16.38). Portanto, Basílio considerou o Espírito como digno de adoração tanto quanto o Pai e o Filho; e foi o Senhor dos anjos quem os aperfeiçoou.

Agostinho de Hipona (354–430) dedicou-se a entender os anjos com o devido cuidado de fundamentar sua doutrina nas Escrituras. Em *A Cidade de Deus*, ele explica que os anjos foram criados antes de todas as criaturas corpóreas, quando Deus disse "haja luz!" (Gn 1.3). Isso porque as passagens bíblicas contam que as obras do Senhor o louvam, e os anjos estão na lista da criação divina. Além disso, as Escrituras afirmam que os anjos louvaram a Deus no momento em que os astros foram criados. Isso aconteceu no quarto dia; portanto, a criação angelical foi anterior a esse dia. "Diremos, acaso, haverem sido feitos no terceiro dia? Nem pensá-lo. [...] No segundo, porventura? Tampouco" (11, IX). Logo, só poderia ter sido no primeiro dia, "se os anjos fazem parte das obras de Deus realizadas nesses dias, são a luz que recebeu o nome de dia" (11, IX). O pensamento de Agostinho reforça o que já vinha sendo ensinado: que os anjos são criaturas de Deus, no entanto, o momento exato em que essa criação aconteceu não está explícito. Embora esse raciocínio seja compreensível, a origem dos anjos continua sendo uma especulação.

A passagem de Gênesis 6.1-4 era controvérsia, pois muitos interpretavam que os anjos tiveram relações sexuais com os seres humanos. Essa interpretação, como ressalta Bruce Waltke no seu comentário ao livro de Gênesis, não só é antiga como permaneceu nos escritos apocalípticos, no judaísmo rabínico e nos escritos do Novo Testamento (1 Enoque 6.1-7; Testamento

de Ruben 5.6) e também nos escritos canônicos (1 Pe 3.19, 20; 2 Pe 2.4; Jd 6, 7). Agostinho, em *A Cidade de Deus* (25, XXIII), escreveu contra essa tradição, pois a passagem não trata de pecado de anjos, mas sim de uma ação humana. Ele explica que o termo "os filhos de Deus" (v. 2) na Bíblia pode se referir tanto a homens quanto a anjos. Se o problema é que da relação entre "os filhos de Deus" e "as filhas dos homens" nasceram outro tipo de criatura, os gigantes, por isso seriam anjos, Agostinho argumentou que era possível nascerem pessoas de estatura elevada em qualquer época. Além disso, ressaltou que o próprio texto já apontava a prévia existência de gigantes na terra, ou seja, não era nada extraordinário.

Outro tema da angelologia é a hierarquia angelical. Seguindo o raciocínio da proximidade de Deus, embora o texto bíblico não ofereça muitos detalhes sobre a hierarquia dos anjos, Pseudo-Dionísio, o Areopagita (cerca do ano 500 d.C.), em sua obra *Hierarquia celeste*, elaborou uma das estruturas mais conhecidas na tradição. A ordem seria a seguinte:

> Primeira hierarquia: Serafim, querubim e tronos;
> Segunda hierarquia: Dominações, virtudes e potestades;
> Terceira hierarquia: Principados, arcanjos e anjos.

A primeira hierarquia dos seres superiores abrangeria os que estão mais perto de Deus, e a terceira pertenceria às criaturas que ajudam os seres humanos chegarem a Deus. A ideia é que, ao mesmo tempo que do topo a luz divina ilumina os seres humanos, estes se elevam por meio da purificação. Essa doutrina desenvolvida por Pseudo-Dionísio buscava dar aplicação ao pensamento teológico, a fim de aprimorar a vida espiritual do fiel.

É interessante observar que tradições extrabíblicas fortaleceram determinados pontos da angelologia. Além de algumas crenças da tradição judaica, há também a influência do pensamento filosófico platônico. A cosmologia platônica baseada no princípio da hierarquia de todos os seres criados ajudava a sustentar a doutrina de Pseudo-Dionísio. Era compreensível porque haveria criaturas mais próximas ou mais distantes de Deus. Portanto, os anjos seriam criaturas superiores aos seres humanos.

ANJOS NA DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

As Assembleias de Deus brasileiras expressam na *Declaração de fé* seu posicionamento em relação aos anjos no capítulo VIII, "Sobre as criaturas espirituais". São explorados os nomes dos anjos, sua natureza, seus ofícios e sua hierarquia. Além disso, é explicado que a ideia de anjo da guarda como o ser que acompanha a pessoa durante sua vida para protegê-la não tem fundamento bíblico.

A CONFUSÃO COM O ARCANJO MIGUEL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

As Escrituras falam muito pouco a respeito do arcanjo Miguel. O nome "Miguel", *mikhael* em hebraico, significa "quem é semelhante a Deus?". O nome aparece cinco vezes na Bíblia, como "príncipes" (Dn 10.13, 21; 12.1); como arcanjo (Jd 9) e como o combatente contra Satanás e seus anjos (Ap 12.7). A declaração "e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes" (Dn

10.13) mostra que existem mais anjos da categoria dele, e não é, portanto, verdadeira a ideia de que só existe um arcanjo. Os adventistas do sétimo dia e as testemunhas de Jeová ensinam que Miguel é o próprio Jesus Cristo. Esse pensamento não nos surpreende no tocante às testemunhas de Jeová, que são arianistas. O que nos chama a atenção é o fato de os adventistas do sétimo dia, que afirmam crer na Trindade, confundirem o Criador com a criatura.

A aparente base bíblica para a doutrina desses dois grupos religiosos está nas palavras: "Porque o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo e ressoada a trombeta de Deus" (1 Ts 4.16). Os líderes das testemunhas de Jeová argumentam: "Caso a designação 'arcanjo' se aplicasse não a Jesus Cristo, mas a outros anjos, então a referência à voz de arcanjo não seria apropriada. Nesse caso, estaria descrevendo uma voz de menor autoridade do que a do Filho de Deus" (*Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, p. 1111, 1112). Dizer que o Senhor Jesus é o mesmo arcanjo Miguel com base nessas palavras paulinas é uma interpretação contraditória em si mesma. Isso porque a "palavra de ordem" e "a voz de arcanjo" são duas coisas distintas: pois "a palavra de ordem" é do Senhor Jesus, trata-se de um brado de guerra, mas a voz é do arcanjo. A presença de um arcanjo indica a ação do exército celestial. Se a "voz de arcanjo" faz de Jesus arcanjo, assim, da mesma maneira, a "trombeta de Deus" faria dele também a trombeta Deus.

Os adventistas apresentam a seguinte comparação: "a 'voz de arcanjo' está associada à ressurreição dos santos, na segunda vinda de Jesus". Cristo declarou que os mortos se levantarão de seus túmulos quando ouvirem a voz do Filho do Homem (Jo 5.28). Portanto, parece claro que Miguel é o próprio Senhor Jesus" (*Co-*

mentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia - Isaías a Malaquias, vol. 4, 2013, p. 947). Em seguida, o comentarista cita duas obras da Sra. Ellen G. White, cofundadora do movimento, para fundamentar o seu pensamento. A primeira é o livro *Primeiros Escritos*, no qual, na página 164, a autora confunde Jesus com o arcanjo Miguel. A segunda obra é *O Desejado de todas as nações*, na página 421.

REPRESENTAÇÃO NAS PINTURAS

A imagem que temos do anjinho de auréola com cabelos cacheados é uma representação que se desenvolveu ao longo da história. Até o século 4, os anjos aparecem em termos genéricos nas pinturas e esculturas. No final do século 4, é que começam a aparecer anjos com asas, auréolas, vestes longas e a ocupar lugares de proeminências nas igrejas e lugares religiosos.

Com base na hierarquia de Pseudo-Dionísio, George Ferguson descreve a representação dos seres celestiais nas pinturas. Serafim são representantes do Amor Divino e aparecem na cor vermelha e, algumas vezes, segurando velas. Querubim são os que adoram a Deus, são representantes da sabedoria divina e aparecem na cor amarelo-dourada ou azul; algumas vezes estão segurando livros. Os tronos são o suporte do assento divino e representam a justiça divina, por isso vestem roupas de juízes e carregam o bastão de autoridade. As dominações aparecem coroadas, carregam cetros e, algumas vezes, um globo com uma cruz para representar o Poder de Deus. As virtudes trazem lírios brancos ou rosas vermelhas como símbolo da paixão de Cristo. Potestades vestem-se com armadura de guerreiro para mostrar a vitória contra os demônios.

OS ANJOS E A BATALHA ESPIRITUAL

A maneira como a angelologia foi desenvolvida ao longo da história indica que devemos tomar cuidado para não dar aos anjos uma posição que não é a deles. Anjos são criaturas de Deus como assim o são os seres humanos. Num contexto de batalha espiritual, os anjos são apresentados na Bíblia nas guerras celestiais (Dn 10.13), sem o envolvimento de seres humanos. A atividade angelical no mundo terreno está relacionada à entrega de mensagem de Deus e à ajuda aos que hão de herdar a salvação (Hb 1.14). A luta humana contra as hostes malignas está baseada na consagração pessoal e da igreja local por meio das práticas de oração, conhecimento bíblico, jejum e de uma vida consagrada ao Senhor Jesus que promovam a justiça.

4

A natureza dos demônios

As informações bíblicas sobre a origem de Satanás e os demônios são lacônicas e não muito claras, o que dificulta o estudo sobre a demonologia. Mas os dados revelados nas Escrituras Sagradas são suficientes para compreendermos o assunto. A demonologia, doutrina dos demônios, é um tópico da doutrina dos anjos, pois os demônios são anjos que se rebelaram. A teologia sobre os demônios discute sobretudo a origem do diabo e dos demônios, seu destino, sua natureza e a natureza do seu domínio. Falar sobre Satanás e seus demônios significa falar sobre o poder de Deus, os planos e propósitos divinos para os seres humanos.

Satanás exerce poder como "o príncipe deste mundo" (Jo 12.31) e "o deus deste século" (2 Co 4.4). Todavia, Deus está no controle. Na cruz, Jesus já o derrotou (Jo 12.31) com seus demônios (Cl 2.15); o destino deles está determinado (Mt 25.41; Ap 20.10). Aqueles que servem a Deus nada têm a temer, porque maior é o que está conosco do que aquele que está no mundo (1 Jo 4.4).

IMAGINÁRIO SOBRE OS SERES ESPIRITUAIS NO PERÍODO INTERBÍBLICO

Havia no período interbíblico muitas ideias e conceitos sobre as criaturas espirituais, anjos, demônios e Satanás. Mas a maioria era crendice inventada, tal como acontece hoje com os expoentes da suposta batalha espiritual. A fonte dessa angelologia, demonologia e satanalogia era a literatura apocalíptica, como os *Oráculos Sibilinos* e os livros de *Enoque*. Segundo Edersheim,[2] esses escritos têm muito pouco de Bíblia. Mesmo assim, contribuíram para a construção do imaginário popular. Edersheim, em *La Vida y los Tiempos de Jesus el Mesías*, dedica páginas e páginas para comparar a angelologia, demonologia e satanalogia rabínica e cristã e mostra a grande diferença entre pensamento rabínico e a doutrina de Jesus. Na concepção rabínica, "o demônio é mais inimigo do homem do que de Deus e do bem" (p. 753); e "o rabinismo via o 'grande inimigo' apenas como rival invejoso e malicioso do homem, o elemento espiritual fica completamente eliminado" (p. 754). Edershiem afirma que isto marca uma diferença fundamental.

2 O Dr. Alfred Edersheim (1825-1889), judeu convertido à fé cristã, possuía profundos conhecimentos da Mishná: "Sua preocupação foi sempre situar a vida e obra de Jesus no background do judaísmo" (SCHLESINGER & PORTO, 1995, vol. I, p. 902). Foi pastor protestante, tradutor e professor da Universidade de Edimburgo, Escócia.

De fato, o Novo Testamento revela outra coisa, mencionando dois reinos opostos. O Senhor Jesus exerce poder absoluto; ele é o Valente mais forte: "Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem. Mas, sobrevindo outro mais valente do que ele e vencendo-o, tira-lhe toda a armadura em que confiava e reparte os seus despojos" (Lc 11.21, 22). Jesus se refere a Satanás como valente, pois usa a sua força contra os seres humanos, contra Deus, sendo o adversário implacável e poderoso responsável por toda miséria humana. O demônio é fortíssimo, pode ter certeza disso. Satanás e seus correligionários dispõem de armas ofensivas e meios de diversas naturezas e sabem quando e como usá-los para atacar as pessoas. Ninguém deve subestimar a força do inimigo. É importante levar esse assunto a sério, evitar zombaria e indiferentismo. Vemos que o próprio arcanjo Miguel evitou qualquer coisa desse tipo: "Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda" (Jd 9). Aí está o exemplo a ser seguido.

Glorificamos a Deus, pois existe um Valente mais poderoso que o diabo, Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. Com sua vitória na cruz do Calvário, ele arrebatou das mãos do Inimigo os pecadores, pobres cativos, quebrando os grilhões pelos quais Satanás os mantinham aprisionados. É assim que o Valente mais forte vence o dono da casa, arrebata a sua armadura e reparte os despojos. Ou seja, liberta os prisioneiros do pecado e do poder do Inimigo, uma libertação completa (Jo 8.32-36).

DEMÔNIOS NA VISÃO BÍBLICA

Os demônios aparecem com frequência no Novo Testamento como "espírito imundo" (Mt 12.43; Mc 1.23, 26; 3.30; 5.2, 8; 7.25; 9.25; Lc 8.29; 9.42; Lc 11.24); "espírito mudo" (Mc 9.17); "espírito" (Mc 9.20); "um espírito" (Lc 9.39); "espírito de demônio" (Lc 4.33); "espírito de adivinhação" (At 16.16) e "espírito maligno" (At 19.15, 16). Já nos Evangelhos e em Atos, os demônios aparecem em oposição Jesus, com ênfase na superioridade de Cristo sobre eles. Nos escritos paulinos, são principados, dominações e potestades (1 Co 15.24, 27; Cl 1.15-20; Ef 1.20-2.2). No Apocalipse, os demônios com o diabo estão presentes na luta final contra Jesus e a igreja.

Apesar da sua presença nos relatos dos evangelhos sinóticos e em Atos dos Apóstolos, a origem deles é considerada obscura por alguns. A melhor compreensão de como esses espíritos surgiram depende também da origem de Satanás, pois ele é chamado de Belzebu, "o príncipe dos demônios" (Mt 12.24; Mc 3.22; Lc 11.25). Jesus faz menção do "diabo e seus anjos" (Mt 25.41). Quem são esses anjos e qual a origem deles e do seu chefe? O Novo Testamento faz menção de anjos rebeldes que foram expulsos do céu (2 Pe 2.4; Jd 6). Muitos consideram Isaías 14.12-15 e Ezequiel 28.12-15 como referências à origem e à queda de Satanás.

Alguns pais da Igreja como Orígenes, Jerônimo, Ambrósio de Milão e Agostinho de Hipona, entre outros, ligaram Isaías 14.12-15 a Lucas 10.18 e Apocalipse 12.7-9 e, dessa forma, consideram a passagem como uma referência a Satanás. Mas grandes expositores da Reforma Protestante foram unânimes em não endossar essa ideia. Lutero e Calvino disseram que seria um erro aplicar o nome de Satanás aqui. Os comentários

atuais dessa passagem costumam pular essa parte e se resumem geralmente nisso: Isaías usa uma linguagem da mitologia para descrever o orgulho humano na figura de Nabucodonosor em "Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva!" (Is 14.12). A estrela da alva é o planeta Vênus que as nossas versões traduzem geralmente como "estrela da manhã". Jerônimo usa "Lúcifer" na *Vulgata Latina*, termo que significa "portador de luz" e é um dos nomes aplicados a Satanás.

Gustav Davidson, em *A Dictionary of angels including the fallen angels* (*Dicionário dos anjos incluindo os anjos caídos*), afirma que essas palavras em Isaías se referem a Nabucodonosor, rei de Babilônia, e que são interpretadas erroneamente como se referindo à queda de Satanás. Mas Orígenes disse: "O que caiu do céu não pode ser Nabucodonosor nem nenhum outro ser humano". E, em outras palavras, ele reitera essa ideia no *Tratado sobre os princípios*, livro 1.5.5; livro 4.3.9. Agostinho de Hipona segue também nessa mesma linha de pensamento em *Sobre a doutrina cristã* e *A cidade de Deus*.

A passagem de Ezequiel 28.12-15 sobre o rei de Tiro é também vista pelos pais da Igreja como referência à queda de Satanás, tal como Isaías 14.12-15, com discordância da maioria dos reformadores do século 16. O texto sagrado descreve esse rei como o aferidor da medida: "Tu eras o selo da simetria e a perfeição da sabedoria e da formosura" (v. 12, TB); que estava no Éden, jardim de Deus, mas um jardim de pedras preciosas (vv. 13, 14); era o querubim ungido e perfeito em todos os seus caminhos (vv. 14, 15). Essas características ultrapassam a de qualquer ser humano.

Uma passagem no Novo Testamento está em Lucas 10.18, quando Jesus disse: "Eu via Satanás, como raio, cair do céu" ou "Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago". A questão é:

quando aconteceu ou vai acontecer essa queda de Satanás? O ponto-chave é o tempo verbal, "eu via", imperfeito, segundo a *Chave linguística do Novo Testamento grego*, "indica aquilo que era constantemente repetido", ou seja, uma ação contínua; em seguida, vem um comentário de Lucas: "Cada expulsão de demônios importava numa queda de Satanás" (p. 126). Jesus via a derrocada do reino das trevas enquanto os setenta discípulos pregavam. A segunda interpretação considera as palavras de Jesus como referência à queda de Satanás como apresentada em Isaías 14.12-15 e Ezequiel 28.12-15, ideia aceita por pais da Igreja como Cipriano, Ambrósio e Jerônimo, entre outros. O *comentário bíblico NVI*, de F. F. Bruce, afirma:

> Visto que esse dito lembra Isaías 14.12 – "Como você caiu dos céus, ó estrela da manhã, filho da alvorada!" – tem sido interpretado ao longo da história cristã como uma referência a uma queda cósmica de Satanás no passado remoto, Gregório, o Grande, já interpretava no longínquo século VI. Mas Plummer (p. 278) diz: 'O aoristo indica a coincidência entre o sucesso dos Setenta e a visão de Cristo da derrota de Satanás" (p. 1668).

O *Comentário bíblico pentecostal do Novo Testamento* apresenta três opiniões:

> 1) Baseado em Isaías 14.12, o Cristo preexistente testemunhou a queda de Satanás.
>
> 2) Jesus testemunhou a queda de Satanás na tentação do deserto (Lc 4.1-12), quando Jesus estabeleceu sua autoridade sobre todas as forças das trevas.

3) Jesus teve uma visão enquanto os setenta e dois estavam ministrando sob sua autoridade. Esta terceira opção é provavelmente a explicação correta. Enquanto eles estavam desempenhando a missão, Jesus viu Satanás cair do céu como a subtaneidade de um raio. Esta visão se relaciona com as vitórias dos discípulos sobre os poderes do mal.

A descrição Apocalipse 12.7-10 parece ter acontecido com a chegada de Jesus no céu: "E deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono" (v. 5). Na sequência, a partir do v. 7 vem a batalha do arcanjo Miguel contra o Dragão em Apocalipse. Se realmente é isso, logo não se deve aplicar essa batalha à queda original de Satanás descrita em Isaías 14.12, mas nem por isso deixa de ser a uma guerra cósmica espiritual e invisível aos olhos humanos.

Satanás tinha acesso ao céu depois de sua queda conforme Isaías 14.12? Muitos expositores bíblicos admitem essa ideia, mas que se tratava de um acesso com certa restrição. Essas evidências aparecem em algumas passagens do Antigo Testamento (1 Rs 22.23; Jó 1.6-9; 2.1-6; Zc 3.1, 2). É com base nessas passagens que Satanás é chamado de "o acusador de nossos irmãos" (Ap 12.10). A *Bíblia de Estudo Pentecostal* deixa transparecer essa interpretação: "Satanás é derrotado, precipitado, na terra" (cf. Lc 10.18) e não lhe é mais permitido acesso ao céu". Stanley M. Horton segue também nessa mesma linha de pensamento em seu comentário sobre o livro de Apocalipse.

Mas, com a chegada vitoriosa de Jesus ao céu, não se achou lugar para o acusador dos irmãos, e assim não foi mais possível o acesso de Satanás e seus correligionários ao céu, pois eles "não

prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus" (Ap 12.8). Jesus morreu por todos os pecadores e intercede por sua Igreja, e nisso temos o grito de vitória:

> E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite (Ap 12.9, 10).

O Senhor Jesus já tinha visto essa derrota de Satanás. Ele disse: "Eu via Satanás, como raio, cair do céu" (Lc 10.18).

O DESENVOLVIMENTO DA DEMONOLOGIA

Um dos motivadores do desenvolvimento da teologia dos demônios a partir do século 2 foi a questão do imaginário popular, do maniqueísmo e das ideias gnósticas. Esses assuntos também fomentavam a angelologia, já que a demonologia faz parte dela. As pessoas no geral tinham muito medo da atuação dos espíritos maus; os cristãos os viam em todos os lugares, pois entendiam que os demônios atuavam para atrapalhar a união do ser humano com Deus. Assim, muitas práticas cristãs eram voltadas para o combate da ação demoníaca. Apesar das semelhanças do pensamento judaico-cristão com o helenista quanto ao assunto, a principal diferença residia na afirmação dos cristãos de que o diabo e os demônios são criaturas que, em algum momento, se rebelaram contra seu Criador.

A doutrina dos demônios foi influenciada pelo texto bíblico, pela tradição judaica e, em menor escala, pela cultura greco-romana. Os tópicos de interesse foram sobretudo a origem do diabo e dos demônios, seu destino, sua natureza e a natureza do seu domínio.

Os primeiros debates sobre os demônios se relacionavam à idolatria e às perseguições. Isso tangencia a discussão da natureza do domínio dos demônios. Os apologistas no século 2 se preocupavam que os mitos, os ritos e a magia iriam atrapalhar a fé dos fiéis e logo se ocuparam de tratar do assunto. Explicavam que os demônios estavam por trás das imagens porque desejavam receber as honras e os sacrifícios que deveriam ser oferecidos somente a Deus. Justino se ocupou do papel de Satanás por trás da idolatria conforme a tradição judaica, assunto que estava relacionado ao problema do culto aos anjos (Justino, o Mártir, *Apologia* 1.6). Este posicionamento e o de pais posteriores reforçavam o pensamento judaico de que os demônios estavam por trás dos ídolos; logo, do culto idólatra.

Quanto à origem dos demônios, a posição mais frequente entre os pais da Igreja é a afirmação bíblica de que o diabo e os demônios são criaturas de Deus, a maldade deles não é inata, mas consequência do livre-arbítrio. Para Agostinho de Hipona, em *A Cidade de Deus*, os espíritos imundos são os anjos que se afastaram da luz. Ou permaneciam na luz, ou seguir a soberba e tornarem-se trevas (11, IX-XI). O diabo rejeitou a verdade e, caso tivesse se mantido nela, "permaneceria nas eternas alegrias dos santos anjos" (9, XIII). A passagem de João, "o diabo peca desde o princípio", deve ser entendida de acordo com Agostinho, no sentido de que o diabo "não peca desde o princípio de sua criação, mas desde o princípio do pecado, que começou a ser pecado com

sua soberba" (9, XV). Essa posição de Agostinho relacionava a maldade dos demônios ao diabo e contrariava a tradição judaica que atribuía a origem dos demônios ao pecado carnal dos anjos utilizando a passagem de Gênesis 6.1-4.

A explicação quanto ao destino do diabo e seus anjos remete à expulsão do céu quando estes pecaram, e desde então estão agindo entre o céu e a terra. A condenação definitiva será com o fogo eterno. Orígenes acreditava que haveria possibilidade de reverter essa condenação para o diabo e os demônios, conforme apresentado em seu *Tratado sobre os princípios*: "cada natureza racional é capaz de vários tipos de progresso ou recuo, conforme suas ações e esforços" (I. 6. 3). É claro, que se trata de um pensamento estranho, mas o próprio Orígenes sempre dizia que se tratava de interpretação pessoal e que estava disposto a ouvir outras ideias. Ele não tomava essas ideias e outras semelhantes como dogma.

Em se tratando da natureza da ação maligna, a ideia principal é a de que o diabo e os demônios trabalham para interferir na obra de Deus e dos seres humanos que o servem. São causadores de desgraças e confusão, enganadores, imitadores. No entanto, possuem limites impostos por Deus por meio da atuação dos anjos bons. Para Orígenes, os anjos estariam presentes em toda parte do universo: na natureza, nas nações e na vida de cada indivíduo, com a intenção de lutar contra os demônios.

O debate sobre a atuação do diabo e seus demônios levou à discussão sobre a origem do mal. Os apologistas e outros pais da Igreja posteriores enfatizavam que o diabo e os demônios são criaturas, mas que a maldade não lhes é inata; a maldade está relacionada à liberdade de decisão. Orígenes, em sua obra *Contra Celso* afirma ser "impossível conhecer a origem do mal se não

tivermos conhecido os ensinamentos sobre o diabo e seus anjos, o que ele era antes de se tornar um diabo e a razão por que seus anjos tomaram parte em sua apostasia" (IV, 65).

OS DEMÔNIOS E A BATALHA ESPIRITUAL

Em razão das poucas informações bíblicas sobre o diabo e os demônios, deve-se tomar muito cuidado para não dogmatizar determinadas linhas de interpretação. Claro e certo é que esses seres malignos atuam para atrapalhar a atuação da igreja e do crente, mas a derrota deles está garantida porque Jesus Cristo já os venceu na cruz e os condenará definitivamente. Por isso, o crente não precisa temer a ação demoníaca, mas se manter firme na sua vida de santificação, sustentado pela vida de oração e leitura da Palavra de Deus a fim de estar preparado para lidar com a batalha espiritual.

5

Possessão demoníaca

e a autoridade do nome de Jesus

O Novo Testamento revela a existência de seres espirituais que se apossam de pessoas, assenhoreando-se delas. A cura do endemoninhado gadareno, narrada em Mateus 8.28-34, Marcos 5.1-20 e Lucas 8.26-39, demonstra a realidade da possessão maligna e o poder que Jesus tem não somente no céu e na terra, mas até nas profundezas do abismo. Essa passagem mostra a soberania absoluta de Jesus Cristo sobre o diabo e seus anjos.

UM HOMEM POSSESSO DE DEMÔNIOS

A possessão demoníaca é um fenômeno maligno revelado desde as sessões espíritas até o estado estarrecedor do gadareno. Os demônios aparecem como agentes causadores de males dando às suas vítimas características típicas, como força sobre-humana (Mt 8.28; 17.15; At 19.16), poder de adivinhar (At 16.16) e conhecimento sobrenatural (Lc 8.28). Eles atacam suas vítimas ao possuí-las, dominando suas faculdades mentais, levando-as à demência (Mt 4.24; 17.15) e às vezes incapacitando-as de falar e de ver (Mt 9.32; 12.22). O endemoninhado gadareno vivia desnudo, nos sepulcros, e era tão violento que nem mesmo os grilhões e as cadeias podiam detê-lo. Corria pelos montes e desertos e se feria com pedras. O fato de procurar viver nos sepulcros já é uma demonstração de sua total insanidade mental. O sepulcro tem muita afinidade com o espírito imundo por causa de sua natureza mórbida e melancólica. O comportamento violento e sobrenatural do gadareno, para sua própria destruição e para a perturbação de seus vizinhos, revela a natureza destruidora de Satanás, que veio para "roubar, a matar, e a destruir" (Jo 10.10). Mas Jesus veio para destruir as obras do diabo (1 Jo 3.8).

O PODER DE JESUS SOBRE TODO O REINO DAS TREVAS

Atributos divinos são as perfeições de Deus reveladas nas Escrituras, perfeições próprias da essência de Deus. Os atributos incomunicáveis, também conhecidos como absolutos ou naturais, são os atributos exclusivos do Ser divino, como a eternidade, a onipotência, a onisciência e a onipresença, entre outros. Diferem dos atributos comunicáveis, em que há nos seres humanos

alguma ressonância, como amor, justiça, verdade etc. A Bíblia, no entanto, revela esses atributos incomunicáveis em Jesus. As Escrituras mostram de maneira clara e inconfundível a eternidade de Cristo, a sua pré-existência eterna. O profeta Miqueias, ao anunciar o nascimento do Messias na cidade de Belém de Judá, concluiu a mensagem dizendo: "[...] e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Mq 5.2). Isso revela que o Filho já existia antes da criação de todas as coisas. Em Isaías, Jesus é chamado de "Pai da Eternidade" (9.6); "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente" (Hb 13.8). Em qualquer tempo da eternidade passada, "os tempos antes dos séculos" (Tt 1.2), no passado remotíssimo, que a mente humana não pode alcançar, Jesus "era o Verbo", era o mesmo, o mesmo de hoje e de sempre, pois ele é imutável.

Além disso, lemos em João 1.3: "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez"; ou "por intermédio dele" (ARA). O termo grego é *diá*, "através de, por meio de, por causa de". Essa mesma palavra é aplicada ao Deus-Pai em Romanos 11.36. O texto joanino é claro e objetivo ao mostrar que nada há nesse infinito universo que não seja criado pelo Senhor Jesus.

O termo "onipotência" significa "ter todo poder, ser todo-poderoso". A Bíblia ensina que Deus é Onipotente e Todo-poderoso. Um de seus nomes revela esse atributo: El Shadai. Os cristãos reconhecem que Deus pode todas as coisas: "Porque para Deus nada é impossível" (Lc 1.37). Deus é chamado nas Escrituras de "Onipotente", como o Ser que tudo pode (Sl 91.1); "nada há que seja demasiado difícil para ti" (Jr 32.27, TB). A Palavra de Deus, no entanto, afirma ser o Filho, também, Onipotente, isto é, Todo-poderoso. Jesus disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mt 28.18). Jesus tem todo o poder no céu e na terra;

em outras palavras, não há nada no céu e na terra que Jesus não possa fazer; para ele não há impossível. A Bíblia ensina que Jesus já possuía esse atributo antes de vir ao mundo (Fp 2.6-8). Após a sua ressurreição, ele recuperou o mesmo poder e a mesma glória que tinha com o Pai, antes que o mundo existisse (Jo 17.5). Jesus está "acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro" (Ef 1.21). Isso quer dizer que ele é o Todo-poderoso. Em Apocalipse 1.8, ele é chamado de *Pantokrator*, "Todo-poderoso", equivalente a El Shadai, no Antigo Testamento.

A palavra "onipresença" não aparece na Bíblia; vem do latim *omni*, "tudo", e *praesentia*, "presença". Como atributo divino, na teologia, a ideia indica precisamente a presença cheia de Deus em todas as criaturas: "Em um alto e santo lugar habito e também com o contrito e abatido de espírito" (Is 57.15). A onipresença é o poder de estar em todos os lugares ao mesmo tempo (Sl 33.13, 14; Pv 15.3; Jr 23.23, 24). Jesus é ilimitado no tempo e no espaço. Ele disse: "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mt 18.20). E mais: "Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém" (Mt 28.20). Essas duas passagens mostram que Jesus está presente em qualquer parte do globo terrestre, porque ele é onipresente. O cumprimento das palavras de Jesus é encontrado na própria Bíblia: "E eles tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém" (Mc 16.20), e também hoje nos cultos e em nossa própria vida: no trabalho, na escola, no lar.

A palavra "onisciência" vem do latim *omniscientia*; *omni* significa "tudo", e *scientia*, "conhecimento, ciência". É o atributo divino para descrever o conhecimento perfeito e absoluto que

Deus possui de todas as coisas, de todos os eventos e de todas circunstâncias por toda a eternidade passada e futura (Is 46.9, 10). É o conhecimento, a inteligência e a sabedoria em graus perfeito e infinito: "Não há esquadrinhação do seu entendimento" (Is 40.28). Esse conhecimento é simultâneo e não sucessivo. A onisciência de Deus excede todo o entendimento humano, é um desafio a nossa compreensão, mas é uma realidade revelada: "*tal* ciência *é* para mim maravilhosíssima; *tão* alta, *que* não a posso *atingir*" (Sl 139.6, grifos nossos).

A onisciência é outro atributo que só Deus possui, e, no entanto, Jesus revelou essa onisciência durante o seu ministério terreno. Nós a vemos em João 1.47, 48, por exemplo, quando ele disse que viu Natanael debaixo da figueira. Jesus sabia que no mar havia um peixe com uma moeda, e que Pedro, ao lançar o anzol, a pescaria, e com o dinheiro pagaria o imposto, tanto por ele como por Cristo (Mt 17.27). Em João 2.24, 25 está escrito que não havia necessidade de ninguém falar algo sobre o que há no interior do homem, porque Jesus já sabia de tudo. A Bíblia afirma que só Deus conhece o coração dos homens (1 Rs 8.39), então Jesus é não somente onisciente, mas também é Deus. Ele sabia que a mulher samaritana já havia possuído cinco maridos, e que o atual não era o seu marido (Jo 4.17, 18). Encontramos em João 16.30; 21.17 que Jesus sabe tudo; e Colossenses 2.2, 3 nos diz que em Cristo "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência". O Senhor Jesus ouvia a oração de Saulo de Tarso enquanto falava com Ananias em Damasco (At 9.11). Não há nada no universo que Jesus não saiba, e tudo porque ele é onisciente e é Deus.

Dessa forma, a força de Satanás e a de seus correligionários se tornam cinzas diante da glória e do poder de Jesus Cristo. Os

demônios reconhecem que Jesus é mais forte do que seu chefe e admitem que ele é o Filho do Deus Altíssimo (Mc 1.23-24; Lc 8.28). É de se lamentar que muitas pessoas, até mesmo religiosas, ainda não saibam que Jesus é o Filho de Deus. Os demônios têm medo de Jesus e estremecem diante dele (Tg 2.19); na verdade, ficaram completamente neutralizados diante de Jesus de Nazaré. Na ocasião, o espírito imundo disse: "Vieste aqui atormentar--nos antes do tempo?" (Mt 8.29). Isto mostra que a presença de Jesus é um tormento para o reino das trevas e também que esse encontro serviu como um prenúncio da condenação final do diabo e seus anjos (Mt 25.41). Os demônios sabem que há um tempo determinado para o juízo divino sobre as hostes infernais, e temem por isso.

Alguns procuram estabelecer diálogo com os demônios porque Jesus perguntou ao espírito imundo qual era o seu nome. Isso se vê com frequência na mídia neopentecostal. Tal prática não tem apoio bíblico. Jesus tem autoridade para isso porque ele é Deus. O Senhor Jesus manifestou seu poder sobre toda a natureza, sobre o vento, sobre o mar, sobre a morte, sobre as enfermidades, sobre o poder das trevas. Os demônios estremecem diante dele; eles são obrigados a obedecer-lhe. Na passagem do gadareno, vemos que aqueles demônios, ou pelo menos o porta-voz deles, suplicando, pediram três coisas: que não os mandasse para outra região (Mc 5.10), que não os mandasse para o abismo antes do tempo (Mt 8.29); e que permitisse entrar na manada de porcos que passava pelo local na ocasião (Lc 8.32). O poder de Satanás é muito limitado diante do poder de Jesus. O inimigo de nossa alma não pode fazer o que quer (Jo 1.12; 2.4-5). Os demônios fizeram este pedido porque não podiam resistir ao poder de Jesus.

O Senhor conferiu aos seus discípulos autoridade para expul-

sar demônios: "Expulsai os demônios" (Mt 10.8). Esta é a ordem que recebemos do Senhor. Jesus não entrevistou os demônios, apenas perguntou o seu nome. Isto porque o demônio era obrigado a confessar publicamente quem era o responsável pela miséria do gadareno. É claro que Jesus sabia perfeitamente com quem tratava, mas queria que o povo ouvisse isso do próprio espírito imundo. Nós devemos expulsá-los em nome de Jesus (Mt 10.8), e não manter diálogo com eles. O diabo é o pai da mentira (Jo 8.44). Ninguém deve acreditar nem ficar impressionado com as declarações dos demônios, porque eles são mentirosos.

Jesus perguntou como o espírito imundo se chamava, e ele respondeu: "Legião é o meu nome, porque somos muitos" (Mc 5.10). Uma legião romana era constituída de 6 mil soldados. Ainda que o número de demônios não seja exato, ou que Legião seja uma identidade, eles eram muitos. Eles são numerosos e poderosos, organizados e batalhando sob uma mesma bandeira, a de Satanás. Lutam contra Deus e sua glória, contra Cristo e seu evangelho, contra o cristão e sua santidade (Ef 6.10-12). O homem por si só não tem força suficiente para enfrentá-los. Todos precisam de Jesus, da comunhão com ele, para dele receberem poder e assim poderem expulsá-los, pois já vimos que ele nos deu essa autoridade (Lc 10.19-20).

A LIBERTAÇÃO DO GADARENO E AS CONSEQUÊNCIAS

Deus proibiu os filhos de Israel o consumo de carne de porco (Lv 11.7; Dt 14.8). Essa proibição era um preceito dietético visando a saúde e o bem-estar do povo. Moisés a colocou como preceito religioso para que o povo considerasse o assunto e o levasse a sério. Esse preceito dietético, observado ainda hoje pelos judeus,

é chamado de *kashrut*. Por ser de caráter dietético, o Novo Testamento não apresenta nenhuma restrição quanto ao consumo de carne suína (1 Tm 4.3-5). A proibição mencionada na lei de Moisés transformou o porco numa repugnância nacional. A tradição judaica dizia que demônios e porcos são uma boa combinação. Os judeus consideravam os demônios e os porcos como pertencentes à mesma ordem; os porcos eram considerados como o lar dos espíritos imundos. Essa tradição parece ser confirmada quando os demônios pediram para entrar na manada de porcos.

A população de Decápolis era mista, de judeus e gentios, mas a criação de porcos não era permitida aos judeus. Decápolis era um agrupamento de dez cidades a leste do rio Jordão no nordeste da Galileia (Mt 4.25; Mc 7.31). Suas cidades são: Citópolis, a Bete-Seã do Antigo Testamento (1 Sm 31.10-12), Hippos, Dion, Rafana, Canata, Gadara, Gerasa, Pela, Filadélfia, atual Amã, na Jordânia, e Damasco. A estrutura dos centros urbanos era típica das cidades greco-romana, com uma população majoritária de gentios. É provável que o porqueiro fosse gentio. O prejuízo foi grande; afinal, eram dois mil porcos (Mc 5.13). Os porcos não resistiram à opressão e se precipitaram por um despenhadeiro, afogando-se no lago (Lc 8.33).

A extraordinária libertação do gadareno logo chamou a atenção do povo. Muita gente se reuniu para ver o que havia acontecido, pois a cura repentina do endemoninhado era algo espantoso. Encontraram o homem em perfeito juízo, vestido e junto com Jesus (Lc 8.34-36). Glorificamos a Deus quando vemos pessoas oprimidas pelo maligno sendo libertas pelo poder de Jesus. Ele nos delegou essa tarefa (Mt 10.8; Lc 10.19-20). Mas Jesus foi logo convidado a se retirar da terra dos gadarenos por causa do prejuízo dos porqueiros (Lc 8.34, 37). Os porcos valiam mais

que a vida humana, na concepção daquela gente. Essa estranha recepção causa-nos tristeza e espanto. Como o herói é convidado a se retirar?! Será que o endemoninhado, com toda a sua ferocidade e violência sobre-humana, não representava um perigo e uma ameaça para aquela comunidade? Ou o perigo para aquela sociedade era Jesus? Mas ainda hoje há aqueles que vendem a sua primogenitura por um prato de lentilhas. Os porcos são mais valiosos que as dádivas de Deus, para certas pessoas. Jesus simplesmente voltou para Galileia. Jesus só entra numa vida quando alguém abre a porta (Ap 3.20); ele não viola os direitos humanos.

UMA EXPLICAÇÃO SOBRE A REGIÃO DE DECÁPOLIS

Uma avaliação no conjunto das três narrativas nos evangelhos sinóticos nos chama atenção para o fato de Mateus mencionar dois endemoninhados (Mt 8.28), enquanto Marcos e Lucas citam apenas um (Mc 5.2; Lc 8.27). Na verdade, eram dois; é que Marcos e Lucas registraram apenas o mais violento e o mais feroz deles. Fato semelhante encontramos na cura dos cegos de Jericó (Mt 20.29-34; Mc 10.46-52; Lc 18.35-43). O outro detalhe é que Mateus apresentou apenas um resumo do episódio; não registrou o gadareno libertado, vestido e em perfeito juízo. Mas as três narrativas se completam entre si.

Somos informados que o fato aconteceu na "província dos gadarenos" (Mt 8.28). Gadara era uma das cidades de Decápolis (Mc 5.20), situada a oito quilômetros do mar da Galileia; no entanto, Marcos e Lucas falam da província ou terra "dos gerasenos" (Mc 5.1; Lc 8.26, NAA), ou seja, em Gerasa, localizada a 56 quilômetros do mar da Galileia no lado oriental, que pertencia ao distrito de Gadara. A região de Decápolis era muito vasta, e os limites dos

territórios dessas cidades são pouco conhecidos. Devemos nos contentar com as informações que temos. A. T. Robertson, com base na descoberta de William M. Thomson, afirma que Gerasa "está no distrito da cidade de Gadara, poucos quilômetros para o sudoeste, de forma que pode ser chamada por Gerasa ou Gadara" (ROBERTSON, 2011, p. 103). Segundo o historiador Josefo, o território de Gadara se estendia até o lago da Galileia. Moedas daquele tempo trazem o nome de Gadara com o desenho de um barco impresso.

Há também nomes alternativos entre gadarenos e gerasenos, e alguns manuscritos gregos mais recentes trazem gergesenos. Como o termo "gergesenos" aparece no relato do endemoninhado gadareno? Orígenes (185-254) visitou a região e, segundo ele, a topografia de Gadara e de Gerasa não combina com a descrição dos evangelhos. Orígenes dizia que os escritores bíblicos não se preocupavam em identificar com precisão alguns locais. Assim, Orígenes via em Gergesa, conhecida hoje como Kersa ou Gersa na Jordânia, que era na época de Jesus uma pequena cidade no território de Gadara, o local preciso do milagre. A leitura substituta "gergeseno", em alguns manuscritos, surge a partir de Orígenes. Gersa apresenta todas as características topográficas descritas na narrativa. De modo que Gersa, Gerasa e Gadara estão na mesma região onde ocorreu o milagre.

A REFLEXÃO SOBRE A BATALHA ESPIRITUAL COM BASE NA PASSAGEM DO GADARENO

A passagem do endemoninhado gadareno revela a atuação e a possessão maligna entre os seres humanos e também demonstra o poder absoluto de Jesus Cristo sobre os demônios. Dessa

forma, aqueles que servem a Deus não precisam ter medo; pelo contrário, devem confiar ainda mais que o Senhor os protege, porque as hostes do mal já foram derrotadas por Cristo na cruz.

A batalha espiritual, como já explicado, consiste na oposição dos cristãos às forças malignas pela pregação do evangelho, pela oração e pelo poder da Palavra de Deus. Assim, um detalhe ao qual devemos nos atentar é quanto à reação que temos diante das transformações causadas quando o Senhor Jesus expulsa os demônios, trazendo libertação e interferindo na história. Nossas ações continuam gerando bênçãos ou impedem que elas perdurem porque sentimos que estamos sendo prejudicados pelas transformações produzidas? Que possamos ter os olhos abertos para enxergar além do mundo terreno e derrotar as ações malignas.

6

Um inimigo que precisa ser resistido

Nós, crentes em Jesus, vivemos uma luta contínua contra o pecado, em vigilância constante, pois existe um inimigo externo ao qual precisamos resistir, que é o próprio diabo: "Sujeitai-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4.7). O outro inimigo é interno, ou seja, a carne: "Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne. Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis" (Gl 5.16, 17). O ensino do Senhor Jesus e dos seus apóstolos enfoca o tema com frequência. E, Tiago, o primeiro pastor da Igreja de Jerusalém, já via desde muito cedo a necessidade de os crentes resistirem aos inimigos externo e interno.

RESISTINDO O INIMIGO

O capítulo 4 deste livro apresenta um estudo sobre a origem, a natureza e as ações de Satanás e seus correligionários, os demônios, de modo que não há necessidade de descrevê-los aqui. O objetivo deste capítulo é mostrar e explicar como resistir o diabo para que ele se afaste cada vez mais de nós. O Senhor Jesus provou na tentação do deserto que o diabo não é invencível, desde que se resista a ele com a Palavra de Deus. Veja que Jesus resistiu às três últimas investidas do diabo no deserto com um "está escrito" que não deu chance alguma ao Maligno, de modo que "o diabo o deixou" (Mt 4.11). O relato de Lucas afirma que o diabo se ausentou de Jesus temporariamente: "E, acabando o diabo toda a tentação, ausentou-se dele por algum tempo" (Lc 4.13). Quando os crentes se revestem do Senhor Jesus e da força do seu poder contra as astutas ciladas do diabo (Ef 6.10, 11), devem depois de tudo isso "ficar firmes" (v. 13). Isso porque o diabo volta a atacar. Mesmo depois de derrotado no deserto, o diabo continuou insistindo; o Novo Testamento conta que Jesus foi tentado não somente nos quarenta dias imediatamente após o batismo no rio Jordão, mas durante todos os dias do seu ministério (Lc 22.28; Hb 4.15). Isso mostra que Satanás é persistente no ataque, e na vida cristã não é diferente. O fato de ele fugir de nós pela nossa resistência não significa que a vitória seja definitiva, por essa razão devemos estar atentos em todo o tempo.

A primeira parte do capítulo 4 de Tiago apresenta uma lista de comportamentos que devem estar longe da vida cristã. São as paixões resumidas em quatro categorias: 1) contenda entre irmãos, 2) mundanismo, 3) insubmissão a Deus e 4) maledicência.

CONTRA A CONTENDA

Tiago revela haver um clima de contenda no seio da Igreja nos primeiros anos de sua história. Da lista das seis coisas com as quais Deus se aborrece, há o acréscimo de uma sétima que Deus abomina: é o que semeia contenda entre os irmãos (Pv 6.17-19). Se a epístola de Tiago foi dirigida especificamente aos primeiros cristãos de origem judaica dispersos pelo vasto império romano, como parece indicar a introdução da carta (Tg 1.1), esses irmãos judeus deviam conhecer essa passagem do livro de Provérbios. Além do mais, os dois maiores mandamentos – amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Mt 22.37-40; Mc 12.29-31) – eram conhecidos das igrejas. Jesus disse: "Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus" (Mt 5.9).

O pecado da contenda consiste em intriga, confusão, e em jogar um contra o outro criando um ambiente ruim. Tiago emprega metaforicamente a expressão guerras e pelejas: "Donde vêm as guerras e pelejas entre vós?" (Tg 4.1). É uma linguagem tão pesada que há até quem afirme, como Adam Clarke, que essas guerras e pelejas sejam uma referência às disputas internas que havia entre os judeus de Jerusalém nos levantes contra Roma. A população da Judeia estava dividida nessa época sobre a luta pela libertação do poder romano. A expressão "entre vós" não diz respeito à população em geral da Judeia, mas especificamente aos crentes.

Qual a fonte dessas contendas? Tiago responde: os maus desejos, "os vossos deleites" (v. 1b), ou seja, o hedonismo, a cultura do prazer que se originou na filosofia epicurista, fundada por Epicuro, de onde vem o nome (321 -270 a.C.). Os epicuristas

estavam muito em voga entre os romanos na era apostólica, o apóstolo Paulo discursou para eles juntamente com os estoicos no areópago, em Atenas (At 17.18). O termo "hedonismo", *hedoné*, em grego, aparece cinco vezes no Novo Testamento, para descrever deleites ou prazeres ilícitos (Lc 8.14; Tt 3.3; Tg 4.1, 3; 2 Pe 2.13). Era essa a fonte das contendas e cujos resultados eram cobiças, invejas, disputas e fracassos, pois o pedido deles não era atendido, uma vez que o problema estava na motivação: "para o gastardes em vossos deleites" [*hedonais*] (Tg 4.3).

CONTRA O MUNDANISMO

Tiago chama esses crentes de "adúlteros e adúlteras", seguindo a linguagem metafórica muito comum no Antigo Testamento para indicar a infidelidade dos israelitas ao seu Deus e descrever a apostasia de Israel (Ez 16.20-22; 23.3-5; Os 2.2-8). O mundanismo envolve a infidelidade de Israel, da Igreja ou de um cristão; é chamado na Bíblia de adultério, prostituição e fornicação espiritual (Jr 3.8; Ez 16.32; Ap 2.20). Ao exortar contra o adultério espiritual, Tiago associa esse desvio ao mundanismo.

As palavras gregas para "mundo", no Novo Testamento, são *kosmos* e *aion*. Ambas significam o mundo físico: "Vós sois a luz do mundo [*kosmos*]" (Mt 5.13). "Pela fé entendemos que os mundos [*aion*] pela Palavra de Deus foram criados" (Hb 1.3), e também o pecado: "a amizade do mundo [*kosmos*] é inimizade contra Deus" (Tg 4.4). O substantivo grego aion tem o sentido de "sistema de cousa, século". Aparece para "deus deste século" (2 Co 4.4). A palavra "mundo" (Rm 12.2) é *aion* e refere-se ao pecado. A expressão "não vos conformeis com este mundo" significa que não devemos nos amoldar ao pecado. A transformação de nossa

mente e de nosso interior é pelo Espírito Santo (2 Co 3.18), e isso repele o modelo mundano pecaminoso.

Nenhum crente contesta o fato de a Bíblia condenar o mundanismo. Isso é ponto inquestionável. Embora a palavra "mundanismo" não seja encontrada na Bíblia, seu conceito o é. Refere-se a tudo aquilo que desagrada a Deus (Tg 4.4; 1 Jo 2.15, 16). O conceito de mundanismo, nos dias dos apóstolos, consistia nos teatros, nos jogos e na devassidão (ELWELL, vol. II, 1988, p. 597).

Entre as várias modalidades de teatro, havia entre os romanos o *nudatio mimarum*, "desnudamento das mimas", com gesto mímico da expressão corporal e da dança. Como o nome já diz, as bailarinas se apresentavam desnudas. Os jogos romanos eram demais violentos para a piedade cristã. Não somente as lutas de gladiadores, mas também as corridas de cavalos, sempre terminavam com mortes. As olimpíadas daqueles dias eram uma festa pagã, em homenagem a Zeus, principal divindade grega, que, segundo a mitologia grega, habitava no Olimpo. Além disso, seus atletas participavam desses jogos completamente desnudos, por isso os rabinos protestavam veementemente contra a participação dos judeus nesses eventos.

A devassidão fazia parte da cultura greco-latina. Devassidão é libertinagem, licenciosidade, depravação de costumes. A ARC traduz o substantivo grego *pornoi*, plural de *pórnos*, "prostituto, fornicador", por "devassos". O apóstolo Paulo combateu a devassidão: "Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o Reino de Deus" (1 Co 6.10).

O conceito de mundanismo é o mesmo ainda hoje; não mudou. A diferença é estar mais ampliado. Segundo a *Bíblia de*

Estudo Pentecostal, Satanás apresenta uma ideia mundana de moralidade, "das filosofias, psicologia, desejos, governos, cultura, educação, ciência, arte, medicina, música, sistemas econômicos, diversões, comunicação de massa, esporte, agricultura etc., para opor-se a Deus e ao seu povo, à sua Palavra e aos seus padrões de retidão". Tudo isso deve ser analisado à luz de seu contexto. Não é pecado ser médico, nem é pecado o crente estudar medicina. O diabo, porém, pode usar, como tem feito, a medicina para destruir os valores cristãos: prática do aborto e da eutanásia, por exemplo; a ciência, para o ateísmo; a música, para o sensualismo. O mesmo pode acontecer na política, nos sistemas econômicos e outros, mas nem por isso a Bíblia condena alguém por ser músico, cientista, político ou empresário. Tudo depende do contexto e da finalidade.

CONTRA A INSUBMISSÃO A DEUS

Tiago denuncia um clima de insubmissão a Deus e exorta os crentes dizendo que "Deus resiste aos soberbos, dá, porém, graça aos humildes Sujeitai-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4.6, 7). O soberbo é o arrogante, orgulhoso (Lc 1.51; 2 Tm 3.2). O termo grego é *hyperéphanos*, literalmente, "estar acima dos demais". O soberbo é aquele que se considera acima dos outros, e Deus resiste a esse tipo de pessoa. Essa passagem é uma citação da *Septuaginta* (Pv 3.34). O apóstolo Pedro exorta também os seus leitores nesse sentido (1 Pe 5.5). O verbo grego para "submissão" em "sujeitai-vos a Deus" é *hypotasso*, "sujeitar, estar em sujeição", que vem da preposição, *hypó*, "sob", e do verbo *tasso*, "ordenar". O substantivo, *hypotage*, de *hypotasso*, significa "submissão, subordinação, obediência"

(2 Co 9.13). *Hypotasso* é usado para traduzir cerca de dez verbos hebraicos na *Septuaginta*. Trata-se de um termo originalmente militar e aparece com frequência em referência à subordinação política (Sl 47.4). Mas, às vezes, essa sujeição pode ser voluntária (1 Cr 29.24), e no Novo Testamento aparece também como submissão voluntária e recíproca (Lc 2.51; Cl 3.18). Submissão significa obediência.

Quem se humilha diante de Deus reconhece as suas debilidades e fraquezas e passa depender cada vez mais de Deus. Desse modo, o crente se achega a Deus e Deus se achega ao crente, que, sob os domínios do Espírito, passa a ter uma vida transformada; mãos limpas fala de purificação e santificação (Sl 24.4; 1 Pe 1.22). Os de "duplo ânimo", os crentes indecisos e divididos em suas decisões entre Deus e o mundo (Tg 1.8), reconhecem que não é possível servir a dois senhores (Mt 6.24). Lamentar as misérias e chorar, converter riso em pranto e gozo em tristeza, é reconhecer seus próprios pecados. E, nessa submissão e humildade, Deus exalta os fiéis (Tg 4.8-10). Obediência, portanto, pode ser definida como prova suprema da nossa fé em Deus e do nosso amor a ele.

CONTRA A MALEDICÊNCIA

O outro problema que precisa ser eliminado é a maledicência: "Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Aquele que fala mal dum irmão, ou julga a seu irmão, fala contra a Lei, e julga a Lei; mas se julgas a Lei, não és mais observador da Lei, mas juiz" (Tg 4.11). Essa exortação refere-se ao cuidado do crente com o uso da língua. Tiago reconhece a fragilidade humana e afirma que todos nós tropeçamos na palavra (Tg 3.1-12). A Bíblia diz que não há ser humano que não peque (1 Rs 8.46; Ec 7.20); esse

pensamento é ensinado no Novo Testamento (1 Jo 1.8-2.2). Mas o termo grego para "falar mal" é *katalaleo*, "falar mal de, falar contra, injuriar, caluniar"; não se trata de mera fofoca ou fuxico, mas de difamação. Esse verbo só aparece três vezes no Novo Testamento, e as outras duas vezes se referem às calúnias dos incrédulos contra a os crentes (1 Pe 2.2; 3.16). Trata-se de uma prática que em nada combina com a vida cristã.

Note que se fala com muita frequência entre as pessoas não evangélicas sobre os sete pecados capitais. O que isso significa? Foi um monge místico de vida austera, chamado Evágrio Pôntico (345-399), que criou um catálogo de oito pensamentos ruins, ou dos demônios: gula, luxúria, amor ao dinheiro, cólera, melancolia, acédia, vanglória e orgulho. Essa lista foi adaptada posteriormente pelo papa Gregório Margo (540-604), que substituiu acédia por preguiça, melancolia por inveja e vanglória por orgulho. Essa lista dos hoje conhecidos como sete pecados capitais é mais conhecida pelo público secular e pelos católicos. Não é uma lista bíblica, mas todos nós sabemos que cada vício ou pecado nela constante é de fato condenado nas Escrituras Sagradas. Evágrio e muitos outros antigos se dedicaram longamente à tática do combate contra a tentação: "O objetivo dessa lista é, não servir para o exame de consciência antes da confissão, como é o caso em geral na tradição ocidental, mas dar meios de combater espiritualmente cada um desses vícios" (WILLIAMS, 2004, p. 1369).

São informações adicionais para os irmãos que, com certeza, já ouviram falar dos "sete pecados capitais" e talvez não saibam o significado ou a origem disso. Nós temos o Espírito Santo que nos guia em todas as coisas (Jo 14.16, 17) e não necessitamos de tabelinhas para nos manter em comunhão com o Senhor Jesus.

O TRATO COM AS OUTRAS PESSOAS E A BATALHA ESPIRITUAL

A batalha espiritual é uma realidade. A luta de todo aquele que serve ao Senhor Deus é contra o pecado, que pode ser uma tentação do diabo ou da própria carne. Muitas vezes, o desafio surge no modo como tratamos os irmãos e as irmãs, daí a necessidade de prestar atenção para apresentar diante de Deus todas as coisas, inclusive nosso comportamento. A contenda entre irmãos, o mundanismo, a insubmissão a Deus e a maledicência são alguns aspectos que devem estar sob vigilância na batalha. Devemos, portanto, nos colocar na presença de Deus a fim de resistir a esses inimigos.

7

Quem domina a sua mente?

Jesus nos chama para amar o Senhor, nosso Deus, de todo o nosso coração, de todo o nosso entendimento e com toda a nossa força (Mc 12.33), ou seja, devemos servi-lo com tudo o que somos. Dessa forma, é pertinente entendermos de que forma nossa mente está relacionada à vida espiritual e ao comportamento humano como um todo. Valorizar o intelecto não é subestimar ou negar o relacionamento com Deus, que é sustentado pela oração, adoração e reflexão; pelo contrário, é entender melhor a complexidade do mundo e da experiência humana a fim de melhor servirmos ao Reino de Deus.

Por conta do pecado, há tendência de o ser humano ser conduzido pelos poderes malignos (Ef 6.10-13), condição que só pode ser alterada por Jesus Cristo, que nos leva das trevas para a luz (1 Pe 2.9). Os que vivem em Cristo têm sua mente reconciliada com Deus (Cl 2.2).

LENDO FILIPENSES 4.4-9

No pensamento paulino, o ser humano é composto por uma dimensão corpórea e uma incorpórea. É um ser com corpo (2 Co 4.10, 11; Cl 1.22), que raciocina e entende com a inteligência (1 Co 14.14-16) e com as emoções (Rm 12.15). As principais palavras empregadas pelo apóstolo para expressar essas funções são corpo (*soma*), carne (*sarx*), coração (*kardia*), espírito (*pneuma*), alma (*psyche*) e mente (*nous*). O objetivo não é explorar o uso de cada um desses termos por Paulo e suas implicações teológicas, mas simplesmente entender que esses elementos dependem uns dos outros para que o ser humano desempenhe suas atividades, desenvolva seu caráter e decida seu comportamento.

Na passagem de Filipenses 4.4-9, o apóstolo Paulo apresenta pontos importantes do comportamento cristão que deveriam ser trabalhados e desenvolvidos pelos filipenses. São abordadas tanto a vida devocional do crente quanto a sua ética. Depositar o intelecto em Cristo implica buscar a presença de Deus, desfrutar da paz divina, imitar e praticar ações que criam hábitos e formam caráter. Esses conselhos são úteis ainda hoje para nós, que vivemos numa sociedade cujos valores parecem exigir ações justas e tolerantes por parte de seus cidadãos.

Os crentes da igreja de Filipos viviam um momento de conflito pois suas crenças e práticas eram hostis aos costumes romanos. A cidade de Filipos era uma colônia romana com aproximadamente 10

mil habitantes, localizada na Macedônia. A influência romana se dava sobretudo pelas instituições, a influência religiosa principalmente por meio do culto ao imperador. A carta aos filipenses não menciona diretamente um problema da igreja (Fp 1.27-30), mas podemos notar que o apóstolo os encoraja a manter a alegria e a comunhão, mesmo num contexto de dificuldades, porque eles estão em Cristo.

Na passagem em questão, o apóstolo fala sobre alegrar-se (v. 4), viver bem em comunidade (v. 5) e seguir o que é excelente e louvável (v. 8). Esse padrão de vida era desejado por qualquer pessoa - judeu, romano e cristão; então, qual o diferencial que Paulo apresenta nessa passagem em relação ao que os filósofos e pensadores não faziam?

A alegria de que Paulo fala está no Senhor. O apóstolo enfatiza aos filipenses que eles se regozijem no Senhor (v. 4). No capítulo 1 de Filipenses, Paulo escreveu sobre sua alegria, mesmo estando encarcerado e sabendo dos pregadores mal-intencionados (1.18). No capítulo 3, Paulo desejava que os filipenses o imitassem e se alegrassem também, porque "a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador" (3.20b).

A alegria do cristão se mostra como a resposta ao reconhecimento da presença de Deus mesmo quando a situação é de sofrimento ou problema. Gordon Fee, em seu comentário sobre a carta aos Filipenses, explica que não se trata de uma alegria temporal, mas de uma alegria fundamentada no relacionamento da pessoa com Deus; é expressão da qualidade de uma profunda vida espiritual. A alegria de que Paulo fala, portanto, deve ser alvo do crente, algo que se deve buscar na presença do Senhor.

Em seguida, Paulo escreve sobre a tolerância que as pessoas precisam ter umas com as outras (v. 5). De difícil tradução, a ARC traduziu tolerância por "equidade"; a NAA, por "modera-

ção". Gordon Fee explica que o termo se refere ao modo gentil como Deus e os nobres tratam os outros. Segundo Paulo, vemos que o tratamento que se dá aos outros importa para Deus. No contexto social dos filipenses, em que a hostilidade religiosa era uma realidade, importava que os cristãos soubessem reagir às contrariedades, tratando as pessoas com gentileza.

Até então, aparecem duas expressões externas daqueles que estão em Cristo: a alegria e a moderação. A experiência incorpórea se mostra pelo agir do corpo, no modo como o cristão se comporta. O apóstolo Paulo recomenda que assim devem agir aqueles que servem ao Senhor, ou seja, alegrar-se e ser moderado resulta de um aprendizado da vida cristã. As pessoas de fora da igreja olhariam para os crentes filipenses e testemunhariam um comportamento que contrariava a circunstância de aflição.

"O Senhor está perto" (v. 5b). Essa expressão parece deslocada no meio da passagem, podendo estar relacionada aos que se alegram e tratam os outros com moderação, ou aos que estão preocupados. Assim, damos uma dupla leitura, podendo indicar tanto uma esperança escatológica, pois o apóstolo tem em vista o Dia de Cristo (1.6, 10; 3.20), quanto o tempo presente, pois o Senhor está perto daqueles que o invocam (Sl 145.18). Por meio da oração e da súplica (v. 6), Paulo explica que os filipenses podem levar tudo a Deus. Ou seja, a maneira de lidar com o sofrimento e dificuldades da vida é pelo relacionamento e pela conversa franca que se estabelece com Deus.

Para quem está em Cristo, não há motivo para preocupação. Craig Keener, em *A mente do Espírito*, ressalta que "a alternativa de Paulo para a preocupação não consiste em tentar ansiosamente suprimi-la, mas em reconhecer as necessidades diante de Deus e entregá-las a ele" (p. 312). Num mundo como o nosso, no qual muitas pessoas sofrem por ansiedade e o mercado rapidamente procura

ofertar produtos que atendam a demanda, serve para nós a recomendação do apóstolo Paulo dada aos filipenses para que o receio não seja ignorado, mas sim entregue ao Senhor por meio da oração.

A oração e a súplica, nessa passagem, revelam-se práticas que devem ser constantes na vida do cristão. O apóstolo Paulo acrescenta que são acompanhadas de ações de graças. A expressão de alegria acompanhada de oração aparece nos salmos; é exemplo de como essas práticas tomam forma no dia a dia (Sl 64.10; 68.3; 95.2; 96; 98.4). Além disso, ao mesmo tempo que nos dirigimos ao Senhor com os problemas, também agradecemos. Encontramos a oração dos momentos de sofrimento nos salmos de lamento (Sl 39, 42, 109, 142, etc.), em que lamentamos as tribulações não para reclamar da vida, mas para louvar a Deus pela sua grandeza e misericórdia, agradecendo de antemão pela resposta da súplica. Isso revela a confiança que temos no poder de Deus para intervir e cuidar de cada servo, e nos encoraja a passar pela situação difícil. Essa postura de entregar-se ao Senhor, portanto, é reconhecimento da soberania divina.

Com essa firme confiança em Deus, vem a paz. A paz de Deus na vida do cristão é o que guarda seu coração e sua mente (Fp 4.7). Enquanto o crente deve buscar a alegria e a moderação e dedicar-se à oração, a paz divina lhe é dada. A paz de Deus na Bíblia aparece no sentido de completude (1 Sm 25.6; Sl 122.6; Jr 29.7); não significa ausência de conflito. O apóstolo Paulo escreve sobre uma paz que ultrapassa a compreensão humana, é algo que somente Deus pode dar, é uma experiência íntima do cristão. Isso significa dizer que Deus cuida da pessoa por inteiro, pois é a paz divina que guarda o coração, de onde "procedem as fontes da vida" (Pv 4.23), e também a mente, que é a faculdade de processar o pensamento (2 Co 3.14; 4.4).

O sentido de "guardar" é militar. A mesma palavra aparece em

2 Coríntios 11.32, "manter guarda", e em Gálatas 3.23, "estar sob tutela". Tendo em vista a situação da cidade de Filipos, Gordon Fee aponta para o contraste entre a paz que provém de Deus e a força coerciva que guarda os cidadãos em nome da *pax romana*. Ou seja, o apóstolo Paulo está diferenciando o senhorio de Deus e o senhorio de César.

A maneira pela qual a paz de Deus acontece está no versículo 8. Ao entregar o intelecto e as emoções a Cristo, os hábitos e os pensamentos se voltam ao que é verdadeiro, honesto, justo, puro, amável e de boa fama. Primeiro, o apóstolo Paulo explica genericamente as virtudes que pertencem à linguagem moral do mundo greco-romano. As quatro virtudes cardeais descritas na *República*, de Platão (IV, 428-430, 433) são prudência/sabedoria, coragem, temperança e justiça. Os antigos já exortavam as pessoas a pensarem nas coisas boas. A virtude era entendida como a capacidade de realizar determinada tarefa, e era necessário tê-la para ser feliz e livre. Assim, a lista apresentada pelo apóstolo Paulo no versículo 8 chama atenção para o que é oferecido de bom na cultura dos filipenses.

No entanto, há uma diferença: os filipenses deveriam, primeiro, identificar as coisas que são verdadeiras, honestas, justas, puras, amáveis e de boa fama, para, então, entre estas coisas, pensar com cautela no que há virtude e no que há louvor[3]. Em seguida, o critério de avaliação é ter por referência a vida de Paulo (v. 9), aquilo que o apóstolo os ensina e a maneira como ele vive (Fp 1.3-5, 20, 27-30): "Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho" (Fp 1.21), ou seja, os filipenses deveriam imitar o apóstolo da mesma maneira que Paulo seguia a cruz de Cristo (Fp 3.17).

3 Pela estrutura da oração grega em que se usa a partícula ei, "se", as palavras "se há alguma virtude, e se há algum louvor" não resumem as virtudes anteriores, mas as qualificam.

Há interpretações distintas sobre o sentido do versículo 8. A leitura de Gordon Fee entende que Paulo escreveu que os filipenses deveriam absorver o que é bom, não importando o que fosse. Isso, no entanto, deveria acontecer de maneira discriminatória, fundamentada no evangelho que o apóstolo pregava e vivia. É o evangelho do Messias crucificado, cuja morte na cruz não só redime como também revela o caráter de Deus no qual as pessoas são transformadas continuamente.

A interpretação de Stephen Fowl ressalta o emprego dos adjetivos – verdadeiro, honesto, justo, puro, amável e de boa fama – a que tipo de pessoas, coisas e ações esses qualificativos são aplicados. As palavras podem ser usadas de maneiras inconciliáveis (1 Co 1.18-2.16); o que é puro para o não-crente pode não o ser para o crente. Por isso, o contraste de Paulo entre a cultura greco-romana e a da cruz é discernir pessoas, coisas ou ações que parecem ser favoráveis daquelas que realmente são. Assim, o que diferencia o crente do não-crente é o agir com sabedoria. O ensino do apóstolo, portanto, é que em Cristo a pessoa precisa ver além da aparência.

Em suma, para fazer a distinção dos valores, os filipenses precisavam de referenciais: experiência com Deus por meio da alegria (v. 4), moderação (v. 5), paz divina (v. 7), ensino e imitação de Paulo (v. 9). É Deus operando no ser humano completo por meio do Espírito Santo no funcionamento articulado do corpo, do intelecto e das emoções. Vivendo dessa maneira, um novo caráter se desenvolve; a pessoa não mais vive pela carne, mas sim pelo Espírito Santo (Fp 3.3), e a paz de Deus a acompanha.

Há diferenças que o apóstolo Paulo oferece na carta aos Filipenses em relação aos ensinos dos filósofos e dos pensadores. A alegria está no Senhor, não na autossuficiência. Lidar com os problemas é entregá-los a Deus pela oração e não por autocon-

trole. Em vez de um discurso filosófico sobre desenvolvimento de virtudes pessoais, o ensino de Paulo é para uma vida centrada em Cristo. Fowl aponta que se regozijar no Senhor (Fp 3.1; 4.4) reflete a comunhão da igreja de Filipos, o que a diferenciava dos vizinhos pagãos. Assim, a comunhão dos filipenses apresentava um corpo político alternativo, governado por um Senhor distinto.

A MENTE DE QUEM ESTÁ EM CRISTO

	Virtudes Desenvolvidas no Caráter dos que São Novas Criaturas			
	O amor é:	O fruto do Espírito é:	Pensar em tudo o que é:	Revestimento de:
Novo caráter	Sofredor; Benigno; Não é invejoso; Não trata com leviandade; Não se ensoberbece; Não se porta com indecência; Não busca os seus interesses; Não se irrita; Não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre; Tudo crê; Tudo espera; Tudo suporta; Nunca falha.	Amor, Gozo, Paz, Longanimidade, Benignidade, Bondade, Fé, Mansidão, Temperança.	Verdadeiro, Honesto, Justo, Puro, Amável, De boa fama.	Entranhas de misericórdia, Benignidade, Humildade, Mansidão, Longanimidade, Amor, Paz. Suporta um ao outro e perdoa um ao outro. Seja agradecido. Que a palavra de Cristo habite na pessoa abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-a e admoestando-a um ao outro com salmos, hinos e cânticos espirituais. Canta ao Senhor com graça no coração. Faz tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.
	1 Co 13.3-8	Gl 5.22,23	Fp 4.8	Cl 3.12-16

Estando em Cristo, a pessoa se torna nova criatura; há mudança de caráter. Esse é o pensamento paulino presente em diversas epístolas. Antes, a pessoa pensava de determinada forma e tinha um modo de agir; em Cristo, a transformação deve ser completa. Nos escritos paulinos, há uma descrição não-exaustiva de alguns elementos do comportamento da nova criatura. São instruções para ajudar na vida cristã.

Em Cristo, a pessoa completa – corpo, intelecto e emoções – deve estar voltada para viver conforme o propósito divino. Ter a nova identidade é revestir-se de Cristo, ou seja, aprender as virtudes do seu caráter. A santificação consiste, de acordo com a *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, na separação do pecado e dedicação a Deus. Assim, sendo nova criatura, esse processo de santificação envolve prática das virtudes, mudança de comportamento e desenvolvimento de novos hábitos.

Uma maneira de aprender é imitando exemplo de outras pessoas. O apóstolo Paulo recomenda que os filipenses imitem seu modo de viver (Fp 3.17), o que aparece também nas cartas aos coríntios (1 Co 4.16; 11.1) e aos tessalonicenses (1 Ts 1.6; 2.14; 2 Ts 3.7-9). A imitação era um exemplo moral no mundo antigo, como aparece em Sêneca na obra *Epistulae Morales ad Lucilium* (*Cartas morais a Lucílio*). O discípulo aprendia com os mestres, que já tinham mais experiência. Dessa forma, as instruções do mestre Paulo para fazer como ele, seguindo a cruz, seriam para a formação dos discípulos que iniciam a vida em Cristo.

Servir aos outros e não somente a si próprio é uma característica que deve ser desenvolvida na vida daquele que serve a Deus. Jesus Cristo é o modelo essencial, "que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus" (Fp 2.6). Keener aponta que pensar como Cristo (1.7; 2.2, 5; 3.15, 19; 4.2, 10) era apelo à

unidade e comunhão, assunto comum no Mediterrâneo por conta das divisões. A preocupação deveria ser servir aos outros e não ocupar uma posição. Além de Paulo (Fp 2.17; 4.9), Timóteo (Fp 2.19-22) e Epafrodito (Fp 2.25-30) são outros nomes mencionados como modelos a serem imitados pela postura de servos.

Além da imitação, a prática também é uma maneira de desenvolver o novo caráter (Fp 1.9, 25). A alegria é uma virtude explorada na carta aos filipenses, virtude que é fundamentada no Senhor. Tendo em vista o futuro glorioso com Cristo e a presente intervenção divina que dá esperança em meio à tribulação, os filipenses deveriam praticar a alegria. Fowl explica que a alegria "é resultado da formação disciplinar da maneira de pensar e agir no mundo [...] é o sinal de que os filipenses estão sendo formados na maneira que Paulo defende" (p. 181). A tolerância com todas as pessoas também é uma qualidade a ser trabalhada. James Smith, em *Você é aquilo que ama*, mostra que a virtude não se adquire pelo intelecto, mas pelo afeto. "O ensino da virtude é um tipo de formação, uma reciclagem de nossas disposições" (p. 39). Assim, é importante que as práticas se tornem hábitos. Os filipenses, então, deveriam voltar suas disposições ao regozijo e à gentileza, para que eventualmente elas moldassem o caráter e formassem a nova identidade.

A formação da vida cristã vista desse contexto aponta para o desenvolvimento de um estilo de vida baseado na maneira de analisar e decidir pelas coisas excelentes que levam ao caminho da salvação em Jesus Cristo. A maneira como o crente se comporta e trata as pessoas irradia de diversas maneiras no mundo ao seu redor, dando oportunidade para que a redenção aconteça. Em primeiro lugar, há um ganho individual que é o amadurecimento espiritual, por conhecer cada vez mais a Deus por meio das

experiências. Em segundo, a Igreja como um todo se enriquece com a comunhão daqueles que se dedicam a servir a Deus e aos outros. Isso é o testemunho de Cristo, é o evangelho proclamado para alcançar aqueles que ainda não receberam a salvação.

O USO DO INTELECTO E A BATALHA ESPIRITUAL

A batalha espiritual é o ataque do inimigo contra os crentes, por isso a defensiva deve estar preparada. Como novas criaturas que se dedicam à santificação e têm sua identidade moldada pela prática das virtudes, aqueles que estão em Cristo se aperfeiçoam a cada dia em conhecimento intelectual, emocional e espiritual contra as adversidades. Na passagem de Filipenses 4.4-9, vemos que para a vida cristã é significante praticar a alegria e a moderação, orar, agradecer e refletir cuidadosamente sobre as virtudes. Portanto, a redenção da cruz redime o ser humano do pecado e garante que a transformação do seu caráter aconteça continuamente. O resultado é experimentar a paz de Deus e a comunhão uns com os outros.

Num mundo em que a batalha espiritual é reconhecida pelo medo e pela ansiedade que as pessoas sentem, a mensagem de Paulo aos filipenses se torna necessária e eficaz. A paz que só o Senhor pode oferecer acompanha a mente santificada para não cair nas armadilhas da insegurança.

8

Tentação

A batalha por nossas escolhas e atitudes

É importante que todos os crentes em Jesus saibam que Deus permite, às vezes, que sejamos tentados para que o seu nome seja glorificado e Satanás derrotado. Não é pecado ser tentado; até o nosso Senhor Jesus Cristo foi tentado (Hb 4.15). É pecado, sim, ceder à tentação. Por mais contraditório que pareça, a tentação é para o nosso próprio bem: "Bem-aventurado o varão que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam" (Tg 1.12). Dessa forma, é preciso estarmos preparados para reconhecermos as situações em que somos tentados e resistirmos.

A tentação de Jesus no limiar de seu ministério terreno era o prenúncio da completa derrota final de Satanás e serve-nos de lição sobre como lidar com casos de tentação no dia a dia. A voz que veio do céu por ocasião do batismo de Jesus no rio Jordão, "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.17), parece ter deixado Satanás assustado, visto que se tratava daquele que veio para amarrar "o valente" e saquear "a sua casa" (Mt 12.29). Deus expulsou Satanás do céu, mas Jesus veio para expulsá-lo da terra (Jo 12.31).

TENTAÇÃO

O termo hebraico *massá*, "tentação, provação", é um substantivo feminino e ao mesmo tempo o nome do lugar onde houve a rebelião dos israelitas contra Moisés e contra Deus: "E chamou o nome daquele lugar Massá e Meribá, por causa da contenda dos filhos de Israel, e porque tentaram ao SENHOR, dizendo: Está o SENHOR no meio de nós, ou não?" (Êx 17.7); "Também em Taberá, e em Massá, e em Quibrote-Hataavá provocastes muito a ira do SENHOR" (Dt 9.22); "E de Levi disse: Teu Tumim e teu Urim são para o teu amado, que tu provaste, em Massá, com quem contendeste nas águas de Meribá" (Dt 33.8). Apesar de ser um substantivo, aparece com certa frequência em nossas versões como verbo: "ou se já houve algum deus que tentou tomar para si um povo" (Dt 4.34, NAA); "Não tentareis o SENHOR, vosso Deus, como o tentastes em Massá" (Dt 6.16). Nas demais passagens, massa é traduzido como substantivo: "das grandes provas que viram os teus olhos, e dos sinais, e maravilhas, e mão forte, e braço estendido, com que o SENHOR, teu Deus, te tirou; assim fará o SENHOR, teu Deus, com todos os povos, diante dos quais

tu temes" (Dt 7.19); "as grandes provas que os teus olhos têm visto, aqueles sinais e grandes maravilhas" (Dt 29.3); "Matando o açoite de repente, então, se ri da prova dos inocentes" (Jó 9.23). A *Septuaginta* traduziu *massá* por *peirasmós*, "tentação", a mesma palavra usada com frequência no Novo Testamento como em: "E não nos induzas à tentação" (Mt 6.13).

O *nissá*, de *nassá*, "testar, provar, tentar", que às vezes vem junto com *massá*, tem o sentido de teste como na passagem do sacrifício de Isaque: "E aconteceu, depois destas coisas, que tentou Deus a Abraão" (Gn 22.1); "Depois dessas coisas, pôs Deus Abraão à prova" (ARA, NAA); "Depois disto experimentou Deus a Abraão" (TB); e na visita da rainha de Sabá a Salomão (1 Rs 10.1). Esse teste tem por finalidade revelar ou desenvolver o nosso caráter (Êx 20.20; Jo 6.6). Muitas vezes, o sentido desse verbo é de experimento, até mesmo no campo científico. A *Septuaginta* traduziu *nissá* pelo verbo grego *peirázo*, "testar, experimentar, tentar, pôr à prova", usado também no Novo Testamento (At 16.7; 24.6; Ap 2.2); e por *ekpeirázo*, "provar, por à prova, testar, tentar", quatro vezes:

> "Não tentareis o SENHOR, vosso Deus, como o tentastes em Massá" (Dt 6.16);

> "E te lembrarás de todo o caminho pelo qual o SENHOR, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te tentar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias os seus mandamentos ou não... que no deserto te sustentou com maná, que teus pais não conheceram; para te humilhar, e para te provar, e para, no teu fim, te fazer bem" (Dt 8.2, 16);

> "E tentaram a Deus no seu coração, pedindo carne para satisfazerem o seu apetite" (Sl 78.18 [77.18 LXX]).

Esse mesmo verbo *ekpeirázo* aparece também quatro vezes no Novo Testamento, na resposta de Jesus a Satanás: "Não tentarás o Senhor, teu Deus" (Mt 4.7; Lc 4.12), uma citação em Deuteronômio 6.16; a terceira vez com o sentido de teste, por à prova (Lc 10.25), e a última vez quando o apóstolo Paulo chama a atenção dos crentes para não tentar a Cristo, citando a passagem de Refidim, de "Massá e Meribá" (Êx 17.1-7; 1 Co 10.9).

A TENTAÇÃO DE JESUS

Como Jesus, sendo Deus em toda a sua plenitude, da mesma substância do Pai e membro da Trindade juntamente com o Espírito Santo, pôde ser tentado? "Porque Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta" (Tg 1.13). Sim, é possível; veja o por quê. A Bíblia ensina que Deus é perfeito; sendo, pois, o Filho Deus igual ao Pai e da mesma natureza, Jesus não precisava aumentar ou diminuir seus conhecimentos. Nada teria para aprender e não haveria como melhorar ou piorar seu comportamento. Porém, a Palavra de Deus revela que o Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro Deus e o verdadeiro homem (Jo 1.1, 14; Rm 1.3, 4; 9.5). As Escrituras Sagradas apresentam diversas características humanas em Jesus; por exemplo, o relato sagrado de sua infância enfoca o seu desenvolvimento físico, intelectual e espiritual: "E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens... E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (Lc 2.40, 52). O profeta Isaías anunciou de antemão que Emanuel "manteiga e mel comerá, até

que ele saiba rejeitar o mal e escolher o bem" (Is 7.15). A infância de Jesus é uma amostra clara da natureza humana de Cristo.

"Porque há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Tm 2.5). Jesus Cristo é o eterno e verdadeiro Deus e ao mesmo tempo o verdadeiro homem. Tornou-se homem para suprir a necessidade da humanidade. O termo "Emanuel", que o próprio escritor sagrado traduziu por "DEUS CONOSCO" (Mt 1.23) mostra que Deus assumiu a forma humana e veio habitar entre os homens: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14). O ensino da humanidade de Cristo, no entanto, não neutraliza a sua divindade, pois ele possui duas naturezas: a humana e a divina, o que está claramente expresso no seu nome EMANUEL.

Jesus foi revestido do corpo humano porque o pecado entrou no mundo por um homem, e pela justiça de Deus tinha de ser vencido por um ser humano. A Bíblia ensina que o pecado entrou no mundo por Adão (Rm 5.12, 18, 19). Jesus se fez carne, tornou-se homem sujeito ao pecado, embora nunca houvesse pecado, e venceu o pecado como homem (Rm 8.3). A Bíblia mostra que todo o gênero humano está condenado; que o homem está perdido e debaixo da maldição do pecado (Sl 14.2-3; Rm 3.23). Todos são devedores, por isso ninguém pode pagar a dívida do outro. A Bíblia afirma que somente Deus pode salvar (Is 43.11). Então, esse mesmo Deus tornou-se homem, trazendo-nos o perdão de nossos pecados e cumprindo ele mesmo a lei que Moisés promulgou no Sinai (At 4.12; 1 Tm 3.16; Cl 2.14). Quando Jesus estava na terra, ele não se apegou às prerrogativas da divindade para vencer o diabo, mas aniquilou a si mesmo, fazendo-se semelhante aos homens (Fp 2.5-8). Como homem, tinha certa limitação quanto ao

tempo e ao espaço e, portanto, era submisso ao Pai. Eis a razão de ele ter dito em João 14.28: "O Pai é maior do que eu".

Os evangelhos revelam atributos característicos do ser humano em Jesus, como por exemplo:

JESUS

- Nasceu de uma mulher, embora tivesse sido gerado pela ação sobrenatural do Espírito Santo. Seu nascimento, contudo, foi normal e comum, como o de qualquer ser humano (Lc 2.6-7).
- Cresceu em estatura e em sabedoria (Lc 2.52).
- Sentiu sono, fome, sede e cansaço (Mt 8.24; Jo 4.6; 19.28).
- Sofreu, chorou e sentiu angústia (Hb 13.12; Lc 19.41; Mt 26.37).
- Teve mãe humana, além de irmãos e irmãs (Mt 12.47; 13.55-56).
- Morreu, embora tenha ressuscitado ao terceiro dia, passando pelo ardor da morte (1 Co 15.3-4).
- Deu provas materiais de ter corpo humano (1 Jo 1.1; Lc 24.39-41).
- Foi feito semelhante aos homens, mas sem pecado (Hb 2.17; 4.15).

Assim como é pecado negar a humanidade de Cristo (1 Jo 4.2-3; 2 Jo 7), é pecado também negar a sua divindade, pois Jesus é tanto humano como divino. Como homem, sentiu as dores do ser humano; e, como Deus, supriu a necessidade da humanidade. Foi nessa condição humana que Jesus foi tentado por Satanás no deserto logo no início do seu ministério terreno como registrado nos evangelhos sinóticos (Mt 4.1-11; Mc 1.12, 13; Lc 4.1-13). No entanto, a tentação de Jesus não se restringiu apenas aos 40

dias do deserto, mas permaneceu durante toda a sua carreira ministerial (Lc 22.28; Hb 4.15). Essa tentação é o primeiro acontecimento registrado de sua história depois do batismo por João Batista no rio Jordão.

A PEREGRINAÇÃO DE ISRAEL NO DESERTO E A TENTAÇÃO DE JESUS

Há certo paralelismo entre esses dois acontecimentos: quarenta anos de peregrinação, quarenta dias de tentação; quarenta dias e quarenta noites de jejum, Moisés e Jesus; quarenta anos Israel foi tentado no deserto, Jesus foi tentado durante quarenta dias no deserto. Deus guiou o seu povo no deserto para colocá-lo à prova (Dt 8.2), e o Senhor Jesus "foi levado pelo Espírito ao deserto" (Lc 4.1); "Então, foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo" (Mt 4.1).

O deserto é uma das características mais emblemáticas da Terra Santa; é um lugar de perigo com risco de ataques de nômades piratas ou ladrões, serpentes e escorpiões, falta de água, comida, com chances de perder-se e ficar desorientado, entre outros. No entanto, é no deserto que os seres humanos percebem a grandeza de Deus e a fragilidade humana; é um lugar de profundo silêncio para meditação e oração, onde há vastidão de espaço para ouvir a voz de Deus. Burge, especialista em Oriente Médio, na sua obra *A Bíblia e a terra*, descreve: "O deserto é um símbolo teológico para luta e privação. Para sofrimento e perda. Vulnerabilidade e desamparo. Deslocamento e confusão. Mas também é o local espiritual onde o renovo acontece e o homem, *em meio à crise*, descobre algo sobre Deus, que antes não conhecia" (p. 46) – o grifo não é nosso. Diante do conhecimento

geográfico, então, entendemos que grandes homens de Deus no Antigo e no Novo Testamento, como Moisés (At 7.30-33), Elias (1 Rs 19.4-10) e João Batista (Lc 1.80; 3.2), foram transformados e preparados para o serviço sagrado no deserto.

Os evangelhos não nos informam o local exato em que Jesus suportou os quarenta dias de jejum e tentações. Mas há concordância entre muitos estudiosos de que se trata de uma parte despovoada da Judeia, onde João Batista iniciou o seu ministério. A tradição posterior indica o monte da Quarentena a oeste de Jericó, onde foi construída na encosta da montanha uma igreja no século 6.

Segundo a narrativa de Mateus, Jesus jejuou "quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome". Moisés também jejuou quarenta dias e quarenta noites quando recebeu as tábuas da lei no monte Sinai: "E esteve Moisés ali com o SENHOR quarenta dias e quarenta noites; não comeu pão, nem bebeu água, e escreveu nas tábuas as palavras do concerto, os dez mandamentos" (Êx 34.28). Moisés reiterou essa experiência posteriormente (Dt 9.9). Há algo similar na tentação de Jesus. Talvez a intenção do Espírito Santo seja apresentar Jesus como um novo Moisés, o novo legislador, pois o próprio Senhor Jesus se apresentou com tal autoridade no pronunciamento do Sermão do Monte com a expressão "ouvistes que foi dito aos antigos", ou fraseologia similar, "eu porém vos digo" (Mt 5.21, 22, 27, 28, 31-34, 38, 39, 43, 44). Depois de Moisés, somente o profeta Elias e o Senhor Jesus tiveram experiência semelhante de um jejum quarenta dias (1 Rs 19.8; Mt 4.2). São três situações específicas que não devem ser tomadas como doutrina da Igreja. Nem mesmo Saulo de Tarso praticou um jejum de quarenta dias no início de sua caminhada com Cristo; ele jejuou apenas três dias e três noites: "E esteve três dias sem ver, e não comeu, nem bebeu" (At 9.9).

Elias, o segundo Moisés, esteve quarenta dias sem comer (1 Rs 19.8), e da mesma maneira o Senhor Jesus, o Moisés Maior, esteve quarenta dias e quarenta noites sem comer (Mt 4.2). Lucas afirma que Jesus, "naqueles dias, não comeu coisa alguma, e, terminados eles, teve fome" (Lc 4.2). O verbo grego, *nesteuou*, "jejuar", significa literalmente "abster-se de alimento" Nenhum desses evangelistas fala sobre sede ou água. Parece que Jesus se absteve totalmente quarenta dias e quarenta noites de alimento, e não de água (Lc 4.2).

Apesar de o jejum ser uma prática salutar na vida cristã até os dias atuais, ninguém deve exagerar e querer imitar a Moisés em um jejum desse tipo, durante quarenta dias e quarenta noites. Isso aconteceu só duas vezes com Moisés e ninguém mais; foi algo inédito. Portanto, não deve ser estabelecido como doutrina (Êx 34.28; Dt 9.9, 18). Esse esclarecimento é importante porque sempre aparecem os exibicionistas dizendo jejuar ou estar jejuando quarentas dias. Na verdade, jejum é abster-se de alimento; essa gente se abstém de sólido, mas se alimenta de *milk-shake*, vitamina, e chama isso de jejum, que na verdade não passa de uma dieta. O jejum absoluto é abstenção de alimento, seja ele sólido, líquido ou cremoso; o jejum parcial é aquele em que o crente se abstém só de alimento, ingerindo água, aos poucos, e somente água, água pura, sem chá, sem suco, sem vitamina, sem *milk-shake*.

A TRÍPLICE TENTAÇÃO

Nada há no relato da tentação de Jesus no deserto que possa sustentar uma interpretação subjetiva, simbólica ou visionária. A maioria dos expositores bíblicos reconhece os relatos como descrição de fatos externos reais, o diálogo como pessoal: "Alguns

estudiosos comparam o debate intelectual entre Jesus e o diabo à forma dos debates rabínicos" (KEENER, 2017, p. 53, 54). As possíveis dificuldades do texto sagrado estão em como "o diabo o transportou à Cidade Santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo" (Mt 4.5); e em como o diabo teria transportado Jesus a um monte muito alto e "e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles" (Mt 4.8). Não se sabe como esses deslocamentos ou movimentações ocorreram, nem detalhes de como Satanás se apresentou a Jesus, mas se sabe que ele se apresenta de diversas maneiras, em forma de serpente, como aconteceu no Éden (Gn 3.1-5; Ap 12.9), ou até mesmo como um anjo de luz (2 Co 11.14). De qualquer modo, a formulação: "Então, o tentador, aproximando-se" (Mt 4.3, ARA) é um estilo que expressa nitidamente que o diabo se aproximou de Jesus como personagem físico. Além disso, a teologia rabínica ensinava que os espíritos, ao se mostrarem às pessoas, faziam-no em figura humana. A linguagem: "Então o diabo o transportou à Cidade Santa" parece confirmar esse pensamento rabínico.

Mateus e Lucas registraram as três últimas investidas de Satanás contra Jesus, e elas foram o ápice dessas tentações. Na verdade, Jesus foi tentado em todos os quarenta dias: "Imediatamente o Espírito o impeliu para o deserto. Ali ficou quarenta dias tentado por Satanás" (Mc 1.12, 13, TB); "quarenta dias foi tentado pelo diabo" (Lc 4.2). E continuou sendo tentado durante todo o tempo de seu ministério (Lc 22.28; Hb 4.15).

O relato de Mateus apresenta as três tentações na ordem cronológica, como de fato aconteceu, segundo a opinião da maioria dos expositores bíblicos, diferentemente de Lucas, que inverte a ordem entre a segunda e a terceira tentações, isso em relação a Mateus. A tentação no pináculo do templo é posterior à do "mon-

te muito alto" em Lucas (Lc 4.5, 9). O pináculo era o lugar mais alto do complexo do segundo templo. O termo grego é *pterygion*, que significa "pequena asa" e designa a ponta ou extremidade de alguma coisa, que a Vulgata Latina traduziu por *pinnaculum*. Estudos em Josefo e na *Mishná* indicam a extremidade sudeste da área do templo com vista para o vale de Cedrom.

A sequência do relato de Mateus é a seguinte: 1) "Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães" (Mt 4.3); 2) "o diabo o transportou à Cidade Santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo [...]" (Mt 4.5, 6); 3) "Novamente, o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles" (Mt 4.8).

O inimigo de nossa alma é identificado na presente narrativa da tentação no deserto por três nomes: o diabo, o tentador e Satanás (Mt 4.1, 3, 10). A primeira tentação tinha como um dos objetivos levar Jesus a se desviar do programa divino. O Filho aceitou a condição humana de completa obediência ao Pai, por isso cabia a Jesus cumprir o dever de confiar em Deus para o seu sustento. Como ser humano, o Senhor precisava confiar na providência divina; do contrário, seria diferente dos humanos. O poder de Jesus para operar milagres não era para benefício próprio; era para servir aos outros, não a si mesmo. Ele nunca fez uso pessoal de seus poderes: "Salvou os outros e a si mesmo não pode salvar-se" (Mt 27.42); "Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo" (Mc 15.31). De modo que transformar pedras em pães significava ser Jesus a sua própria providência e subverter a ordem natural do programa divino. Uma vez que nós, seres humanos, precisamos confiar na providência divina, nesse caso o Senhor se tornaria diferente dos humanos.

Satanás sabia que Jesus era o Filho de Deus; sem dúvida alguma ele ouviu com a multidão o testemunho do Pai: "E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.17). Mas, nesse caso, Satanás se aproveita da fragilidade física proveniente da fome para desafiar Jesus a provar a sua filiação divina operando um majestoso milagre de transformar pedras em pães. O Senhor Jesus não precisava provar nada para o diabo, mas o derrotou pelo poder da Palavra de Deus, ao responder: "Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4.4). Essas palavras são tiradas do Antigo Testamento, de uma tentação de Israel no deserto: "E te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram, para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas que de tudo o que sai da boca do SENHOR viverá o homem" (Dt 8.3). A resposta de Jesus deixou o diabo completamente desarticulado nos seus argumentos. Tendo sido vencido, Satanás tenta um segundo *round*.

Na segunda tentação, o diabo ainda se apega à questão da filiação divina e, visto ter sido derrotado pelo poder da Palavra de Deus, ele agora citada de maneira truncada as Escrituras: "Então o diabo o transportou à Cidade Santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito, e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra" (Mt 4.5, 6). O diabo cita Salmos 91.11, 12, mas o faz fora do contexto. A proposta apresentada por ele é substituir a fé pela presunção. O diabo tentou persuadir Jesus a cometer um ato de vaidade como demonstração pública de que era enviado por Deus. Mas a resposta de Jesus mostra que o diabo está tentando

Jesus a fazer exatamente o que os israelitas fizeram em Massá, quando se rebelaram contra Moisés e contra Deus (Êx 17.7). É emblemático que o Senhor Jesus tenha respondido usando as palavras do próprio contexto da rebelião do deserto: "Não tentareis o SENHOR, vosso Deus, como o tentastes em Massá" (Dt 6.16); "Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus" (Mt 4.7).

A terceira e última dessas três investidas satânicas é descrita em Lucas com algumas informações adicionais e algumas omissões em relação ao relato de Mateus: "E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe, num momento de tempo, todos os reinos do mundo. E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero. Portanto, se tu me adorares, tudo será teu" (Lc 4.5-7). Em Lucas essa é a segunda tentação; diferentemente de Mateus, Lucas não segue a ordem cronológica. Lucas diz que o diabo mostrou a Jesus todos os reinos do mundo "num momento de tempo", expressão que parece apoiar a ideia de uma "visão". Não se sabe como isso aconteceu; o certo é que do alto da montanha podia ver os antigos territórios ocupados pelo Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. O diabo diz a Jesus que a autoridade sobre os reinos do mundo lhe foi entregue, bem como o poder de dá-los a quem quiser. Portanto, ele ofereceu tudo isso a Jesus pelo preço de uma só adoração.

Teria Satanás o controle do mundo a ponto de oferecê-lo a quem desejasse? Sabe-se que ele é o "pai da mentira" (Jo 8.44). A fé cristã repousa sobre a convicção de que a autoridade sobre o mundo pertence, em última análise, a Deus. Mas ele pode permitir que outro a exerça de forma passageira e limitada, e é dessa forma que Satanás aparece como "o príncipe deste mundo" (Jo 12.31);

"o deus deste século" (2 Co 4.4); "o príncipe das potestades do ar" (Ef 2.2); "os príncipes das trevas deste século, [...] as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12). Tudo isso que o diabo oferece a Jesus em troca de uma adoração, Deus, o Pai, já havia oferecido ao Filho definitivamente e para sempre (Sl 2.8). Mais uma vez, Jesus derrota Satanás pelo poder da Palavra de Deus: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás" (Mt 4.10), uma citação da lei de Moisés (Dt 6.13). O diabo usou todos os seus recursos para desviar o Senhor Jesus de sua missão. Adão fracassou no Éden, Israel fracassou no deserto, mas Jesus venceu!

VENCENDO AS TENTAÇÕES

Quando for o momento da batalha espiritual, em que percebemos algo atacando o trabalhar de Deus na nossa vida, lembrar o episódio da tentação de Jesus no deserto é encorajador. A história demonstra que Jesus entende o que nós passamos quando somos tentados porque ele enfrentou as mesmas tentações para pecar que vivenciamos todos os dias. O Senhor Jesus resistiu à tentação, e por isso podemos contar com sua ajuda para agirmos da mesma forma, "porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados" (Hb 2.18). As perguntas que Satanás faz a Jesus envolvem devoção a Deus. Isso nos leva a analisar qual nosso comprometimento com o Senhor e qual o fundamento da nossa fé, se é a comida física ou a Palavra de Deus. É o indicativo de estarmos ou não preparados para enfrentar os ataques malignos.

É possível preparar-nos para lidar com as tentações do dia a dia, estabelecendo algumas maneiras de responder quando o

pecado se apresentar. O texto de Provérbios 4.14, 15 nos alerta para não seguirmos o caminho dos maus, não os tomarmos como exemplo de vida e nos desviarmos da comunhão com ele. O apóstolo Paulo recomenda em suas cartas que os irmãos e as irmãs fujam da tentação (1 Co 6.18; 10.14; 1 Tm 6.9-11), e Tiago aconselha que se resista ao diabo (Tg 4.7). Além disso, como servos de Cristo, somos instrumentos para ajudar as outras pessoas a vencerem a tentação. Nosso papel é encorajá-las na sua jornada com Cristo e não as induzir ao caminho mau.

9

Conhecendo a armadura de Deus

O apóstolo Paulo usa linguagem metafórica quando orienta a Igreja na defesa da fé cristã. Antes, ele revela a existência de um poder do mal que se opõe a Deus e ao seu povo, ao qual os crentes em Jesus combatem continuamente, e isso já foi visto e estudado no capítulo 2 deste livro. Os escritores bíblicos, profetas e apóstolos empregam as experiências diárias do povo nos seus discursos e ensinos como ilustrações. Visto que a economia nos tempos bíblicos se baseava principalmente na agricultura, na pecuária e na pescaria, eram essas atividades os recursos empregados no texto bíblico, que tornam o ensino e as pregações pitorescos e facilitam a compreensão da mensagem.

É usando o contexto militar romano que o apóstolo Paulo fala sobre o combate espiritual e por isso está presente a figura do exército, da guerra e da armadura, em uma linguagem metafórica para que os crentes compreendessem com clareza a realidade da peleja.

ELEMENTOS USADOS NAS ILUSTRAÇÕES

O profeta Jeremias emprega fatos da sua vida pessoal para ilustrar a então situação de Judá, como o relato do cinto de linho, a visita à casa do oleiro e a canga de madeira sobre o pescoço. Há também ilustrações que não parecem tão claras para o nosso tempo, mas faziam sentido para os primeiros leitores, como veremos mais adiante.

Na ilustração do cinto narrada em Jeremias 13.1-11, Deus ordenou que o profeta Jeremias comprasse um cinto e colocasse na cintura, sem que o objeto encostasse na água. O cinto é uma peça de roupa íntima, e isso mostra os bons tempos em que os filhos de Israel viviam na presença de Deus. Jeremias obedeceu à ordem divina, mas depois lhe veio uma palavra de Deus mandando-o esconder o cinto numa fenda da rocha na região do rio Eufrates, na Mesopotâmia, por tempo suficiente até o cinto apodrecer. Como o cinto apodrecido para nada presta, assim a orgulhosa Judá, que resistia à palavra de Deus, deveria experimentar a humilhação e a ruína, recebendo o justo castigo por sua idolatria. A vontade divina era que o seu povo estivesse ligado a ele assim como o cinto está ligado ao ser humano: "Porque, como o cinto está ligado aos lombos do homem, assim eu liguei a mim toda a casa de Israel e toda a casa de Judá, diz o SENHOR, para me serem por povo, e por nome, e por louvor, e por glória; mas não

deram ouvidos" (Jr 13.11). Esse discurso emprega elementos de conhecimento geral de toda a população e uma linguagem que todos podiam compreender.

A visita à casa do oleiro (Jr 18.1-6) é uma passagem literal, e não meramente uma parábola, mas nada impede de identificarmos a presente seção como tal, pois a parábola pode ser uma ilustração real ou imaginária. O ofício do oleiro era muito comum no Antigo Oriente Médio, de modo que a lição transmitida nessa ilustração estava ao alcance de todos. Jeremias, como qualquer pessoa de sua geração, conhecia essa ocupação; assim não havia novidade alguma na produção dessa cerâmica. Ele devia ter visto o oleiro trabalhando diversas vezes, mas Deus o enviou à sua casa, pois Jeremias precisava estar no lugar certo para receber a mensagem divina.

A ilustração da canga de madeira está registrada em Jeremias 27.2-5: "Assim me disse o SENHOR: Faze umas prisões e jugos e pô-los-ás sobre o teu pescoço" (v. 2). Eram duas peças de madeira presas com pedaços de couro, conhecidas como canzis ou cangas, usadas para os bois puxarem carros. O profeta deveria usá-las como ato simbólico para ilustrar o jugo da Babilônia sobre as nações. Assim como o boi é dominado pelo jugo, as nações deviam sujeitar-se ao domínio dos caldeus. Seria inútil tentar livrar-se do tacão de Nabucodonosor. O emprego de figuras e símbolos é importante porque chama a atenção, e as pessoas dificilmente se esquecem deles.

O profeta Oseias em seu discurso profético apresenta inúmeras ilustrações e faz uso de linguagem metafórica de fácil compreensão na cultura daquela geração, mas que não são claras para o leitor da atualidade. Veja o seguinte exemplo: "Todos eles são adúlteros: semelhantes são ao forno aceso pelo padeiro, que

cessa de atear o fogo, desde que amassou a massa até que seja levedada" (Os 7.4). O que isso quer dizer?

O profeta mostra o retrato da lascívia e da sensualidade do povo e das autoridades civis e religiosas. O adultério aqui não é apenas físico, mas diz também respeito à infidelidade a Javé, à apostasia religiosa generalizada. O rei Jeroboão I, filho de Nebate, introduziu o fermento, o culto do bezerro (1 Rs 12.28-31), para levedar a massa, e esperou o fogo aquecer até toda a massa ficar levedada. O fogo se espalhou rapidamente de modo que todo o Israel estava contaminado pela prostituição física e espiritual, pela sensualidade e lascívia, pela idolatria e apostasia. A comparação do forno mostra que ardia neles o desejo intenso de praticar coisas pecaminosas, o culto idolátrico. Depois dessas orgias, da cobiça e da multidão dos pecados, vem a ressaca. Logo que o povo se recupera dela, torna a praticar as mesmas coisas. O profeta afirma que, como o padeiro que cessa de atear fogo até que a massa fique levedada, da mesma forma o povo descansa temporariamente até de novo ser vencido pelo poder do mal, até chegar à levedura.

Segue mais um exemplo de Oseias: "Dores de mulher de parto lhe virão; ele é um filho insensato, porque é tempo, e não está no lugar em que deve vir à luz" (Os 13.13). Em muitos lugares na Bíblia, a figura da mulher representa Israel e também a igreja. A expressão *dores de mulher de parto* sempre é usada com frequência na Bíblia para indicar sofrimento decorrente do juízo divino (Is 13.8; 21.3; Jr 4.31; 13.21; 49.24; Mq 4.9). O profeta está ilustrando o sofrimento de Israel com o castigo divino com o sofrimento da mulher no parto. Essa parte do versículo é compreensível hoje.

Mas a segunda parte diz: "ele é um filho insensato, porque é tempo, e não está no lugar em que deve vir à luz". O que isso

quer dizer? Que Israel é como um bebê que na agonia do parto não se esforça para nascer. Oseias apresenta Israel como esposa infiel e também como filho. Esse filho aqui é insensato porque não se esforça para nascer no ponto crítico em que a mulher deve dar à luz. Não nascendo, morre a mãe e morre também o filho. A mulher não pode dar à luz nem o filho faz a sua parte. Ambos morrem. Isso significa que, para Israel viver, necessita de novo nascimento, mas Efraim, nome alternativo de Israel usado com frequência em Oseias, recusou-se a fazê-lo.

PARTINDO DO GENÉRICO PARA O ESPECÍFICO

Antes de falar sobre a armadura de Deus, é importante analisar a guerra nos tempos bíblicos. Não há necessidade de explicar aqui os horrores indescritíveis da guerra; trata-se de um dos maiores desastres humanitários. Mas ela existe desde a antiguidade e ainda aflige grande parcela da humanidade. Ela aparece nas páginas do Antigo Testamento, mas sua legitimidade depende de sua motivação. A lei prescreve normas para a guerra no capítulo 20 de Deuteronômio. O Novo Testamento não trata do assunto, pois parece manter certo distanciamento em relação ao Estado e suas instituições. O Senhor Jesus faz menção da guerra na parábola sobre o planejamento, quando cita o rei que guerreou com outra nação (Lc 14.31, 32).

Havia na guerra entre os antigos hebreus um caráter religioso. "Preparem as nações para lutarem contra ela" (Jr 51.27, NAA); "Preparem as nações para o combate contra ela" (NVI). O verbo hebraico usado para "preparar" é *qadash*, "santificar", que transmite a ideia básica de "separar, retirar do uso comum" (Lv 10.10). A ARC emprega "santificai as nações" e a ARA, "consagrai

as nações". Preparar para a guerra era o mesmo que santificar (Sf 1.7). Era usual oferecer sacrifício antes da partida do exército para a batalha a fim de invocar proteção e vitória (1 Sm 13.8-12; Is 13.3; Sf 1.7), pois os antigos encaravam a guerra como algo sagrado.

Havia regra de pureza, consulta do oráculo divino, presença simbólica de Deus, intervenção divina no combate, terror divino para assombrar o inimigo e oferta dos despojos depois da vitória. Os israelitas buscavam a sanção divina antes de iniciar uma batalha (Jz 1.1; 1 Sm 23.2) e a ajuda de Deus com a sua presença mediante a arca da aliança (1 Sm 4.4; 14.18). Havia em Israel o serviço de inteligência, pois antes de invadir o território inimigo eram enviados espias (Nm 13.2; Js 2.1; 1 Sm 26.4).

A cavalaria era um elemento importante das antigas guerras do Oriente Médio (Jr 46.9; Sl 20.7; Is 43.17). A cavalaria egípcia era famosa na antiguidade (Is 31.1-3). A descrição do aparato militar dá a impressão de uma vitória certa, mas o profeta vê de antemão a derrota deles.

A armadura romana era sem igual no mundo antigo, e a geração do Novo Testamento estava bem familiarizado com ela. O Novo Testamento mostra que os israelitas conviviam com essa realidade. João Batista aconselhou alguns soldados (Lc 3.14); talvez estes fossem de Herodes e não romanos, mas, de qualquer forma, eram militares e portavam armas. O centurião de Cafarnaum se encontrou com o Senhor Jesus (Mt 8.5-13; Lc 7.1-10). O apóstolo Paulo viajou pelo vasto mundo romano e sempre se envolveu com as autoridades romanas; Filipos, por exemplo, onde Paulo esteve preso por ocasião de sua segunda viagem missionária, era uma colônia militar romana e uma das principais cidades da Macedônia. Seus moradores se consideravam romanos (At 16.12, 21). O tribuno Cláudio Lisias determinou a transferência do

apóstolo Paulo de Jerusalém para Cesareia com uma escolta de 200 soldados, 70 de cavalaria e 200 lanceiros, para que levassem o apóstolo com segurança para o governador Félix em Cesareia: "E, chamando dois centuriões, lhes disse: Aprontai para as três horas da noite duzentos soldados, e setenta de cavalo, e duzentos lanceiros para irem até Cesareia; e aparelhai cavalgaduras, para que, pondo nelas a Paulo, o levem salvo ao governador Félix" (At 23.23-24). E, em Roma, ele era vigiado 24 horas por dia em sua prisão domiciliar (At 28.16).

O apóstolo Paulo emprega a figura da guerra, pois fala de armadura de Deus e em seguida usa metaforicamente diversas armas para ilustrar a proteção do cristão contra os ataques do Inimigo. Qualquer pessoa do período bíblico, principalmente do Novo Testamento, conhecia a figura do soldado, e dessa forma o sistema militar aparece com frequência de forma metafórica. Essas figuras e ilustrações eram excelentes recursos didáticos que aparecem na Bíblia para tornar claro e mais compreensíveis o discurso dos profetas e os ensinos apostólicos.

Quando o apóstolo Paulo fala sobre a armadura de Deus, *panoplían ton theou*, em grego, está se referindo a uma armadura completa: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo" (Ef 6.11). Panóplia é o nome que se dá à armadura completa do cavaleiro europeu na Idade Média e também se refere hoje a coleções de armas exibidas para decoração. Veja o capítulo 2 anteriormente, que trata desse assunto. A "armadura de Deus" é uma metáfora que o apóstolo usa para ensinar uma verdade espiritual utilizando uma linguagem militar, bem conhecida dos seus leitores originais.

As palavras "guerra, batalha, luta, combate, peleja" aparecem na Bíblia de forma literal e metafórica. O que é uma metáfora?

É uma figura de linguagem que "consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita" (Rocha Lima), ou seja, é o emprego de uma palavra em um sentido diferente do próprio por analogia. Mas o uso metafórico dessas palavras não se restringe à Bíblia; parte da nossa vida do dia a dia para indicarmos, muitas vezes, um debate ou discussão e, também, para nos referirmos às dificuldades da vida. Mas a metáfora aqui se aplica à defesa e ao combate espiritual, à pregação e ao ensino da Palavra.

O apóstolo Paulo não foi exaustivo ao elencar os instrumentos bélicos de sua geração. Ele mostra que Deus proveu os recursos espirituais necessários para a nossa proteção: "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo" (Ef 6.10, 11). São armas espirituais à altura do inimigo que temos de enfrentar. Depois de revelar as hostes infernais contra quem devemos combater, o apóstolo descreve os elementos da armadura romana com sua aplicação espiritual: "Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça, e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Ef 6.14-17). Essa vívida descrição do soldado romano equipado com sua armadura é uma excelente ilustração do nosso combate contra o reino das trevas.

10

Poder do alto

contra as hostes da maldade

O relato do trabalho evangelístico de Filipe em Samaria é um dos melhores cenários para descrever o "poder do alto contra as hostes da maldade". O enfoque das hostes da maldade aparece no contexto de Efésios 6.12. Simão, o mágico, agia sob o poder das trevas; era um opositor do evangelho. Conscientemente ou não, ele era usado pelos demônios para falsificar os milagres tentando imitar as obras de Deus. O poder do alto diz respeito ao poder do Espírito Santo na vida da Igreja que veio no dia de Pentecostes para ficar para sempre.

O PODER DO ALTO

Jesus disse antes de voltar ao céu: "E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49). Ele estava se referindo à descida do Espírito Santo que aconteceu no dia de Pentecostes, marcando o início da jornada histórica da Igreja. Esse derramamento do Espírito foi em decorrência da obra expiatória de Jesus no Calvário: "Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas. De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis" (At 2.32, 33). O Novo Testamento identifica esse derramamento por diversos nomes, entre eles: revestimento de poder e promessa do Pai, ou do meu Pai (Lc 24.49), batismo no Espírito Santo (At 1.5), virtude do Espírito Santo (At 1.8) e dom do Espírito Santo (At 2.38).

O Espírito Santo na vida da Igreja é um fenômeno exclusivo do cristianismo, que é a única religião do planeta que tem o Espírito Santo (Jo 14.16, 17). Ele habita em todos os crentes em Jesus, pentecostais e não-pentecostais (1 Co 3.16; Gl 4.6); ele mesmo é quem convence o pecador, conduzindo-o a Cristo (Jo 16.8). Na regeneração, ele promove o novo nascimento, que é um ato direto do Espírito Santo (Jo 3.6-8). O pecador recebe o Espírito quando recebe Jesus (Gl 3.2; Ef 1.13). Os crentes têm, sim, autoridade sobre o mal, pois a promessa de Jesus é para todos os que creem nele (Mc 16.17-20). Não se deve, portanto, confundir batismo no Espírito Santo com salvação. Os discípulos de Jesus já eram salvos e tinham o Espírito Santo antes mesmo do Pentecostes (Lc 10.20; Jo 15.3; 20.22).

O batismo no Espírito Santo, o poder do alto, é um recurso

espiritual adicional na vida cristã, um revestimento de poder para o crente viver a vida regenerada, um poder espiritual que contribui para a edificação interior do crente. A *Declaração de fé das Assembleias de Deus* define os dons espirituais como as "capacitações especiais e sobrenaturais concedidas pelo Espírito de Deus ao crente para serviço especial na execução dos propósitos divinos por meio da Igreja" (p. 171). Foi sob esse poder que Filipe revolucionou a cidade de Samaria.

FILIPE EM SAMARIA

Há no Novo Testamento quatro personagens chamados Filipe. Dois da casa de Herodes: Herodes Filipe I, ou simplesmente Filipe (Mt 14.3), e Herodes Filipe II, o tetrarca da Itureia (Lc 3.1); um é discípulo de Jesus, o apóstolo, e seu nome aparece entre os doze apóstolos (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.14); o outro é conhecido como Filipe, o evangelista (At 21.8), mencionado antes na escolha dos sete varões para o diaconato (At 6.5). Este é o Filipe que realizou o trabalho evangelístico em Samaria: "E, descendo Filipe à cidade de Samaria, lhes pregava a Cristo. E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam os sinais que ele fazia, pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados. E havia grande alegria naquela cidade" (At 8.5-8). Filipe logo se destacou na pregação do evangelho e aparece cerca de vinte anos depois como evangelista (At 21.8).

Samaria é o nome de uma região. A Bíblia faz menção das "cidades de Samaria" (1 Rs 13.22; 2 Rs 17.24, 26; 23.19), onde havia várias aldeias e cidades (Lc 9.52; Jo 4.5). Filipe esteve na "cidade de Samaria" (At 8.5). Essa cidade se tornou a capital do Reino do

Norte, o reino de Israel, a casa de Efraim, todos nomes alternativos das dez tribos do norte que se separaram de Jerusalém, a casa de Davi. Ela foi fundada por Onri, o fundador da quarta dinastia do Reino do Norte, com quatro reis: Onri, Acabe, Acazia e Jorão (1 Rs 16.28; 22.40; 2 Rs 1.17, 18; 9.24). Jeú matou Jorão, o último rei da dinastia de Onri, e fundou a quinta dinastia em Israel. Onri comprou um monte de um cidadão chamado Semer, onde fundou uma cidade à qual deu o nome de Samaria, em homenagem ao dono anterior, e fez dela a capital do seu reino (1 Rs 16.24). Acabe construiu nela um templo a Baal (1 Rs 16.32) e desde então a cidade se tornou um centro de idolatria (Jr 23.23; Os 8.5, 6). Herodes, o Grande, fortificou e embelezou a cidade, alterando o seu nome para "Sebaste", em homenagem a Augusto, Imperador romano. O termo vem de *sebastós*, adjetivo grego que significa "digno de respeito, venerado, venerável"; e *sebasté*, equivalente ao termo latino augustus, título imperial conferido a Otávio, o segundo dos doze Césares. Foi no reino de Augusto que Jesus nasceu (Lc 2.1). Samaritanos e judeus não consideravam o nome "Sebaste"; por essa razão, não é surpreendente o Novo Testamento usar somente o antigo nome de Samaria.

Havia um clima de tensão cultural e religiosa entre judeus e samaritanos nos tempos de Jesus (Lc 9.52, 53; Jo 4.9), embora Israel reconheça ainda hoje os samaritanos como judeus. Mas o Senhor Jesus mudou isso abrindo as portas do futuro para Filipe (Jo 4.39-42). Dessa forma, podemos afirmar que o relacionamento cristão com os samaritanos começou de forma salutar com o Senhor Jesus e prosseguiu com Filipe e os apóstolos Pedro e João (At 8.13, 14).

Essa rivalidade era antiga, pois os judeus recusaram a ajuda dos samaritanos na reconstrução do templo de Jerusalém quando

Judá retornou do cativeiro babilônico (Ed 4.1-4). Os samaritanos rejeitaram as Escrituras do Antigo Testamento e adotaram apenas o Pentateuco, hoje conhecido como Pentateuco Samaritano, com cerca de 6 mil variantes em relação ao Pentateuco Hebraico. Além disso, os samaritanos construíram um templo rival no monte Gerizim. O relacionamento deles, que já não era bom, depois de tudo isso ficou pior ainda, e eles se tornaram rivais. Com esses fatos, a ruptura samaritana se consolidou, mas eles esperavam também a vinda do Messias (Jo 4.25). Na era apostólica, Samaria era o nome da cidade e ao mesmo tempo de uma região.

Filipe foi impulsionado pelo Espírito Santo; do contrário, não ousaria enfrentar as hostilidades dos samaritanos. Filipe "lhes pregava a Cristo" (At 8.5), e isso era importante porque os samaritanos esperavam a vinda do Messias. Nessa pregação, eles testemunhavam o poder do Messias, o Cristo, de modo que as multidões prestavam atenção no que ele dizia, pois "ouviam e viam os sinais que ele fazia (v. 6). Era algo inédito e que atraía as multidões: "pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados" (v. 7). Essa manifestação era o autêntico poder do alto contra as hostes por meio da pregação do evangelho. Filipe revolucionou a cidade pelo poder de Deus.

O povo prestava atenção no que Filipe dizia. Deus fazia muitos sinais e maravilhas entre os samaritanos por meio dele. Muitos se converteram e foram batizados, e o evangelho era divulgado em Samaria como determinou o Senhor (At 1.8). Filipe não falava outra coisa senão "o reino de Deus e do nome de Jesus Cristo" (8.12).

O Senhor Jesus havia proibido antes os discípulos de entrarem em cidades de samaritanos: "Não ireis pelo caminho das gentes, nem entrareis em cidade de samaritanos" (Mt 10.5). Isso porque

ainda não era tempo. Antes de seu retorno ao céu, Jesus mandou pregar em Samaria: "e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8). Filipe agora estava cumprindo com êxito essa missão. Encontramos samaritanos e gentios no contexto da evangelização: "Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8). Filipe, em Atos 8, inicia o grande projeto missionário, levando avante a ordem imperativa do Mestre (Mt 28.19, 20, Mc 16.16, 15). Ele começou com os samaritanos e depois foi enviado pelo Espírito Santo para a região de Gaza, a fim de levar o evangelho ao eunuco da rainha da Etiópia, que estava sedento da Palavra de Deus (At 8.26-39.

A chegada de Filipe a Samaria mostra que na Igreja de Jesus não há preconceito. É verdade que Filipe, pelo que se infere do nome, era judeu helenista e, como tal, não era tão extremista como os judeus de *Eretz Israel* — os hebreus. Isso somente não justifica a sua ida a Samaria porque Pedro e João eram hebreus, nascidos em Israel; no entanto, eles foram a Samaria para apoiar o trabalho de Filipe. A chegada desses apóstolos em Samaria fortaleceu o trabalho de Filipe, e os samaritanos foram batizados no Espírito Santo (8.14-17). Onde o evangelho chega, os preconceitos são removidos, e o Espírito Santo começa a operar.

SIMÃO, O MÁGICO OU SIMÃO MAGO

Antes da chegada de Filipe a Samaria, ali estava Simão, o mágico, conhecido também como Simão Mago: "Simão, que anteriormente exercera naquela cidade a arte mágica e tinha iludido a gente de Samaria, dizendo que era uma grande personagem" (At 8.9). Ele era reconhecido pela população samaritana como "a grande virtude de Deus" (At 8.10). Isso significa que Simão se

declarava um tipo de emanação ou representação do ser divino. Segundo Justino, o Mártir, Simão Mago nasceu num vilarejo chamado Giton (*Apologia* I.26), aldeia situada 10 quilômetros a oeste da atual Nablus, na região de Sicar (Jo 4.5), a antiga Siquém no Antigo Testamento.

Parece que a sua popularidade foi eclipsada com a chegada de Filipe na cidade. Mas o relato afirma: "E creu até o próprio Simão; e, sendo batizado, ficou, de contínuo, com Filipe e, vendo os sinais e as grandes maravilhas que se faziam, estava atônito" (At 8.13). O que muito se discute é essa conversão, pois tradicionalmente Simão era hipócrita, segundo Irineu de Lião: "Este Simão fingiu abraçar a fé, pensando que também os apóstolos realizassem curas por meio da magia e não pelo poder de Deus" (*Contra as heresias*, I.23.1). Mas o texto sagrado diz que Simão creu e foi batizado juntamente com os outros samaritanos. Justo González, citando Jürgen Roloff, explica em seu comentário sobre o livro de Atos: "Simão concordou em se juntar à comunidade na esperança de descobrir o segredo do poder de Filipe de realizar feitos extraordinários; por isso, ele não o deixa sozinho, a fim de observá-lo de perto enquanto ele desempenha suas atividades" (p. 136). Isso indica que nem sempre uma pessoa estar dentro da igreja significa que sua vida foi transformada por Cristo; muitas vezes é mera curiosidade ou interesse em copiar a ação de Deus, como se isso fosse possível.

A chegada dos apóstolos Pedro e João a Samaria implica que ainda faltava alguma coisa; era o batismo no Espírito Santo. Essa promessa completava a obra do evangelho na região: "Então, lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo. E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro, dizendo: Dai-me também a mim

esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo" (At 8.17-19). Simão viu que os apóstolos tinham o poder de conferir o Espírito Santo por imposição de mãos. Ele desejava ter esse mesmo poder para ampliar o seu currículo, por isso ofereceu dinheiro em troca. Simão não se interessou pelo dom de realizar milagres, pois pediu para comprar o dom específico, ou seja, receber o dom do Espírito Santo pela imposição de mãos. Ele estava tratando o dom do espírito Santo como mercadoria. Mas o apóstolo Pedro respondeu com uma maldição que era ao mesmo tempo um convite ao arrependimento (vv. 20-22). Nada indica no relato que Simão se arrependeu; está escrito que ele pediu que Pedro e João orassem por ele: "orai vós por mim ao Senhor" (At 8.24). A prática de compra e venda de posições eclesiásticas na Idade Média passou a ser chamada de "simonia", porque Simão Mago quis comprar o dom do Espírito Santo com dinheiro. O termo é usado ainda hoje, principalmente aos charlatões, que tratam o dom de Deus como se fosse mercadoria.

O texto sagrado não diz o que aconteceu depois disso com Simão, mas há uma farta literatura patrística que mostra a má impressão de Simão Mago como poucos personagens bíblicos. Segundo Irineu de Lião, Simão foi o originador de todas as heresias (*Contra as heresias*, I.23.2). Esse pensamento se perpetuou ao longo da história. A literatura patrística acusa com frequência Simão como o pai do gnosticismo. Talvez haja exagero nisso tudo, mas é certo que existem fortes ligações entre Simão e o gnosticismo antigo.

Simão Mago era tido pelos samaritanos como o "Grande Poder" acostumado a ostentar dinheiro e operar milagres. Ele estava agora diante de um pescador da Galileia transformado em um pescador de almas, revestido do poder do alto, que impunha

as mãos sobres pessoas e elas recebiam o Espírito Santo. Era a diferença entre o poder do dinheiro e o poder que transforma um humilde pecador em apóstolo de Cristo. Somente os cristãos têm poder a autoridade sobre as hostes da maldade (Mt 10.4; Lc 10.19). As obras das trevas são demolidas pelo poder de Deus no trabalho de pregação do evangelho de Cristo.

11

Discernimento do Espírito: um dom necessário

O discernimento para os cristãos abrange mais do que distinguir espíritos; trata-se também de usar a razão para tomar decisões no dia a dia. Como cristãos comprometidos com a igreja e uma vida de adoração, a prática do discernimento é um desafio para estarmos atentos à rotina e identificarmos a interação de Deus conosco, reconhecendo a oportunidade para rejeitar o mal, buscar uma vida de santidade e praticar o amor e a justiça para abençoar as pessoas ao nosso redor. Em Cristo, guiados pelo Espírito Santo, podemos refinar nosso discernimento a fim de identificar a vontade de Deus para nossa vida e responder à voz divina.

O QUE É DISCERNIMENTO

O discernimento é uma prática espiritual que todo crente deve desenvolver no seu relacionamento com o Senhor. O apóstolo Paulo recomendou aos filipenses que eles crescessem em sabedoria e conhecimento para que pudessem escolher as coisas excelentes. Assim, poderiam viver sem culpa e agradar a Deus até a volta de Cristo (Fp 1.9-11). Ter sabedoria e conhecimento remete a discernir, julgar ou escolher entre duas ou mais opções. O conselho paulino, então, expressa que devemos desenvolver uma reflexão crítica que nos ajude na nossa santificação para sermos melhores servos de Deus e cumprirmos os propósitos divinos na nossa vida.

Praticar o discernimento é reconhecer quando Deus está se comunicando com alguém, ou se é alguma distração. Como escreveu Richard Peace, teólogo e professor de formação espiritual, discernimento é uma maneira para distinguir as diversas vozes, impulsos, conselhos e intuições. Isso não é fácil para aqueles que vivem uma rotina carregada de atividades. A sensibilidade do reconhecimento depende da intimidade que se tem com o Senhor, de quanto se está atento para ouvir e seguir as orientações dadas pelo Espírito Santo (1 Co 2.11-16). Terão dificuldades em identificar a voz divina aqueles que não buscam a presença do Senhor.

O uso do discernimento considera tanto a tomada de decisão em assuntos corriqueiros da vida humana como também o discernimento de espíritos. Há diferentes tipos de discernimentos porque as escolhas também variam. O teólogo A. W. Tozer exemplifica esse ponto no seu artigo "Como o Senhor guia". Ele classificou quatro tipos de escolhas com que os cristãos se deparam no cotidiano. As duas primeiras estão relacionadas às coisas que foram

proibidas ou permitidas por Deus e estão registradas na Bíblia. A terceira é aquela em que usamos o bom senso, a inteligência e a preferência que Deus nos dá. A quarta refere-se aos problemas que não se encaixam nas três anteriores, por isso exigem atuação especial do Senhor para evitar enganos. Independentemente do tipo de escolha, podemos perceber que o Senhor é quem guia em todas elas, seja uma decisão simples ou complicada.

A passagem de 1 Coríntios 12.8-10 fala sobre dons espirituais relacionados ao ato de discernir; são eles: sabedoria, conhecimento e discernimento de espíritos. Seguindo a interpretação dos assembleianos brasileiros, como expresso na *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, "o dom da sabedoria é um recurso extraordinário proveniente do Espírito Santo, cuja finalidade é a solução de problemas igualmente extraordinários" (p. 173). É para resolver algo que está além das condições humanas e que só a intervenção divina soluciona. O outro dom, o do conhecimento, é uma compreensão que também só provém de Deus, manifestada pelo Espírito Santo. Da mesma forma é o discernimento de espíritos: só pelo Espírito Santo é possível identificar as imitações malignas. Esses dons apresentados em 1 Coríntios 12 são aqueles relacionados a situações excepcionais que somente a atuação divina pode solucionar, independentemente do esforço ou da inteligência humana. Na classificação de Tozer, são esses os casos do quarto tipo de escolha.

Nós, que vivemos o período da igreja, temos o privilégio de desfrutar da operação do Espírito Santo no mundo. Podemos ter conhecimento da vontade de Deus porque o Espírito Santo foi dado à igreja e a cada crente para nos guiar em toda a verdade (Jo 16.12-15). Essa atuação é consequência de Pentecostes (At 2). Dessa forma, nossa capacidade de discernir qualquer que seja

o caso, algo básico do cotidiano ou uma situação impossível, depende de quanto estamos aptos a escutar a voz divina.

Esse privilégio, no entanto, pode se tornar uma distração que confunde o ato de julgamento da pessoa. Isso ocorre quando se fala que Deus disse algo quando, na verdade, Deus não disse. Embora seja resultado da ação do Espírito Santo, há o risco de subestimar ou superestimar a voz divina, acrescentando ou reduzindo a mensagem conforme a vontade pessoal desejar. Esse tipo de abuso é um perigo porque impede alguns de viverem de maneira que glorifique o nome de Deus, levando outros a desconfiarem da atuação do Espírito Santo e escandalizando outros, que se afastam da presença do Senhor. A manifestação do Espírito Santo é vista com reservas por alguns, que acreditam que as pessoas se deixam dominar pelas emoções. O desafio, então, é deixar que Deus use mente e emoções.

A MENTE RENOVADA E O DISCERNIMENTO

A base do discernimento pessoal está apresentada no ensino de Paulo. Com base em Romanos 12.1, 2, é preciso ter compromisso com Deus, a mente renovada e uma vida em comunhão com uma igreja. Dessa forma, a vontade de Deus pode ser conhecida. Esses são elementos imprescindíveis para a vida cristã, não só para discernir o bem do mal.

Ter compromisso com Deus significa entregar a vida ao Senhor. Esse pensamento paulino é identificado por A. W. Tozer em "Como o Senhor guia". Segundo o autor, para ter discernimento, é fundamental que o crente se dedique à glória de Deus e se entregue ao senhorio de Jesus Cristo. A natureza humana é pecaminosa, "porque todos pecaram e destituídos estão da glória

de Deus" (Rm 3.23). Portanto, o primeiro passo é ter consciência dos pecados e confessá-los ao Senhor. Devemos, então, ter uma vida santa e nos oferecer por completo ao Senhor – física, espiritual e emocionalmente, isso é o culto racional. Essa atitude de ter compromisso com Deus leva à transformação de vida. Antes era o pecado que dominava a pessoa, mas, em Cristo, o pensamento e as emoções são trabalhados por Deus (Rm 8.9, 10).

Aqueles que não se dedicam à santificação não são capazes de andar segundo o Espírito de Deus porque não é esforço humano que transforma, mas Cristo (Rm 8.1-4). Estar em Cristo é não viver pelo pecado, mas sim ser guiado pelo Espírito Santo. Segundo Craig Keener, em *A mente do Espírito*, "racional" significa que a mente determinará como o corpo servirá a Deus. Assim, "a mente renovada discerne a vontade de Deus (12.2), inclusive o lugar em que o indivíduo pode ser produtivo no corpo de Cristo (12.3-8)" (p. 229). A transformação é a reversão do intelecto corrompido, porque a mente degenerada não consegue avaliar a vontade de Deus. Pela fé em Cristo, a vida pecaminosa é transformada em uma vida reta. Assim, a renovação da mente significa deixar o pecado e viver de acordo com os padrões divinos, tendo em vista não o presente, mas a era vindoura. O resultado é o cristão usar seu corpo para servir a Cristo.

Tendo uma vida dedicada ao Senhor com uma mente guiada pelo Espírito, o cristão ainda precisa estar ligado a outros crentes. Estar em comunhão com a igreja, ou o corpo de Cristo, significa cuidar dos membros (Rm 12.4), aprender a viver em submissão aos outros (Rm 12.5), sobretudo à liderança. Estar em comunhão com os irmãos e as irmãs ajuda a entender a operação divina por meio do Espírito Santo e a esclarecer a vontade de Deus. Isso porque há um vínculo entre os membros: um sente quando

o outro está enfrentando problemas ou dúvidas, sendo capaz de encorajar e dar assistência quando necessário.

Nos versos 1 e 2 de Romanos 12, vemos que o discernimento da vontade de Deus para nossa vida é resultado da atividade mental humana. O culto racional dispensa "truques mágicos" e não pode ser reduzido a emoções. Tendo um relacionamento sólido com o Senhor, o Espírito Santo trabalha em nossa vida por completo, e assim somos capazes de reconhecer o que é bom da perspectiva divina.

O DISCERNIMENTO NA PRÁTICA

As Escrituras, por meio da operação do Espírito Santo, desempenham um papel importante na vida humana (Cl 3.16) e servem de controle para a prática do discernimento. Por meio delas, aprendemos sobre a salvação, Deus e sua revelação em Jesus, e nossa fé é fortalecida. O texto bíblico é a referência do cristão, e nenhuma mensagem que lhe é entregue está acima do texto inspirado pelo Espírito Santo. Isso aponta para as limitações do discernimento humano. Embora tenhamos a capacidade de avaliar o que é moralmente certo ou errado, as mensagens recebidas são uma garantia interna de que Deus está conosco e não podem ser impostas as outros como regra.

A oração é uma ferramenta fundamental para o discernimento, por se tratar de relacionamento e comunicação com Deus. Como se ora, no entanto, precisa ser avaliado. Se o objetivo é a busca por melhor compreensão, a oração não deve ser intercessora ou peditória. Ao contrário, é uma conversa em que se fala e, em seguida, se cala para ouvir; é uma oportunidade para se ficar em silêncio na presença do Senhor.

O discernimento pode ser tanto pessoal quanto coletivo. Por pertencer a uma igreja local, muitas vezes surgem ocasiões em que é preciso decidir sobre algo que afetará todos os irmãos e irmãs. A prática do discernimento em grupo, como explica Nancy Bedford em "Pequenas ações contra a destruição", envolve seguir o caminho de Jesus Cristo com criatividade, levando em consideração não só a vida pessoal, mas também o impacto das suas ações na família, na igreja, no bairro, no trabalho e outras dimensões da nossa vida social. Isso demanda organização de grupos de oração, análise dos problemas e reflexão para busca de possíveis soluções.

Quando discernimos a voz de Deus, é o momento de responder a ela. Essa atitude reflete nosso interesse em nos relacionarmos com o Senhor. São diversas as maneiras como podemos responder: com louvor, arrependimento, quebrantamento, confissão de pecado, agradecimento e mudança de atitude. Essa atitude, então, mostra que estamos abertos a viver e ser transformados conforme a vontade de Deus, e não conforme a nossa própria vontade.

O DISCERNIMENTO E A BATALHA ESPIRITUAL

No contexto evangélico brasileiro, em que predominam os que acreditam na manifestação sobrenatural dos dons espirituais, é preciso tomar cuidado para não entender o discernimento como uma prática mágica. Esse tipo de atitude transfere o discernimento a determinadas pessoas que seriam capazes de distinguir as mensagens divinas das demoníacas ou receber informações privilegiadas sobre os eventos. Essa crença cultural, então, pode ser levada para a igreja, e os crentes passam a nomear pessoas

que teriam poderes especiais para realizar proezas. São diversas as implicações dessa prática que banalizam a operação do Espírito Santo. Fica no esquecimento que Deus deseja interagir com cada pessoa, e o cristão não é incentivado a submeter-se e a desenvolver um relacionamento com Deus. Corre-se o risco de reduzir a prática do discernimento a emoções. Cria-se a imagem de um Deus oferecedor de coisas materiais.

Alguns pontos podem servir como referência para avaliar se o discernimento diante de determinada situação é de providência divina. Um bom indicador é observar se a mensagem que recebemos é compatível com a mensagem da Bíblia. Se a consequência dos nossos atos é pecaminosa, Deus certamente não está pedindo que a pessoa tome essa decisão ou se comporte dessa maneira. Além disso, é um bom critério observar a qualidade dos resultados das nossas ações decorrentes da mensagem que recebemos. Outra maneira de avaliar a mensagem recebida é conversando com pessoas de confiança na igreja que frequentamos ou outros crentes.

Discernimento é para a vida cristã como um todo, e não só para momentos de decisão ou discernimento dos espíritos malignos. Portanto, ter bom discernimento e direção está relacionado a viver na presença de Deus. O relacionamento íntimo se desenvolve por meio da oração, do conhecimento e prática da sua Palavra (Sl 119.105), deixando que nossa mente seja guiada pelo Espírito Santo (1 Pe 5.7) e pedindo por sabedoria quando ela for necessária (Tg 1.5, 6).

12

Vivendo em constante vigilância

O ensino bíblico sobre a vigilância envolve precaução, cuidado, perseverança, fé e obediência, considerando cada aspecto do ato ou efeito de vigiar. É importante observar três aspectos da vigilância: estar alerta para a vinda de Jesus, vigiar para não fracassar na vida cristã e prestar atenção na doutrina da Igreja. A vigilância na fé cristã pode ser entendida o ato de permanecer acordado no contexto escatológico, estar atento ao cuidado de não se afastar de Jesus, e manter uma observância meticulosa contra os falsos profetas e as falsas doutrinas.

ATENTOS PARA A VINDA DE JESUS

No sermão profético narrado nos evangelhos sinóticos, o Senhor Jesus deu muita ênfase à vigilância. Temos a certeza da sua vinda, mas ninguém sabe quando isso acontecerá, e por isso devemos estar apercebidos. Nos dias de Noé, o povo se descuidou e pereceu com o dilúvio. Este quadro se repetirá na vinda do Senhor. A vinda, do grego *parousia*, significa "chegada, presença, volta, visita real, advento, chegada de um rei". No aspecto escatológico, este substantivo se refere ao arrebatamento da Igreja: "que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, [...] seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares" (1 Ts 4.15), que é o acontecimento mais importante e esperado pela Igreja. Esse vocábulo se refere também à vinda de Cristo em glória com sua Igreja, para estabelecer a paz e a justiça na terra, durante o milênio: "aguardando e apressando-vos para a vinda do Dia de Deus, em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão?" (2 Pe 3.12). É o final glorioso da jornada da igreja. Devemos estar preparados e vigilantes para o grande evento do arrebatamento da Igreja!

Esses avisos solenes do Senhor Jesus se encontram no sermão profético registrados nos evangelhos sinóticos. Veja a exortação: "Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor" (Mt 24.42). O verbo grego para vigiar, *gregoréo*, "vigiar, estar alerta, ser vigilante", fornece a chave para os capítulos 24 e 25. Considere cada parábola seguinte: o dono da casa vigilante (24.42-44), o servo sábio e fiel (24.45-51), a parábola das dez virgens (25.1-13) e a parábola dos talentos (25.14-30). Note que todas essas parábolas enfatizam algum aspecto da vigilância, mostrando a necessidade de viver em constante alerta sobre a

iminência de vinda de Jesus. O exemplo citado sobre Noé e o dilúvio revela o cuidado que cada crente deve ter para não se distrair com os seus próprios interesses e se esquecer da vigilância.

A advertência de Jesus é com relação à vigilância. Os contemporâneos de Noé eram indiferentes à mensagem e à arca. A atividade deles consistia em comprar, vender, plantar, construir, casar e dar-se em casamento. Nenhuma dessas atividades é condenada pela Bíblia; a passagem somente enfatiza que as pessoas faziam grandes projetos e planos e não se davam conta da iminente catástrofe. Jesus disse: "comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem" (Mt 24.38, 39). São procedimentos lícitos, e aparentemente estava tudo muito bem; as pessoas estavam tão apegadas à rotina que não viam nada além disso. Mas, considerando o contexto da sociedade descrita em Gênesis 6.5, 11-12, vemos que a geração antediluviana era má, corrupta e criminosa. Isto, sem dúvida, se refletia nas atividades daquela sociedade, levando-a ao indiferentismo religioso e ao materialismo. Desse modo, eles estavam sendo levados pela glutonaria e a embriaguez e nem sequer perceberam que Noé e seus familiares entraram na arca (Gn 7.7; Mt 24.39). A advertência é para que este quadro do dilúvio não aconteça com a Igreja: "E olhai por vós, para que não aconteça que o vosso coração se carregue de glutonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia" (Lc 21.34).

Alguns expositores, seguindo a analogia do dilúvio "[...]e os levou a todos" (Mt 24.39), sustentam que a expressão "estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra" (Mt 24.40,

41) significa que alguns serão levados pela catástrofe, que serão apanhados pelo juízo divino. Mas esta interpretação é inconsistente porque o verbo grego para "levar", no v. 39, é airo, "levantar, levar embora", e, nos vv. 40-41, o verbo é outro, *paralambano*, que significa "tomar para si, tomar consigo mesmo, levar junto" (Mt 17.1; 26.37). Então, a expressão "será tomado" é uma referência ao arrebatamento da Igreja (1 Co 15.51, 52; 1 Ts 4.15-17). Essa profecia no relato de Lucas deixa transparecer os fusos horários do planeta, pois fala sobre pessoas na cama, dormindo; e no moinho e no campo. Os crentes serão levados, e os incrédulos serão deixados (Lc 17.34-26). O quadro profético mostra que, na vinda de Cristo, homens e mulheres estarão envolvidos em suas atividades: uns trabalhando no campo, outros em casa, outros estarão dormindo, pois em alguns lugares será noite; e em outros, dia. Jesus virá de repente, de modo que não se pode marcar o dia e a hora da vinda de Cristo (Mt 24.36; Mc 13.32; At 1.7).

Muitas datas foram estabelecidas ao longo da história do cristianismo para o segundo advento de Cristo, mas todos os que se aventuraram a isso falharam. O ensino de Jesus é que não nos pertence saber o dia, a hora nem as estações da *parousia* de Cristo (Mt 24.36; Mc 13.32; At 1.6); do contrário, todo o ensino de Jesus e seus apóstolos sobre a vigilância perderia seu sentido.

EXORTAÇÃO À VIGILÂNCIA

A vigilância é um tema significativo no relato da angústia de Jesus no Getsêmani. Jesus disse a Pedro, João e Tiago, seu irmão: "A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui e vigiai comigo" (Mt 26.38). Outra vez, disse a esses três discípulos, depois de ter orado ao Pai pedindo que, se possível, passasse dele

o cálice: "Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice" (v. 39), e a seguir: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (v. 41). O termo grego para "vigiar" nessas duas passagens é o mesmo, *gregoréo*, mas o sentido em cada uma delas difere pelo contexto. No v. 38, indica ficar despertado, acordado. O *Dicionário exegético do Novo Testamento*, de Horst Balz e Gerhard Schneider, explica que esse verbo "significa em primeiro lugar *não dormir*" e justifica esse significado primário pelo fato de Jesus exortar três vezes os seus discípulos no relato do Getsêmani a permanecerem acordados com ele, e o dicionário acrescenta ainda que a parábola do servo vigilante (Lc 12.36-38) "deve ser entendida no sentido de *não dormir*" (p. 801). O grifo não é nosso. De fato, o verbo é derivado de *egrégora*, perfeito de *egeiro*, "levantar, acordar, despertar". O apóstolo Paulo usa esse verbo em contraste com dormir (1 Ts 5.6). A ideia de vigiar e vigilância é figurada. Devemos estar atentos a tudo sobre as especulações da falsa batalha espiritual.

Mas o v. 41 parece ser uma reminiscência ao Pai nosso, "não nos induzas à tentação" (Mt 6.13). O "vigiai" (Mt 26.41) ensina outra coisa, diferente do v. 38, pois lá a ideia é de ficar despertado, acordado, na companhia de Jesus, no momento tão crucial em toda a sua vida terrena; mas, aqui, significa estar vigilante e atento para evitar o fracasso espiritual e ficar distante do pecado. Trata-se de um aviso contra o vacilo. A advertência é esclarecida pelo próprio Senhor Jesus, "para que não entreis em tentação"; e mais: "o espírito está pronto, mas a carne é fraca". E isso não somente por causa das astúcias de Satanás, mas também por causa da tendência humana para o pecado.

O "espírito" aqui não se refere ao Espírito Santo nem ao espírito satânico, mas ao espírito humano no crente, que adora a

Deus em espírito (Jo 4.24); fala línguas em espírito (1 Co 14.3), ora e canta com o espírito (1 Co 14.14-16). O contraste bíblico entre carne e espírito revela, muitas vezes, o conflito entre a santificação e a tendência pecaminosa (Rm 8.5-9; Gl 5.17). Mas o termo "carne" tem um significado amplo nas Escrituras; é usado de modo geral para toda a criação, os seres humanos e os animais (Gn 6.13, 17; 1 Co 15.39), para se referir ao corpo humano (Jó 33.21); ao gado, quando se trata de alimento (Lv 7.19); e também para se distinguir do espírito (Jó 14.22; 1 Co 5.5). Quando Jesus expressa o contraste: "o espírito está pronto, mas a carne é fraca", há quem interprete "carne" aqui como a natureza física considerando o estado de exaustão dos discípulos, até certo ponto aceitável (Sl 78.39). O contexto parece indicar o sentido de fraqueza moral e espiritual, pois a vigilância é para não cair em tentação. Sêneca, senador romano e maior expoente do estoicismo do século 1, dizia: *Errare humanum est*, "Errar é humano". Veja que até mesmo os pagãos reconheciam a fraqueza moral dos seres humanos.

A vigilância em Mateus 26.41 significa estar vigilante para manter a fidelidade ao Senhor Jesus e nunca se apartar dele. Trata-se de uma advertência solene a todos os crentes em todos lugares e em todas as épocas para viverem atentos em todos os momentos da vida (Ef 6.18).

A VIGILÂNCIA EM RELAÇÃO À DOUTRINA

A vigilância é o ato ou efeito de vigiar, o estado de quem permanece alerta, de quem procede com precaução nas várias áreas da vida, principalmente na vida espiritual. O verbo *gregoréo* se aplica ainda a outros aspectos da vida cristã, como caminhar em comunhão com Deus (Cl 4.2) para se proteger do diabo (1

Pe 5.8) e para desenvolver uma vida de santidade (Ap 3.2, 30). Das 22 vezes em que *gregoréo* aparece no Novo Testamento, a maioria se aplica à vigilância no tocante à vinda de Cristo, mas seu uso ocorre também no sentido de vigilância doutrinária (At 20.32; 1 Ts 5.10). O Senhor Jesus advertiu seus discípulos sobre o "fermento dos fariseus e saduceus" (Mt 16.6, 11; Mc 8.15; Lc 12.1). Jesus estava usando uma metáfora para designar a doutrina dos fariseus: "Então, compreenderam que não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas da doutrina dos fariseus" (Mt 16.12). O apóstolo Paulo exorta Timóteo a cuidar de si mesmo e da doutrina: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas" (1 Tm 4.16). Esse ensino é para todos os cristãos e em todos os lugares.

O enfoque da vigilância aqui, no presente capítulo é apresentado como um recurso para que haja equilíbrio. Significa rejeitar especulações, crendices e invenções dos expoentes da falsa batalha espiritual sem comprometer a doutrina pentecostal nem levar os irmãos ao ceticismo. Devemos tomar muito cuidado, pois a Palavra de Deus nos exorta: "Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo. Retende o bem" (1 Ts 5.19-21). É um assunto que deve ser tratado com seriedade. Essa vigilância deve ser acompanhada de oração, e esse é o tema do próximo capítulo.

13

Orando sem cessar

A oração é uma prática de qualquer religião, pois é um modo de comunicação com o ser superior. Para a vida cristã, a oração é fundamental para o relacionamento pessoal com Deus, que é irradiado na igreja e na comunidade à qual o crente pertence. Podemos observar nos relatos bíblicos como a prática da oração se desenrolou ao longo da história do cristianismo. Contrariando a atual cultura da excessiva ênfase no indivíduo e nas práticas de autoajuda, o resultado da oração não é o crescimento da fé para obter ganhos pessoais, mas para abençoar a igreja, a comunidade e o mundo no geral a fim de que o nome do Senhor seja glorificado.

A ORAÇÃO DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

A oração é fundamental para a vida cristã, e a Bíblia mostra diversos exemplos de homens e mulheres que oravam. Encontramos diversos modos de orar ao longo da história do cristianismo. Pode ser uma prática privada ou pública, individual ou coletiva. Pode expressar intercessão, agradecimento, louvor, petição ou confissão. Pode ser espontânea, responsiva, contemplativa ou lida. Pode ser em pé, de joelhos, com o rosto no chão, com os braços levantados ou deitado. Pode ser silenciosa, voz baixa ou gritando. Essa diversidade nos mostra que não há desculpas para não nos comunicarmos com Deus.

Há dois tipos de oração bíblica, a *berakah* e a *hodayah*, conforme apresentado pelos especialistas em liturgia Paul Bradshaw e Todd Johnson. Ambas contam e reconhecem as grandes obras realizadas pelo Deus poderoso, feitos que se tornam dignos de adoração. É o que Paul Bradshaw trata como *anamnesis*, ou lembrança, ou seja, é uma maneira de glorificar a Deus lembrando de suas ações. *Berakah*, da raiz hebraica *barak*, significa "bênção". A *berakah* se dirige indiretamente a Deus; o início costuma ser: "Bendito seja o Senhor que [...]" e enaltece o Senhor por tudo o que foi realizado pelo poder divino. Um exemplo é Êxodo 18.10-11: "Bendito seja o SENHOR, que vos livrou das mãos dos egípcios e da mão de Faraó; que livrou a este povo de debaixo da mão dos egípcios. Agora sei que o SENHOR é maior que todos os deuses; porque na coisa em que se ensoberbeceram, os sobrepujou".

A oração *hodayah*, da raiz hebraica *hodah*, significa "agradecer, reconhecer, confessar". A *hodayah* se dirige a Deus de maneira direta, geralmente iniciando com "Bendito sejas tu, ó Senhor [...]",

agradecendo e continuando com uma petição, pelo fato de Deus ter agido maravilhosamente antes, e então Deus pode ajudar aquele que ora na sua necessidade. Um exemplo é Daniel 2.20, 23: "Seja bendito o nome de Deus para todo o sempre, porque dele é a sabedoria e a força; ó Deus de meus pais, eu te louvo e celebro porque me deste sabedoria e força; e, agora, me fizeste saber o que te pedimos, porque nos fizeste saber este assunto do rei".

A relevância em conhecer esses dois modelos está em saber que eles influenciaram a vida dos primeiros cristãos, e isso nos ajuda a pensar como eles adoravam a Deus. É importante porque vemos o padrão da oração cristã. *Berakah* era a oração dos judeus convertidos no século 2 no momento da Ceia do Senhor. Primeiro se ora objetivamente relembrando o que Deus tem feito na história, e a seguir se fazem petições subjetivas. Os primeiros cristãos, ao orarem *berakah*, estavam contando a história na qual Deus se revela, como se estivessem declamando o Credo.

Os primeiros registros sobre a oração cristã revelam com que regularidade ela deveria ser feita. Em *A Didaqué* 8.2-3[4], a recomendação é orar o Pai Nosso três vezes ao dia. Na *Stromata*, Clemente de Alexandria, embora defendesse o "orai sem cessar", especificou que fosse à terceira, sexta e nona horas (VII, VII, p. 534), respectivamente às 9 da manhã, ao meio-dia e às 3 da tarde. Para Orígenes, três era a quantidade mínima de vezes, sendo importante orar também à noite (*Da oração* VII, p. 19). A base bíblica de Orígenes eram diversas passagens. Daniel orava três vezes ao dia (Dn 6.10), Pedro orou na hora sexta (At 10.9), Salmos 141.2 mencionam a oração da tarde e Salmos 119.62, a da noite, juntamente com Atos 16.25. Essa prática

4 Didaqué é um documento do início do século 2 que mostra o funcionamento e a liturgia de igrejas de determinada região da época.

de orar três vezes ao dia possivelmente veio por influência da tradição judaica.

Tertuliano, em *A oração* XXV, 2, usou outros exemplos para justificar a terceira, sexta e nona hora. O Espírito Santo foi derramado pela primeira vez na terceira hora (At 2.1). Quando Pedro teve a visão e subiu ao telhado para orar, era a sexta hora (At 10.9). Ele subiu com João ao templo para orar na nona hora (At 3.1). Embora Tertuliano admita que não sejam horas obrigatórias, acredita ser importante observar orar pelo menos três vezes ao dia, nem que seja preciso parar com as atividades ou o trabalho para isso. A interpretação de Cipriano em *A oração dominical* 34 quanto às passagens bíblicas se aproxima às de Orígenes e Tertuliano.

Curiosa é a explicação de Tertuliano para apontar a problemática do casamento misto com base na vida de oração. Conforme *Para a esposa dele* (*Ad uxorem*) 2.5, o cônjuge cristão, ao se levantar no meio da noite para orar, revelaria sua fé; por isso, casamento entre cristãos e não-cristãos era algo contra a vontade de Deus.

Há mais detalhes sobre a vida dos cristãos antes do século 4. Paul Bradshaw, em *Reconstruindo a adoração do cristianismo primitivo*, observa que, embora seja difícil saber como os cristãos seguiam essa agenda de oração, é preciso atentar para o fato de que, nesse período, a iniciação dos novos convertidos na Igreja exigia um alto nível de comprometimento, então deveria ser uma demanda para fazer parte do grupo. Quanto ao conteúdo, provavelmente os cristãos do século 3 se baseavam nos documentos do Novo Testamento, sobretudo os escritos paulinos, e nas orações – louvor, ação de graças, petição e intercessão – do judaísmo. Provavelmente, as orações eram individuais ou entre membros da família ou amigos nas casas e em reuniões informais,

pois as liturgias oficiais ocorriam especialmente para celebração da Ceia do Senhor[5] aos domingos e para exposição da Palavra na nona hora às quartas e sextas-feiras.

Para os pais da Igreja, a prática da oração era entendida como um ato de sacrifício oferecido a Deus. Tertuliano, em *Da oração*, comentou a passagem de João 4.23: "Nós somos os verdadeiros adoradores e os verdadeiros sacerdotes, porque, orando em espírito, em espírito sacrificamos a oração, vítima apropriada de Deus e aceitável, que ele, certamente, exigiu, que ele previu desde longe para si" (XXVIII, 3). Irineu, em *Contra as heresias*, diz: "E o próprio Verbo prescreveu ao povo que faça as oblações, embora não precisasse delas, para que aprendessem a servir a Deus, como quer que nós também ofereçamos continuamente e sem interrupção nossos dons no altar" (IV, 18, 6). Orígenes, em *Contra Celso*, retornou aos apóstolos no dia de Pentecostes e alertou para a necessidade de os cristãos continuarem perseverando na oração:

> Estamos continuamente nos dias de Pentecostes, principalmente quando subindo à sala superior como os apóstolos de Jesus, perseveremos nas súplicas e orações para nos tornarmos dignos "do vendaval impetuoso vindo do céu" (At 1.13-14; 2.2-3), para aniquilar por sua violência a malícia dos homens e seus feitos, e merecer igualmente por parte na língua de fogo que vem de Deus (8, 22).

Em *A oração dominical*, Cipriano demonstrou que a oração de cada pessoa era vista como pertencente à oração da Igreja como um todo, não era meramente privada. "O Deus da paz e

5 Chamada na época de eucaristia.

mestre da harmonia, que nos ensinou sobre a unidade, quis que cada um ore por todos, assim como Ele mesmo levou a todos nós sobre si" (8). De acordo com Tertuliano, em *Apologética* 39, as intercessões eram feitas em benefício de todas as pessoas, cristãs e não-cristãs, em favor das autoridades, pelo bem-estar, pela paz e pela demora dos fins dos tempos.

A partir do século 4, com a instituição do cristianismo como religião oficial do Império por Constantino, a oração diária do cristão comum tornou-se parte dos cultos oficiais duas vezes ao dia, pela manhã e à noite. Além disso, a oração tornou-se mais centralizada, organizada dentro do modelo institucional da Igreja, com mais foco na prática coletiva do que na individual. Salmos e hinos foram incorporados ao culto para padronizar a liturgia, e a oração continuava sendo o sacrifício oferecido a Deus.

Com a oficialização do cristianismo como religião do império, as perseguições contras os cristãos cessaram e a frequência das orações diminuiu. Alguns cristãos interpretaram a nova situação não como um período em que as pessoas estavam servindo ao Senhor com sinceridade, pois continuavam vivendo nas trevas; assim, ao invés de serem inimigas do mundo, estavam relaxando e se conformando com ele. Por isso, surgiram dois grupos de cristãos. Um era formado por homens e mulheres que decidiram se retirar para o deserto no Egito e na Síria a fim de continuar experimentando o martírio, porque queriam oferecer a Cristo um testemunho de sangue. Ficaram conhecidos como os pais e as mães do deserto e se dedicavam totalmente à oração, parando somente para comer e dormir. O outro grupo permaneceu nos centros urbanos na Capadócia, na Síria e em outros lugares e formou comunidades ascéticas sob os cuidados do bispo. Embora possam parecer fanáticos, a reflexão sobre o modo de vida

desses cristãos pode nos ensinar algumas lições para a batalha espiritual do século 21.

Os que se retiraram para o deserto preservaram a ideia de que a oração fazia parte da vida do cristão e era responsabilidade deles. A interpretação do orar sem cessar era mais literal, e duas ou três vezes ao dia não eram suficientes. Esses homens e mulheres oravam, meditando nas obras dos Deus Todo-Poderoso e suplicando pelo crescimento espiritual e pela salvação, além de alternarem as orações com a recitação de textos bíblicos, sobretudo dos salmos. Em comparação ao culto institucionalizado, cujo propósito da oração era relembrar, agradecer e louvar a Deus pelos seus feitos, os pais e as mães do deserto buscavam formação espiritual. Paul Bradshaw ressalta que, em razão da ênfase na oração individual, não se desenvolveu entre esses grupos uma liturgia, uma dimensão eclesial. A oração estava mais voltada para o interior da pessoa do que para cerimônias externas.

O grupo urbano não se isolou como aqueles que foram para o deserto, então criou práticas um pouco distintas. Eles oravam na terceira, sexta e nona horas, à noite e de madrugada, em grupos ou nas igrejas. Além disso, embora se preocupassem com o aperfeiçoamento interior, mantiveram os cultos domésticos. Ou seja, como notou Bradshaw, esse grupo preservou muitas características dos cristãos do século 3.

Informar-se sobre as práticas de oração dos primeiros cristãos não significa tomá-los como padrão e imitá-los. Ainda mais porque podemos perceber nas interpretações alguns desvios do texto bíblico ou exageros ao longo da história. Vivemos em outra época e devemos pensar em maneiras de orar que combinem a prática individual e coletiva de modo que o nome do Senhor seja glorificado. Jesus ensinou que, quando orássemos, deveríamos

entrar no quarto e fechar a porta (Mt 6.6). Ao mesmo tempo, como pertencentes ao corpo de Cristo, oramos como membros (At 2.42; 12.5) uns pelos outros e pelo mundo ao nosso redor. Assim, convém que busquemos conciliar oração e louvor coletivo com formação espiritual individual.

O QUE APRENDEMOS COM OS PRIMEIROS CRISTÃOS PARA LIDAR COM A BATALHA ESPIRITUAL

A *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* define oração como "o ato consciente, pelo qual a pessoa dirige-se a Deus para se comunicar com Ele e buscar a sua ajuda por meio de palavra ou pensamento". Embora a maneira de orar dos primeiros cristãos possa se distanciar da tradição brasileira pentecostal, podemos aprender com eles para aperfeiçoar nossa comunicação com Deus e nos preparar para enfrentar as dificuldades e os ataques malignos do dia a dia.

Quanto aos modelos *berakah* e *hodayah*, Paul Bradshaw considera que atualmente os cristãos se afastaram desses modelos bíblicos e sugere que nos sirvam de reflexão sobre como estamos orando. Relembrando o que Deus tem feito, estaremos interpretando nossa experiência humana em termos religiosos; estaremos fazendo nossa confissão de fé; estaremos proclamando o evangelho ao mundo; estaremos nos aproximando também da natureza do relacionamento santo com Deus, sempre tendo em mente que a oração não é algo para nosso próprio benefício, mas para que o nome do Senhor seja glorificado.

A prática espiritual dos pais e das mães do deserto pode ser resumida em fugir, estar em silêncio e orar. São três verbos que se aplicam à maneira como devemos agir diante da batalha contra

o maligno: fugir da tentação e do diabo, estar em silêncio para meditar na Palavra de Deus e discernir a vontade de Deus e orar. Para os pais e as mães do deserto, a batalha espiritual era contra o conformismo com o padrão de vida mundano, por isso eles se afastaram da sociedade.

A vida espiritual começa na igreja, não no indivíduo. Por isso, a necessidade do vínculo com a igreja para prestar contas da vida espiritual. Assim, o resultado da oração é uma maior intimidade com Deus que leva ao crescimento espiritual e deixa de ser algo individual para ser prestação de contas para com os outros.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. São Paulo: Vozes, 1990.

_____. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. *Comentário bíblico pentecostal do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.

BALZ Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Diccionario Exegético Del Nuevo Testamento*, 2 ed., 2 vols. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2001.

BASÍLIO DE CESAREIA. *El Espíritu Santo*. Madri: Ciudad Nueva, 1996.

BAUER, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, traduzido do alemão para o inglês por William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. Chicago, IL, USA and London, England: The University of Chicago Press, 1984.

BAUMGARTNER, Koehler. *The Hebrew & Aramaic Lexicon of the Old Testament*, vol. I, Leiden/Boston/Köln: Brill, 2001.

BEDFORD, Nancy. "Little Moves Against Destructiveness". In: Miroslav Volf and Dorothy Bass (eds.). *Practicing Theology: Beliefs and Practices in Christian Life*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

BERARDINO, Ângelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs (DPAC)*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRADSHAW, Paul F. *Two Ways of Praying*. OSL Publications, 2008.

_____. *Reconstructing Early Christian Worship*. Great Britain: Cromwell Press, 2009.

BURGE, Gary M. *A Bíblia e a terra*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2011.

CIPRIANO. De Dominica oratione. In: GIL-TAMAYO, J.A. *Obras completas de san Cipriano de Cartago*. Madrid: BAC, 2013.

CLARKE, Adam. *Comentario de la Santa Biblia*, 3 vols. Kansas City, MI, USA: Casa Nazarena de Publicaciones, 1988.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Stromata VII. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (Ed.). *Ante-Nicene Fathers (ANF)*, vol. 2. Peabody: Hendrickson Publishers, 1994.

CLINES, David J. A. (ed.). *The Dictionary of Classical Hebrew*, 8 vols. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993.

DORNELES, Vanderlei (ed. geral). *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia - Isaías a Malaquias*, vol. 4. 2013. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

DYRNESS, William; KÄRKKÄINEN, Veli-Mati (eds.). *Dicionário global de teologia (DGT)*. São Paulo: Hagnos, 2016.

EDERSHEIM, Alfred. *La Vida y los Tiempos de Jesus el Mesías*, 2 tomos. Madrid: Editoria Clie, 1989.

ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, 3 vols. tradução de Gordon Chown, São Paulo: Vida Nova, 1988.

FEE, Gordon D. *Paul's Letter to the Philippians*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1995.

FERGUSON, George. *Signs & Symbols in Christian Art*. New York: Oxford University Press, 1961.

FOWL, Stephen. *Philippians*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 2005

GESENIUS. *Gesenius' Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament*. Traduzido do alemão por Samuel P. Tregelles. Grand Rapids, Michigan, USA: William B. Eerdmans Publishing Company, 1982.

GONZÁLEZ, Justo. *Atos*. São Paulo: Hagnos, 2011.

HARRIS, R. Laird, ARCHER, JR, Gleason L., WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Vida Nova, Paulus e Loyola, 2008.

HERMAS. *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

HICHEY, Marilyn. *Quebre a cadeia da maldição hereditária*. Rio de Janeiro: Adhonep, 1993.

HOLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HORTON, Stanley M. *Isaías: o profeta messiânico*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2011.

_____. *Vitória Final (Apocalipse: as coisas que brevemente devem acontecer)*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2001.

IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.

ITIOKA, Neuza. *Os Deuses da Umbanda*. São Paulo: ABU, 1991.

JOHNSON, Todd E. "Doing God's Story: Theatre, Christian Initiation, And Being Human Together". In: LUGT, Wes Vander; HART, Trevor (Ed.). *Theatrical Theology: Explorations in Performing the Faith*. Cambridge: Lutterworth Press, 2015.

JONES, Stuart; McKENZIE. *Greek-English Lexicon Liddell & Scott*. London: Oxford University Press, 1968.

JUSTINO. *Justino de Roma (Diálogo com Trifão* 40.3). São Paulo: Paulus, 1995.

KEENER, Craig. *A mente do Espírito: a visão de Paulo sobre a mente transformada*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KELLY, J. *Patrística*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

LACOSTE, Jean-Yves (org.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 43ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003.

MORESCHINI, Claudio. *História da filosofia patrística*. São Paulo: Loyola, 2008.

NOUWEN, Henri. *The Way of the heart: The Spirituality of the Desert Fathers and Mothers*. New York: Harper One, 2016, e-book.

ORÍGENES. *On Prayer*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, 2001. Disponível em: <http://www.ntslibrary.com/PDF%20Books/Origen%20on%20Prayer.pdf>.

ORR, James. M.A., D.D. *The International Standard Bible Encyclopaedia*, 4 vols. Hendrickson Publishers, Michigan, USA, 1996.

PADRES APOSTÓLICOS. *Didaqué*. São Paulo: Paulus, 1995.

PEACE, Richard. *Noticing God*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2012.

PLATÃO. *República*. Bauru: EDIPRO, 2006.

PSEUDO-DIONÍSIO, o Aeropagita. *Obra completa*. São Paulo: Paulus, 2004.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1985.

ROBERTSON. A. T. *Comentário Mateus & Marcos à luz do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2011.

ROBINSON, Edward. *Léxico Grego do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2012.

ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em Crise*. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2009.

SMITH, J. *Você é aquilo que ama*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

SOARES, Esequias (org.). *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2017.

TERTULIANO. *Apology*. in ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (Ed.). *Ante-Nicene Fathers (ANF)*, vol. 3. Peabody: Hendrickson Publishers, 1994.

_____. *El Bautismo. La Oración*. Madrid: Ciudad Nueva, 2006.

_____. *To His Wife*. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (Ed.). *Ante-Nicene Fathers (ANF)*, vol. 4. Peabody: Hendrickson Publishers, 1994.

TOZER, A. W. "How the Lord Leads". In: *The Set of the Sail*. Camp Hill: Wing Spread Publishers, 2010.

VAN DER TOORN, Karel; BECKING, Bob; VAN DER HORST, Pieter. *Dictionary of Deities and Demons in the Bible (DDDBa)*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1999.

VANGERMEREN, Villem A. (org.). *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*, 4 vols. São Paulo: Cultura Cristã: 2011.

VERBRUGGE, Verlyn D. *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALTKE, Bruce. *Comentários do Antigo Testamento: Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WHITE, Ellen G. *Primeiros Escritos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

WILLIAMS, Rowan. Pecado. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Loyola, 2004.